

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO DA REGIÃO CACAUUEIRA



ASPECTOS
DA ATIVIDADE
PESQUEIRA

volume 9



COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA
VINCULADA AO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

INSTITUTO INTERAMERICANO DE CIÊNCIAS AGRÍCOLAS

639.2098142 Ferreira, Orlins.

F383

Aspectos da atividade pesqueira. Rio de Janeiro, Carto-Gráfica Cruzeiro do Sul, 1976.

95p. ilustr. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauera, 9)

Bibliografia:

1. Pesca - Bahia - Sudeste.
 2. Pesca - Comercialização - Bahia - Sudeste.
 3. Pesca - Produção - Aspectos econômicos.
 4. Pesca - Produção - Aspectos sociais.
- I. Série. II. Título.

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA 16 ENE 1980

Vinculada ao Ministério da Agricultura

INSTITUTO INTERAMERICANO DE CIÊNCIAS AGRÍCOLAS – OEA

DIAGNÓSTICO SOCIO-ECONÔMICO DA REGIÃO CACAUEIRA

CONVÊNIO IICA/CEPLAC

VOLUME 9

ASPECTOS DA ATIVIDADE PESQUEIRA

**Ilhéus, Bahia, Brasil
1975**

00007256

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA – CEPLAC

Conselho Deliberativo

Presidente:	Alysson Paulinelli Ministro da Agricultura
Vice-Presidente:	Benedicto Fonseca Moreira Diretor da Carteira de Comércio Exterior Banco do Brasil S.A.
Secretário-Geral:	José Haroldo Castro Vieira
Representantes:	Ministério da Indústria e do Comércio Carlos Pereira Filho Governo do Estado da Bahia José Guilherme da Motta Governo do Estado do Espírito Santo Emir de Macedo Gomes Banco Central do Brasil Antônio Luiz Marchesini Torres Produtores do Cacau Onaldo Xavier de Oliveira

Administração da CEPLAC

Secretário-Geral:	José Haroldo Castro Vieira
Diretor Científico:	Paulo de Tarso Alvim
Diretor Administrativo Regional:	Roberto Midlej
Coordenador Geral de Programas:	Jorge Raymundo Vieira
Diretor do Centro de Pesquisas do Cacau:	Fernando Vello
Diretor do Departamento de Extensão:	Manoel Malheiros Tourinho
Diretor da Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira:	Altenides Caldeira Moreau

INSTITUTO INTERAMERICANO DE CIÊNCIAS AGRÍCOLAS – OEA

Diretor Geral:	José Emílio Araújo
Diretor Regional para a Zona Sul:	Manuel Rodríguez Zapata
Representante no Brasil:	Luis A. Montoya

COORDENAÇÃO DO DIAGNÓSTICO

IICA: Levy Cruz, Sociólogo Rural
(Até 30 de setembro de 1974)

CEPLAC: Hermino Ramos de Souza, Economista
(De agosto de 1974 a junho de 1976)

Antonio Manoel Freire de Carvalho Eng. Agrônomo
(a partir de julho de 1976).

I. EQUIPE TÉCNICA

GRUPO DE RECURSOS NATURAIS

Sub-Coordenador: Miguel Roeder

1. *Cartografia Básica:*

José de Oliveira Leite – Eng.^o Agr.^o

2. *Clima:*

Miguel Roeder – Eng.^o Agr.^o

3. *Geologia:*

Hélio C. A. Azevedo – Geólogo

Nelson Sá Oliveira – Geólogo

Pedro Barbosa de Deus – Geólogo

4. *Hidrologia:*

Carlos Armando Rocha Filho – Eng.^o Civil

5. *Solos:*

Antonio Carlos P. Dias – Eng.^o Agr.^o

Acyr A. Melo – Eng.^o Agr.^o

Luiz Ferreira da Silva – Eng.^o Agr.^o

Raimundo Carvalho Filho – Eng.^o Agr.^o

6. *Uso Atual da Terra:*

João Edivaldo Lima dos Santos – Veterinário

José de Oliveira Leite – Eng.^o Agr.^o

7. *Vegetação:*

João Baptista Soares Gouvêa – Geógrafo

Máximo Hori – Eng.^o Florestal

Terézinha de Jesus Soares Ramos – Eng.^o Agr.^o

Sérgio Guimarães da Vinha – Eng.^o Agr.^o

Luiz Alberto Mattos Silva – Tec. Agric.

GRUPO DE SOCIOECONOMIA

Sub-Coordenadores: Hermino Ramos de Souza – Economista (a partir de agosto de 1974)

Levy Cruz – Sociólogo Rural – IICA (até julho de 1974)

Amauri Ferreira Muniz – Estatístico

Ana Maria Bianchi dos Reis – Socióloga

Décio Farias Novaes – Eng.^o Agr.^o

Egon Lucas Pereira – Analista de Sistemas (Contratado pelo IICA)

Emilie Almeida Nofal – Economista

Frederico Monteiro Álvares Afonso – Eng.^o Agr.^o

Gumercindo Martins de Sá Filho – Eng.^o Agr.^o

Hélio Estrela Barroco – Economista

Helomar Duarte Ramalho – Sociólogo

Hircio Ismar Santana Ferreira – Eng.^o Agr.^o

Ivan da Mata Machado – Economista

Luis Alfredo Nunes Raposo – Economista

Luciano Carlos Vital de Mattos – Economista

Manoel Malheiros Tourinho – Eng.^o Agr.^o

Maria Helena Alencar – Eng.^o Agr.^o

Orlins Ferreira – Sociólogo

Ruy de Lima Ribeiro – Economista

Selem Rachid Asmar – Sociólogo

II. EQUIPE AUXILIAR

TÉCNICOS AUXILIARES EM CARTOGRAFIA

Estevão de Jesus Neves – Agrimensor
Gilmar Silva – Desenhista
José Resende Mendonça – Técnico em Cartografia

ENTREVISTADORES

Acy Marinho e Souza
Aécio Flávio Alves Marinho
Almerino José dos Santos
Altair Oliveira Santos
Ana Maria Pereira de Alencar
Amaro Paulino dos Santos
Anderson Lima Vieira
Antonio Joaquim Bastos da Silva
Áureo Luiz de Azevedo Brandão
Bernardino Oliveira Penna Júnior
Carlos Alfredo Boa Morte Brugni
Carlos Leonel Bonfim Lima
Clemilda Araújo Santos
Cristofer Santos Pacheco
Dalton Luiz Almeida
Daviel Tunes da Silva
Djalma da Silva Santos
Eduardo Celso Nader Almeida
Eduardo Oliveira Aragão
Eduardo Oscar D'El Rey
Edibaldo Fernandes de Souza
Eliene Veloso Guimarães
Ely Marinho e Souza
Fernando Augusto Correia de Carvalho
Fernando Candido Lindotte Garcia
Geraldo Miguel Cardoso Silva
Gerson Augusto da Silva Filho
Ginalva Xavier de Matos
Helena Santos Mendonça
Hernán Rojas Calvo
Horácio Correia de Menezes
Ione Carneiro Freire
Iranilda da Silva Patrocínio
Ivanise Luz Mendes
Jabs Santos Barreto
Jacira Alves Cardoso
João Carlos Nunes Filho
João Paulo Ribeiro
Joilson Matos Silva
Josenaldo Caldas Gonçalves
José Victor Pessoa
Josélia Amorim Soares
Kleber Antonio Torres de Moraes
Laércio Pinho Lima
Letícia Maria Muniz Cavalcante
Liane Maria Machado Borges
Lídione Maria Meireles Barbosa
Luiz Martoni Bertolo Caffé
Luiz Henrique de Silveira Halla
Luciano Magno do Nascimento Faria
Magnezi Lopes de Barros
Marcus Vinicius Porto de Souza

Marivaldo Alves dos Santos
Marlise Irene Nascimento Reis
Maria Celia de Menezes
Maria de Lourdes dos Santos
Maria do Socorro Marques de Souza
Marida do Socorro Reis Leite
Maria Geuza de Souza Pontes
Maria Irenilda Oliveira Silva
Maria José Barreto dos Santos
Maria José do Nascimento Brandão
Maria Luíza Aboud
Maria Muniz Cavalcante
Mário Oliveira Nascimento
Milton Santos
Naira Cerqueira Gomes
Nilza São Pedro Soares
Og Robson de Menezes Chagas
Osvaldo Martins dos Santos
Otaldes Maria Oliveira Silva
Paulo Cunha Melo Ramos
Railda Andrade Correia
Reinaldo Costa Silva
Sebastião Correa Soares
Selma Maria Marins
Silvano Oliveira Nascimento
Simone Soares Netto
Telma Margarida de Carvalho
Téo Nilo Ferreira de Castro
Vera Lúcia Sales Soares

DATILOGRAFIA

Maria Bernardete de Oliveira Cezar (Secretária)
Maria das Graças dos Santos
Maria Isabel Rodrigues da Silva
Neuza Maria Lemos Santos
Raimunda Maria Silva
Rita Maria Pinto de Souza
Solange Modesto Kruchewsky

APOIO ADMINISTRATIVO

Edir Santos
Manoel Quirino dos Santos
Raimundo Borba
Railton Sales Ribeiro
Veraldo Lopes Diniz

MOTORISTAS

Antonio José dos Santos
Antonio Alberto Oliveira
Aroldo Cardoso França
Augusto Figueiredo
Dalto Pereira da Silva
Daniel Damasceno
Domingos Emanuel da Silva Freire
Gilberto Monti Carvalho

Gilberto da Silva Moura
Helenyton Inglessias de Fonseca
José Augusto Pedreira
José Farias Filho
José Herculano Silva
José Iran dos Santos
José Menezes Filho
Jones Gonçalves de Matos
Liseleon Borges de Oliveira
Manoel Mota de Oliveira
Manoel Sá Botelho
Manoel Silva Araújo
Nilton da Conceição Gomes
Ruy Cardoso França
Sansão Alves de Lima
Sebastião Goulart Macedo
Wilson Moraes da Silveira

III. ASSESSORES

Brancolina Ferreira – IPLAN
Gilberto Paez – IICA
José Barrios – IICA
Juan Diaz Bordenave – IICA
Samuel Miragem – IICA

IV. TRABALHOS SOB CONVÊNIO

Estudo do Setor Público: Universidade Federal da Bahia (Departamento de Economia Aplicada).
Geologia Econômica e Recursos Minerais: Universidade de São Paulo.
(Instituto de Geo-ciências)
História Econômica e Social: Universidade Católica de Salvador
Hierarquia Urbana: Universidade Federal da Bahia (Instituto de Geo-ciências)
Relações de Produção: Universidade Federal da Bahia
(Departamento de Economia Aplicada)
Recursos humanos: Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
(Departamento de Recursos Humanos)

V. REVISÃO EDITORIAL

Lúcia Thereza Lessa
(Contratada pelo IICA)

VI. CARTOGRAFIA

Obtenção de mosaicos semi-controlados de imagens de radar: Projeto Radam
Planejamento Cartográfico Final: Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul S.A.

VII. IMPRESSÃO

Carto-Gráfica Cruzeiro do Sul S.A.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, denominado "Diagnóstico Sócio-Econômico da Região Cacaueira", que abrangeu 89 Municípios e 91.819 quilômetros quadrados, da cognominada GRANDE REGIÃO CACAUEIRA, representa um gigantesco esforço de vários anos, envolvendo centenas de técnicos e instituições colaboradoras, sob o comando da CEPLAC – Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, do Ministério da Agricultura e do IICA – Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, da Organização dos Estados Americanos.

Quando autorizamos a sua elaboração em 1970, estávamos convencidos de que a região sul-baiana iria atravessar, nas décadas vindouras, período de pleno desenvolvimento, mercê, principalmente, das três grandes obras que compõem o tripé ali implantado pelo Governo Federal: a estrada BR-101, o Porto do Malhado, em Ilhéus, e a CEPLAC, constituindo-se esta em uma obra permanente como instrumento de mudança e modelar dos costumes de uma nova era para a região.

O Diagnóstico, em seus vários volumes e mapas, dentro do melhor índice possível de credibilidade, aborda aspectos de recursos naturais, humanos, econômicos e sociais da área.

Certamente, com a publicação deste trabalho, que honra a qualidade e a honestidade profissional do técnico brasileiro, o sul da Bahia, a partir de agora, diferentemente do passado, se alinha como uma das regiões mais estudadas do País, dispondo dos melhores dados e indicadores.

O sul da Bahia, podemos afirmar, em futuro muito próximo, será uma região policultora, com uma pujante pecuária e vários empreendimentos industriais, alargando a sua fronteira econômica e gerando um número cada vez maior de empregos e uma crescente melhoria de vida de sua população.

Aí estão, além do permanente fortalecimento do cacau, a se materializarem as iniciativas já sentidas da diversificação agrícola da área, dos grandes projetos do polo açucareiro e de reflorestamento, das novas indústrias de derivados do cacau, dos frigoríficos e das usinas de aproveitamento do leite, entre outros, planejados inclusive com o uso das informações geradas pelo Diagnóstico antes mesmo da sua publicação oficial.

O Diagnóstico e suas sugestões, que a CEPLAC e o IICA tentarão dinamizar em seguida à sua publicação, buscam indicar novas alternativas, orientar e disciplinar investimentos destinados aos setores público e privado, dando-lhes o suporte que se fizer necessário ao pleno uso das potencialidades da região, pretendendo-se implantar, ainda, um processo de revisão periódica dos seus principais dados, para a permanente atualização do documento.

A CEPLAC e o IICA, nesta oportunidade em que se sentem honrados em oferecer ao País este valioso acervo, agradecem a todas as entidades, técnicos e funcionários, e à própria população da área, sempre receptiva, pela cooperação que lhes foi prestada, sem a qual não seria possível alcançar o objetivo a que se propuseram.



José Haroldo Castro Vieira
Secretário-Geral

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, duas idéias sobre o futuro da sociedade adquiriram novos contornos e, se bem levem a conclusões distintas, constituem fonte de inquietações para todos aqueles que têm alguma responsabilidade na condução da coisa pública. Uma, a mais pessimista, preocupa-se, principalmente, com o extraordinário aumento da população no chamado Terceiro Mundo e com as conseqüências que poderão advir do fato de os recursos naturais estarem muito próximos ao limite do seu aproveitamento. Outra, não tão pessimista, considera que o potencial destes recursos ainda é de magnitude a permitir a alimentação de contingentes consideráveis de pessoas, desde que racionalmente utilizados. Evidentemente, esses dois enfoques levam a concepções distintas do planejamento da economia em geral e da agricultura como parte integrante da mesma; em qualquer hipótese, ressaltam a necessidade de uma ação planejada.

No caso específico dos países em desenvolvimento, entre os quais se situa o Brasil, o conhecimento da realidade econômico-social de sua agricultura adquire importância ainda maior, por diversas razões. Uma destas prende-se ao fato de que grande parte de sua população se dedica às atividades agropecuárias e de que os níveis de renda e, conseqüentemente, o nível de vida desta população são muito inferiores aos da que está ocupada nos outros setores da economia. Por outro lado, não se pode nunca esquecer que, nas condições atuais desses países, a agricultura desempenha papel estratégico para o crescimento de suas economias, no que se refere à transferência de recursos e como fonte de divisas, uma vez que a maior parte das exportações procede desse setor. A prioridade dada a um ou outro desses aspectos, obviamente, depende da orientação da política econômica.

No caso particular do Sudeste da Bahia, o seu desenvolvimento tem sido comandado, basicamente, pelo comportamento da cultura do cacau e da pecuária, acompanhadas de outras atividades de reduzida significação econômica, tais como: a exploração da banana, coco, madeira, dendê, piaçava, mandioca e seringa. Na realidade, o principal motivo que determinou a realização do estudo foi a vulnerabilidade da economia da região, que tem grande parte de sua área extremamente dependente da exportação de um produto primário — o cacau — sujeito às oscilações de seus preços no mercado internacional. Embora inserida num contexto mais amplo, o Estado da Bahia, o nível de atividade na área produtora acompanha de maneira muito próxima o desempenho de seu principal produto. Em outros termos, uma má colheita de cacau ou condições desfavoráveis de seus preços no mercado internacional têm, de imediato, reflexos negativos nos demais setores. Por outro lado, a rigidez da cacauicultura que, nas condições atuais de exploração, apresenta oferta inelástica a uma variação vantajosa de preços, impede que a área aproveite plenamente uma conjuntura favorável.

O estudo abrangeu não só a área produtora de cacau, mas, também, outras circunvizinhas, em face da hipótese levantada no início do trabalho quanto às relações mantidas entre ditas áreas, em termos de fluxos de bens e serviços e fatores de produção.

Assim sendo, o Sudeste da Bahia, aqui definido, compreende uma área de 91.819 quilômetros quadrados, distribuídos por 89 municípios e sete micro-regiões homogêneas da FIBGE: Planalto de Conquista, Pastoril de Itapetinga, Tabuleiros de Valença, Encosta do Planalto de Conquista, Cacaueira, Interiorana do Extremo Sul, Litorânea do Extremo Sul e parte da de Jequié (10 municípios), com uma população residente de 1.977.410 habitantes em 1970. Esta região está localizada entre a linha da costa e o meridiano de 41°30' de longitude a oeste de Greenwich, e entre os paralelos de 13°00' e 18°15'.

Com o conhecimento prévio que a CEPLAC acumulou em mais de três lustros de atuação de seus técnicos na área, partiu-se para a realização deste diagnóstico, com os seguintes objetivos::

- a) Inventariar a potencialidade de recursos naturais e sócio-econômicos;
- b) Analisar o uso desses recursos;
- c) Identificar os problemas responsáveis pela defasagem existente entre a sua potencialidade e o seu uso, com vistas a permitir o estabelecimento de medidas capazes de reduzir a vulnerabilidade da economia regional e assegurar um ritmo mais intenso e contínuo de desenvolvimento.

Determinados esses objetivos, o trabalho não poderia deixar de transcender os limites da agricultura e, de fato, foi o que aconteceu. Sob essa orientação, foram abordados os seguintes assuntos:

RECURSOS NATURAIS: Solos, Aptidão Agrícola, Uso Atual da Terra, Reconhecimento Climatológico, Hidrologia, Geologia Econômica e Recursos Minerais, Vegetação;

SÓCIO-ECONOMIA: História Econômica e Social, Recursos Humanos (População, Educação, Saúde), Processo Produtivo Agropecuário, Comercialização, Estrutura Agrária, Relações de Produção, Renda e Consumo, Pesca, Indústria, Setor Público, Hierarquia Urbana.

ASPECTOS DA ATIVIDADE PESQUEIRA

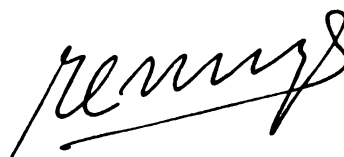
No Brasil, uma das opções para suprir a carência proteica da população é a de incentivar o aumento da produção de pescado de origem marinha e de águas interiores, visto que existem inúmeros ambientes pesqueiros a serem explorados mais racionalmente.

Na Região Sudeste da Bahia, esses pesqueiros são abundantes e diversificados, pois a área possui um litoral de aproximadamente 640 quilômetros, com 110.000 ha de mangues, além de inúmeras bacias hidrográficas. No entanto, a problemática da pesca regional é muito complexa, sendo necessário conhecer o conjunto de variáveis que caracterizam seu sistema de relações.

Somente a partir desses elementos poder-se-á subsidiar o órgão responsável pela política de pesca no Estado, fornecendo-lhe os elementos necessários ao cumprimento de suas metas.

Para isso, elaborou-se um esquema objetivando uma visão geral do ambiente e de seus recursos pesqueiros, da produção, da comercialização, das relações de produção e de alguns aspectos demográficos e culturais.

Este estudo, resultado de um levantamento sócio-econômico realizado em 23 dos 89 municípios da Região Sudeste da Bahia, visa apresentar, portanto, subsídios que definam as condições de desempenho e o sistema de relações das áreas pesqueiras ali existentes.



Hermino Ramos de Souza
Coordenador
Diagnóstico Sócio-econômico
da Região Cacaueira

AGRADECIMENTOS

A equipe responsável pelo Projeto Diagnóstico Sócio-econômico da Região Cacaueira agradece todo o apoio recebido, desde a etapa de planejamento à sua execução, à Secretaria Geral e Administração Regional da CEPLAC, nas pessoas dos Srs. José Haroldo Castro Vieira, Dr. Roberto Midlej e Dr. Paulo de Tarso Alvim, e à Direção do IICA, nas pessoas dos seus Representantes no Brasil, Dr. José Irineu Cabral (até fins de agosto/74) e Dr. Luis A. Montoya (atual).

1. Setores da CEPLAC

- Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC)
- Centro de Processamento de Dados (CPD)
- Departamento de Extensão (DEPEX) – Coordenação e Escritórios Locais.
- Divisão de Comunicação (DICOM)
- Divisão de Manutenção (DIMAN)

2. População entrevistada

- Cacaucultores
- Comerciantes
- Gerentes de Bancos
- Industriais
- Pescadores
- Presidentes de Sindicatos e de Colônias de Pesca
- Produtores Rurais
- Populações urbanas das cidades selecionadas para estudo de renda e consumo.
- Trabalhadores Rurais.

3. Instituições e/ou pessoas que cooperaram mediante cessão de técnicos, fornecimentos de dados e de cadastro, processamento de dados e outros serviços:

- Arleo Barbosa
- Associação Comercial de Ilhéus
- Banco Bamerindus do Brasil S.A.
- Banco Brasileiro de Desconto S.A.
- Banco do Brasil S.A.
- Banco do Estado da Bahia S.A.
- Banco Econômico S.A.
- Banco Itaú S.A.
- Banco Nacional S.A.
- Banco do Nordeste do Brasil S.A.
- Banco Real S.A.
- Biblioteca Central de Salvador
- Caixa Econômica Federal
- Chefes de Comunidades religiosas
- Clubes de Serviço
- Coletorias Municipais
- Companhia Bahiana de Pesquisa Mineral (CBPM)
- Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA)
- Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM)
- Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau (CCPC)
- Cooperativas de Crédito Rural
- Delegacias da Secretaria de Educação
- Delegacias de Terra
- Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica
- Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA)
- Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (EMCERBA)
- Fundação Instituto de Geografia e Estatística (FIBGE)
- Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP)
- Grupo de Erradicação da Febre Aftosa da Bahia (GERFAB)

- Ministério da Agricultura – Delegacias, Departamentos e Setores
- Ministério da Marinha – Capitania dos Portos da Bahia, Agências de Ilhéus e Belmonte
- Prefeitos dos Municípios da Região
- Fundação CPE e Departamento de Geografia e Estatística da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia
- Sindicatos Rurais
- Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE)
- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)
- Superintendência de Campanhas de Saúde (SUCAM)

Demais instituições, e pessoas, cujo registro nos escapou, mas que, direta ou indiretamente, colaboraram na execução deste Projeto.

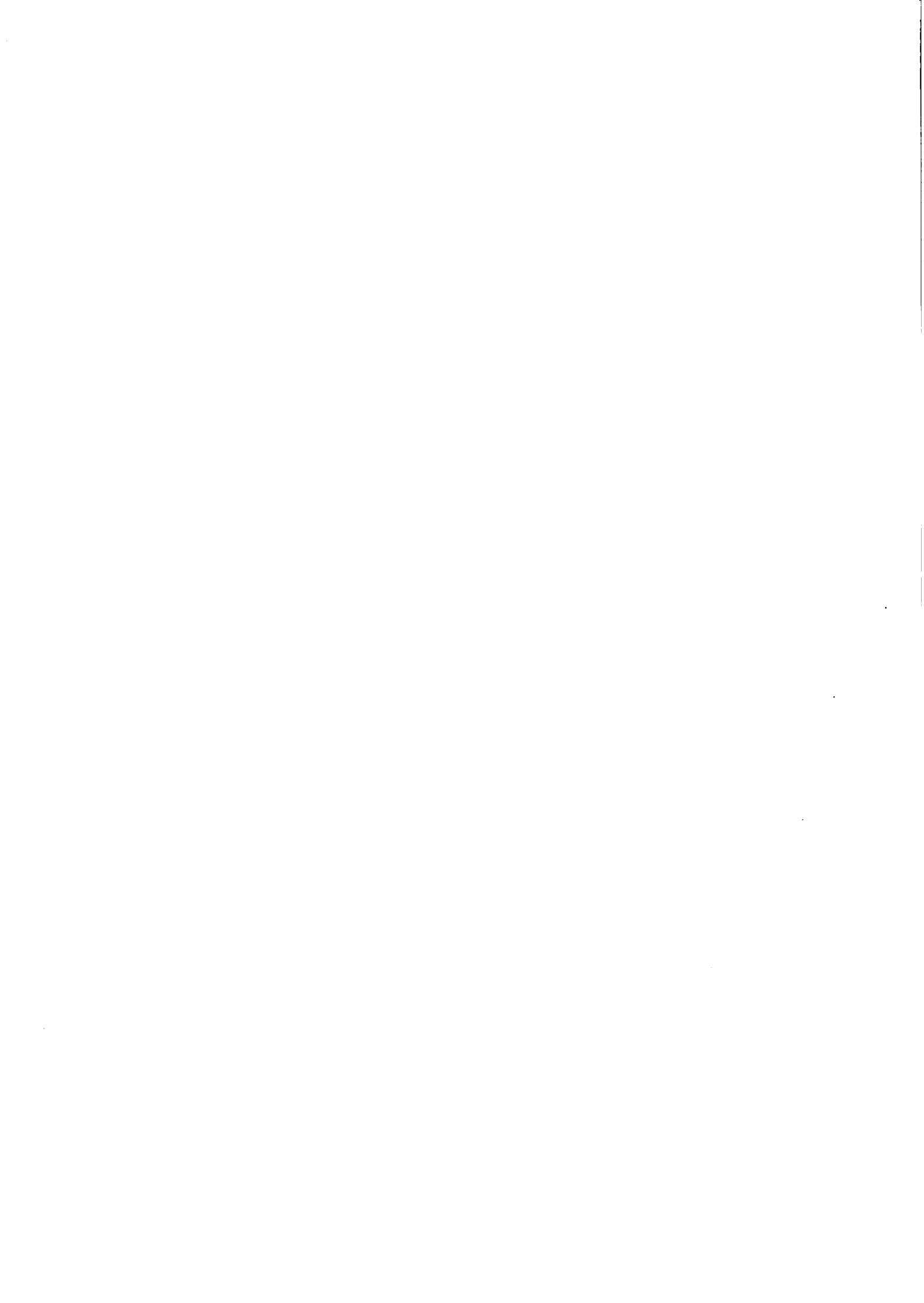
SUMÁRIO

VOLUME 9 ASPECTOS DA ATIVIDADE PESQUEIRA

OBJETIVOS	1
ASPECTOS METODOLÓGICOS	1
CAPÍTULO 1	
ASPECTOS GERAIS	3
1.1. Municípios e concentrações pesqueiras	3
1.2. Pescadores	3
1.3. Embarcações	4
1.4. Aparelhos de pesca	5
1.5. Colônias de pesca	5
CAPÍTULO 2	
O MEIO-AMBIENTE E SEUS RECURSOS PESQUEIROS	10
2.1. Tentativa de caracterização da área pesquisada	10
2.2. Recursos pesqueiros	11
2.2.1. Pesqueiros, peixes mais comuns e época de maior ocorrência	11
CAPÍTULO 3	
A PRODUÇÃO	13
3.1. Volume da produção	13
CAPÍTULO 4	
MERCADO	15
4.1. Tipos de intermediários	16
4.2. Mecanismo de distribuição	16
4.3. Mecanismo de preços	16
4.4. Importação	16
CAPÍTULO 5	
RELAÇÕES DE PRODUÇÃO	21
5.1. Posse dos meios de produção e participação nas atividades de pesca	21
5.2. Processo de formação de mão-de-obra pesqueira e tipos de aparelhos de pesca usados neste processo	21
5.3. Formas de participação no processo de captura do pescado	22
5.4. Critérios de seleção e participação nos resultados da pesca	22
5.5. Divisão de trabalho nos diversos tipos de embarcações	23
5.6. Preferências quanto à vinculação a uma empresa de pesca	24
5.7. Formas utilizadas para a localização de pesqueiros e tipos de isca usados na captura do pescado	24
5.8. Beneficiamentos feitos pelos entrevistados em suas embarcações no ano de 1972	24
5.9. Empréstimos feitos pelos entrevistados para aquisição e/ou reparos dos meios de trabalho	25
CAPÍTULO 6	
ORIGEM DOS PESCADORES	40
6.1. Características originais dos migrantes	40
6.2. A família e alguns aspectos demográficos	41
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	46
ANEXO 1. PESCADORES E EMBARCAÇÕES	49
ANEXO 2. APARELHOS DE PESCA	55
ANEXO 3. PESQUEIROS	61
ANEXO 4. IMPORTAÇÃO DE PESCADO	83
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	95

ASPECTOS DA ATIVIDADE PESQUEIRA

Orlins Ferreira



OBJETIVOS

Para identificar as metas alternativas visando o desenvolvimento do setor pesqueiro artesanal na Região Sudeste ou, mais precisamente, no Polígono estudado por este Diagnóstico, surge, como primeiro passo, a necessidade de se conhecer a situação atual de sua estrutura sócio-econômica. Assim, neste estudo, procurou-se, de um modo resumido, apresentar uma descrição geral dos seguintes aspectos:

1. Distribuição espacial dos municípios, concentrações pesqueiras, aparelhos de pesca¹ e embarcações.
2. O meio-ambiente e seus recursos pesqueiros.
3. Relações de produção, mercado e comercialização.
4. Aspectos sócio-econômicos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a execução do estudo da pesca no Polígono do Diagnóstico, o passo inicial foi a escolha da área a ser pesquisada, ficando estabelecido que apenas 23, dos 89 municípios analisados pelo Projeto Diagnóstico, seriam abrangidos pelo estudo. Estes, segundo a divisão territorial do IBGE para a Bahia, estão distribuídos em três Microrregiões homogêneas, a saber: Tabuleiros de Valença, com sete municípios localizados na faixa estuarina; Cacaueira, abrangendo nove municípios, sendo que três deles estão situados mais para o interior e Litorânea do Extremo Sul da Bahia, com sete municípios, localizados na faixa litorânea.

A razão de não ter sido ampliada a área pesquisada foi o desconhecimento de concentrações pesqueiras nos municípios localizados mais para o interior. Estabelecida a área a ser diagnosticada, surgiu a dificuldade da inexistência de um censo de população pesqueira, o que impossibilitava o cálculo amostral. Sendo assim, ficou decidido inicialmente um levantamento dos pescadores, embarcações e aparelhos de pesca junto às colônias existentes na área, mas ficou constatado que as mesmas não teriam condições de oferecer, mesmo em base de estimativa, o universo que nos propunhamos obter. Abandonando-se essa opção, ficou estabelecido que a equipa responsável por este relatório faria o levantamento cadastral.

Neste levantamento, o pescador foi considerado como o elemento humano que exerce como atividade principal ou secundária a pesca, para fins comerciais, em suas diversas modalidades.

A concentração pesqueira foi conceituada como um aglomerado litorâneo, estuarino ou de águas interiores, cuja força de trabalho se encontra

mobilizada especialmente nas atividades pesqueiras para fins comerciais, compreendidas em suas etapas de captura, aproveitamento industrial, comercialização e ainda na confecção de aparelhos de pesca e na construção de embarcações.

Para a obtenção dos dados foi elaborada uma ficha censitária, na qual constaram os seguintes itens:

- a) município pesquisado;
- b) nome da concentração pesqueira;
- c) acesso à sede do Município;
- d) nome do pescador;
- e) número de embarcações, por tipo e capacidade (kg);
- f) número de aparelhos de pesca, por tipo.

Após a confecção das fichas, formaram-se duas equipes, tendo como área de trabalho primeiramente os municípios a serem cadastrados na Microrregião (MR) do Extremo Sul, iniciando pelo município de Mucuri, o mais distante e de difícil acesso. Os membros da equipe, ao chegarem nas sedes dos municípios, entravam em contato com as autoridades municipais, presidentes de Colônias de Pesca e com os pescadores, expondo aos mesmos o objetivo do trabalho. Auxiliados por guias, pessoas escolhidas entre os pescadores, pesquisava-se de porta em porta, aplicando a ficha até as concentrações mais distantes das sedes.

Em janeiro de 1973, a segunda equipe visitou os municípios que compõem a MR Tabuleiros de Valença.

Houve algumas dificuldades, que cumpre relatar, para melhor conhecimento da área de pesquisa, tais como o acesso às concentrações pesqueiras mais distantes, principalmente as localizadas ao longo do litoral e dos estuários, obrigando as equipes a lançar mão de pequenas embarcações, ou muitas vezes, a ter que seguir a pé até as concentrações pesquisadas.

Problemas surgiram com os atrasos motivados pela época quente (verão), quando a maioria dos pescadores encontrava-se exercendo suas atividades de captura do pescado no mar ou no estuário, e também houve limitações na maré vazante, principalmente na MR Tabuleiros de Valença, possuidora de imensos estuários.

Os membros das equipes, por outro lado, constantemente se deparavam com as mais variadas denominações para um mesmo aparelho de pesca, às vezes dentro de um só município.

De posse do número de pescadores existentes nas diversas concentrações da área em estudo, foi calculada a amostra probabilística, tendo sido aplicados 522 questionários junto aos pescadores sorteados e 84 junto ao universo dos intermediários de pesca existentes em toda a área.

O questionário aplicado aos pescadores utilizou as mesmas perguntas elaboradas para os

¹ Aparelhos de pesca: entende-se por aparelhos de pesca aqueles instrumentos empregados na captura do pescado (redes, anzóis e armadilhas).

demais questionários do projeto Diagnóstico, desde que possuíssem aplicabilidade à problemática pesqueira, não se efetuando, nestes casos, nenhuma adaptação. Em relação a outros conteúdos, entretanto, foram necessárias as seguintes modificações:

Processo produtivo: O Projeto Processo Produtivo foi feito com exclusividade para o problema agropecuário, cuja unidade de produção é a terra; por essa razão, houve necessidade de operacionalizar, para a pesca, variáveis típicas, tais como:

1. O ambiente e seus recursos pesqueiros
 - 1.1 Caracterização das áreas pesquisadas:
 - a) litorânea;
 - b) mangues;
 - c) bacias hidrográficas;
 - 1.2 Áreas de pesca
 - a) pesqueiros mais utilizados pelos pescadores;
 - b) peixes mais comuns e época de maior ocorrência;

2. Bens de Capital

2.1 Fixo: inventariado conforme suas capacidades produtivas (barco e aparelhos de pesca);

2.2 Circulante: verificação dos gastos com combustíveis e material de conservação e estoque, no período compreendido entre a captura e a venda do pescado;

3. Produção: estabelecer a tecnologia empregada no processo de captura, a fim de saber o nível dos recursos empregados e o volume da produção;

4. Resultados obtidos: conhecidos a partir do volume produzido num determinado período de tempo, subtraindo-se do total a parte consu-

mida pelo produtor (pescador) e seus agregados, como também a parte do produto dado em pagamento à mão-de-obra auxiliar.

Indústrias: Neste projeto, em face da conceituação de indústria adotada e considerando-se a importância do gelo para a conservação do pescado, foi feito um estudo de todas as empresas produtoras de gelo localizadas dentro da área pesqueira, a fim de quantificar o volume e a oferta do mercado produtor, aplicando-se um questionário específico a todas as unidades produtoras.

Mercado e comercialização: Este projeto abrange também a pesca. Entretanto, na sua comercialização, existem características próprias que exigiram algumas adaptações nos questionários de produtores e intermediários, como também a inclusão de perguntas que melhor demonstrassem as peculiaridades do sistema pesqueiro. Ao nível de dados secundários, fez-se a inclusão de uma ficha que foi aplicada a representantes do comércio de peixe localizados em toda a área do Diagnóstico, a fim de se obter o volume das importações e de se calcular o déficit do produto regional no atendimento à população da área.

Algumas outras limitações quanto à coleta de dados podem ser exemplificadas pelo fato de que grande parte das perguntas constantes do formulário de investigação nem sempre atingiram seus objetivos, dentre elas a que se referia à produção, pois os pescadores entrevistados não possuíam controle contábil da mesma, havendo, portanto, necessidade de se obter o volume da produção do pescado regional através de outras fontes.

O caráter específico das atividades de pesca artesanal, no entanto, aliado ao fato de que somente agora tais recursos estão sendo estudados cientificamente, faz com que as fontes oficiais de estatística não disponham das informações com a sistematização requerida para um estudo dessa natureza.

MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS

POLÍGONO DO DIAGNÓSTICO SÓCIO-ECONÔMICO DA REGIÃO CACAUEIRA

ESCALA GRÁFICA

0km 10 20 30 40 50km

Projeção conforme de Lambert

1975

LOCALIZAÇÃO



LEGENDA

- 144 JEQUIÉ
- 145 PLANALTO DE CONQUISTA
- 146 PASTORIL DE ITAPETINGA
- 152 TABULEIROS DE VALENÇA
- 153 ENCOSTA DO PLANALTO DE CONQUISTA
- 154 CACAUEIRA
- 155 INTERIORANA DO EXTREMO SUL
- 156 LITORÃNEA DO EXTREMO SUL

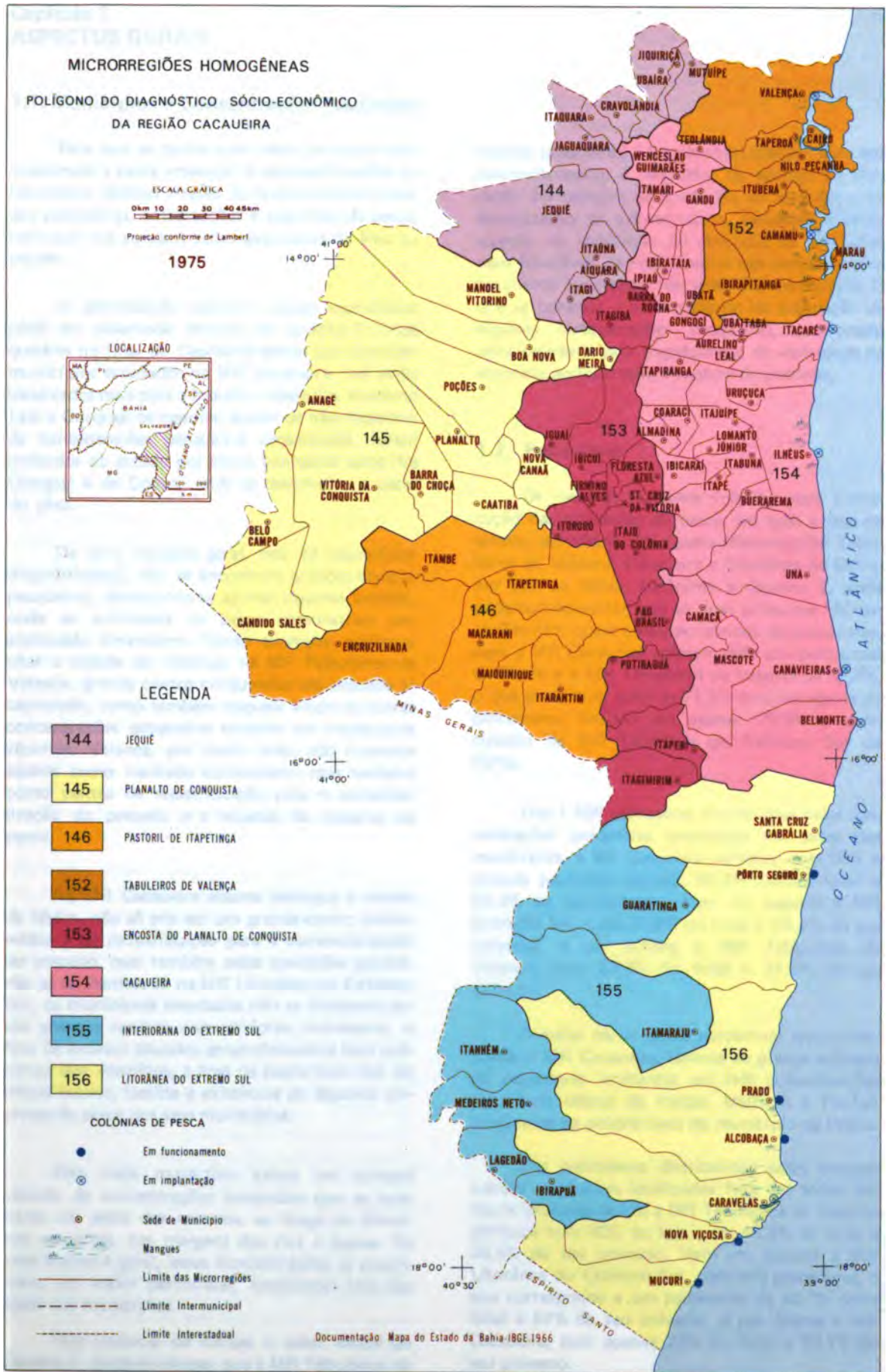
COLÔNIAS DE PESCA

- Em funcionamento
- Em implantação
- Sede de Município



- Limite das Microrregiões
- Limite Intermunicipal
- Limite Interestadual

Documentação: Mapa do Estado da Bahia-IBGE.1966





Capítulo 1 ASPECTOS GERAIS

1.1. Municípios e Concentrações Pesqueiras

Para que se tenha uma visão de como está organizada a pesca artesanal, é necessário avaliar os resultados obtidos através do levantamento inicial dos pescadores, embarcações e aparelhos de pesca, realizado nas concentrações pesqueiras da área do estudo.

A distribuição espacial desses municípios pode ser observada através do Quadro 1 (Vide quadros no final do Capítulo) sendo que dos nove municípios estudados na MR Cacaueira, três estão localizados mais para o interior: Ubaituba, Aurelino Leal e Gongogi; os mesmos, apesar de não disporem de concentrações pesqueiras organizadas, foram incluídos no estudo por serem banhados pelos rios Gongogi e de Contas, onde se desenvolve a pesca do pitu.

De uma maneira geral, nos 23 municípios diagnosticados, não se encontram grandes centros pesqueiros, destacando-se apenas algumas cidades, onde as atividades de pesca demonstram um acentuado dinamismo. Como exemplo, podemos citar a cidade de Valença, na MR Tabuleiros de Valença, grande centro consumidor do pescado aí capturado, como também daquele vindo de outras concentrações pesqueiras situadas em municípios vizinhos: Valença, por outro lado, não funciona apenas como mercado consumidor, mas também como centro de redistribuição para a comercialização do pescado e a revenda de material de pesca.

Na MR Cacaueira assume destaque a cidade de Ilhéus, não só por ser um grande centro consumidor e de redistribuição para a comercialização do pescado, mas também pelas condições portuárias aí existentes. Já na MR Litorânea do Extremo Sul, os municípios estudados não se destacam como grandes centros consumidores; entretanto, o fato de estarem situados geograficamente bem próximos dos Abroíhos, a área de pesca mais rica do litoral baiano, facilita a existência de algumas empresas de pesca nos seus municípios.

Para cada município existe um número variado de concentrações pesqueiras que se localizam nas sedes dos mesmos, ao longo do litoral, nos estuários, nas margens dos rios e lagoas. De uma maneira geral, essas concentrações se encontram, em maior percentual, localizadas fora das sedes dos municípios.

Pela vivência de campo e pelos dados do Quadro 1, pode-se afirmar que a MR Tabuleiros de Valença, por dispor de grandes estuários, tem a maioria de suas concentrações pesqueiras localizadas na faixa costeira propriamente dita. Quanto ao estágio em que se encontram essas concen-

trações pesqueiras, é importante observar que seu desenvolvimento é reduzido, no sentido da alteração das relações de produção, do mercado e da dinamização da infraestrutura, associada à participação da população na obtenção de condições mais favoráveis de vida, mesmo nas concentrações pesqueiras localizadas nas sedes dos municípios. O que se constata é o crescimento da população de algumas concentrações pesqueiras, ocasionado principalmente pela transferência de indivíduos da atividade agrícola para a captura do pescado.

1.2. Pescadores

Os recursos humanos voltados para a execução das atividades de pesca, em toda a área do estudo, são distribuídos pelas Microrregiões Tabuleiros de Valença, Cacaueira e Litorânea do Extremo Sul da Bahia, conforme o Quadro 2, onde podemos constatar que as duas primeiras Microrregiões têm quase o mesmo número de pescadores, com a MR Cacaueira apresentando um percentual de 35,9% e a MR Tabuleiros de Valença de 35,6%, o que perfaz um total de 71,5% do contingente de pescadores, ficando em apenas 28,5% a participação da MR Litorânea do Extremo Sul da Bahia.

Dos 1 596 pescadores distribuídos pelas concentrações pesqueiras localizadas nas sedes dos municípios, a MR Cacaueira participa com 805, a metade portanto, ou seja, 50,4% daquele total e 66,3% do seu universo. Vem em seguida a MR Extremo Sul, com 25,8% do total e 43,8% do seu universo, e por último a MR Tabuleiros de Valença, com 23,8% do total e 31,5% do seu universo.

A maior participação percentual, que corresponde à MR Cacaueira, deve-se ao grande número de pescadores existentes em três concentrações pesqueiras (Barra de Itapé, Malhado e Pontal) localizadas na própria sede do município de Ilhéus.

Dos pescadores distribuídos pelas concentrações pesqueiras localizadas fora das sedes dos municípios estudados, a MR Tabuleiros de Valença participa com 825, ou seja, com 46,3% do total e 68,5% do seu universo. Vem em seguida a MR Litorânea do Extremo Sul, com 548 pescadores, o que corresponde a um percentual de 30,7% desse total e 57% do seu universo, e por último a MR Cacaueira, com apenas 23% do total e 33,7% do seu universo.

Partindo-se desses dados, verifica-se a relação pescador/concentração pesqueira através do Quadro 3, onde constatamos que essa vinculação em

toda a área pesquisada, é de 40 pescadores por concentração, aproximadamente, o mesmo ocorrendo nas diferentes Microrregiões. No entanto, os termos mudam quando se observa separadamente as sedes dos municípios. Nestas, a relação alcança 71 pescadores por concentração pesqueira.

Um dos aspectos que mais chama a atenção nas concentrações pesqueiras pesquisadas, é a mobilidade ocupacional verificada em parte da população dos pescadores que habita aquelas localizadas fora das sedes dos municípios e mesmo as localizadas nos pequenos centros urbanos de toda a área diagnosticada.

Este fato é ocasionado pela inexpressiva atividade de captura do pescado no mar, nos meses de inverno, pois a maioria das embarcações que constituem a frota pesqueira regional é formada de canoas, não dispondo as mesmas de condições seguras de navegação que permitam enfrentar as intempéries nesses meses. Isso não deixa outra alternativa, a bom número de pescadores, sejam eles pequenos proprietários de embarcações ou aqueles que só possuem a sua força de trabalho, senão a de buscarem em outras atividades meios de sobrevivência no próprio município ou em outras áreas.

Já em centros urbanos como Ilhéus e Valença, essa mobilidade ocupacional também é bastante acentuada, mas dentro do próprio setor, não porque disponham seus pescadores de melhores embarcações, mas sim porque a grande maioria transfere suas atividades de captura do pescado para outros ambientes pesqueiros, como rios, lagoas e estuários.

1.3. Embarcações

Pelos quadros 4 e 5 pode-se concluir que a MR Tabuleiros de Valença lidera o número de embarcações existentes nas concentrações pesqueiras localizadas fora das sedes dos municípios, enquanto que a MR Cacaueira detém o maior número de embarcações localizadas nas sedes, em decorrência de possuir, como foi citado anteriormente, três grandes concentrações pesqueiras (Barra de Itaípe, Malhado e Pontal), situadas na cidade de Ilhéus, sede do município.

Procurando constatar a participação dos diversos tipos de embarcações que constituem a frota pesqueira regional, verifica-se, através do Quadro 6, que os barcos, em cujo total estão somadas as embarcações a vela e a motor, são em número de 138 e têm capacidade para 400 845 quilos, equivalendo apenas a 10% do total de embarcações e, no entanto, a 38,8% de sua capacidade em quilos.

As canoas assumem a liderança da frota pesqueira de cada Microrregião, em número e capacidade, sendo utilizadas tanto na pesca estuarina, de rios e lagoas, como também na litorânea.

Têm os mais variados tamanhos e capacidade; são movidas a vela, não dispondo de meios adequados para a conservação do pescado capturado. Por sua fragilidade para a pesca em alto mar, são empregadas no processo de captura bem próximo ao litoral. Esta fragilidade contribui para a inexpressiva atividade de pesca no inverno, devida, segundo os pescadores, a um afastamento sensível das espécies em relação ao litoral, em decorrência de águas barrentas ou lodosas.

Vêm em seguida os barcos, que apesar de serem em número inferior, têm expressiva participação na captura do pescado. Esses barcos são de porte variado, não dispondo a maioria de condições de proteção aos seus tripulantes. Possuem inadequados meios de conservação para o produto da pesca, fazendo com que o processo de conservação por salga seja bastante difundido, principalmente na MR Litorânea do Extremo Sul, quando os pescadores saem para demorar-se no mar. Noventa e um dos 138 barcos são movidos a motor de popa ou centro, de 6 a 12 HPs, que os fazem deslizar com bastante rapidez; mas pelos altos preços dos combustíveis, os proprietários dessas embarcações recomendam aos pescadores que icem a vela quando o vento lhes for propício.

Quanto à situação dos pescadores em relação à propriedade das embarcações, conforme podemos observar no Quadro 7, existe uma superioridade numérica dos pescadores que só possuem a força de trabalho. Dentre os que possuem embarcações, a grande maioria participa da atividade da captura do pescado e é geralmente proprietária de canoas, vivendo em condições de vida idêntica àqueles que não possuem embarcações.

Nos meses de inverno, esses pescadores pequenos proprietários de embarcações buscam, em outras atividades, principalmente na agrícola, meios diversos de sobrevivência, retornando à sua atividade principal, a pesca, na época quente (verão). Os que têm família, normalmente utilizam a mão-de-obra familiar na pesca, auferindo uma renda maior, que em princípio proporcionaria melhores condições de vida. Entretanto, na fase da comercialização, há uma grande dependência desses para com os COMERCIANTES INTERMEDIÁRIOS, que geralmente fornecem produtos alimentícios para o pescador, recebendo em pagamento o produto da pesca por preço baixíssimo. No mesmo caso estão incluídos aqueles que possuem apenas a força de trabalho.

Uma minoria de proprietários de embarcações tem um nível de vida mais elevado, em consequência de conciliarem suas atividades de pesca com outras que lhes permitem uma renda mensal superior, às vezes, até a mais de cinco salários mínimos. Para que fique bem claro, não foram incluídos aqui os proprietários de casas comerciais de relativo porte que atuam como armadores, e também aqueles intermediários economicamente fortes.

1.4. Aparelhos de pesca

A atividade de captura do pescado, nessa área, é ainda auxiliada por 10 154 aparelhos de pesca, distribuídos pelas MRs Tabuleiros de Valença, Cacaueira e Litorânea do Extremo Sul. A MR Cacaueira participa com 5 244 aparelhos, o que representa 51,4% do total, seguida da MR Litorânea do Extremo Sul, com 2 222 (21,9%), conforme pode ser verificado no Quadro 8.

Em síntese, podemos concluir que a nível da área como um todo e a nível de Microrregião, as concentrações pesqueiras localizadas fora das sedes dos municípios diagnosticados contam com maior número de aparelhos de pesca.

A participação dos diversos tipos de aparelhos de pesca na área do estudo poderá ser observada através do Quadro 9, onde se verifica que, entre os aparelhos existentes em toda a área pesquisada, em ordem decrescente, aparecem os anzóis, seguidos dos munzuais, das redes de emalhar e das camboas. Em seguida vêm aqueles aparelhos de pesca cuja participação percentual chega a atingir apenas 3% do universo: arrastão, puçá, tarrafa e outros.

A maior ou menor participação dos diversos tipos de aparelhos de pesca em cada Microrregião está na razão dos seus ambientes pesqueiros. Por exemplo, a significativa participação das camboas na MR Tabuleiros de Valença deve-se aos imensos estuários aí existentes. Por outro lado, apesar do grosso das suas concentrações estarem localizadas nesses estuários, a utilização dos anzóis é bastante difundida, por serem encontrados por preço bastante razoável nas casas comerciais.

A MR Cacaueira, além de dispor do litoral e do ambiente estuarino para as atividades de pesca, possui também municípios mais para o interior, onde existe pesca semi-organizada nas margens dos rios e lagoas. Mesmo nos municípios litorâneos vamos encontrar, nas áreas voltadas para o interior, esse mesmo tipo de organização, onde se desenvolve a atividade de captura dos crustáceos de água doce; daí a grande participação dos munzuais, vindo em seguida os anzóis e os demais, com participação percentual não muito expressiva.

Já na MR Litorânea do Extremo Sul, onde as concentrações pesqueiras estão praticamente todas no litoral, há uma grande participação dos anzóis. Atribui-se este predomínio ao fato de possuir a mesma áreas bastante piscosas no litoral, tais como os Abrolhos.

1.5. Colônias de Pesca

A atividade profissional de pesca no Polígono do Diagnóstico é efetuada através de nove Colônias em funcionamento, três em processo de reativação e duas em fase final de estudo para implantação.

A distribuição espacial dessas colônias de pesca é tal que, dos doze municípios contemplados ou a serem contemplados com as mesmas, quatro estão localizados na MR Cacaueira, dois na Tabuleiros de Valença e seis na Litorânea do Extremo Sul.

A MR Cacaueira é a que abarca maior número de colônias em funcionamento. Das sete aí existentes, três, com prefixos Z-19, Z-34 e Z-38 estão localizadas na sede do município de Ilhéus; ao norte de sua área vamos encontrar a de prefixo Z-18, situada na sede do município de Itacaré, e mais ao sul vamos encontrar as Colônias Z-20 e Z-21, a primeira na sede do município de Canavieiras e a segunda na do município de Belmonte.

Apresenta-se depois a MR Tabuleiros de Valença com a Colônia de prefixo Z-15, localizada na sede do município de Valença, e a Z-17, na sede do município de Camamu, ambas em funcionamento.

Já a MR Litorânea do Extremo Sul só dispõe de uma Colônia de pesca, a de prefixo Z-25, em funcionamento, localizada em Ponta de Areia, no município de Caravelas, existindo atualmente um movimento de reativação das Colônias de prefixos Z-22, Z-23 e Z-24, situadas nos municípios de Porto Seguro, Prado e Alcobaça. Além dessas, existem as de prefixos Z-35 e Z-36, localizadas nos municípios de Nova Viçosa e Mucuri, salientando-se que as mesmas encontram-se em fase de estudo final para sua implantação definitiva.

QUADRO 1. Municípios e concentrações pesqueiras, segundo as Microrregiões (Dez/1972 - Fev/1973)

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	Municípios		Concentrações Pesqueiras				
	Total	%	Total	Localizadas na sede		Localizadas fora da sede	
				nº absoluto	%	nº absoluto	%
P. do Diagnóstico	23	100,0	84	21	25,0	63	75,0
Tabuleiros de Valença	7	30,4	30	7	23,3	23	76,7
Cacaueira	9	39,2	28	9	32,1	19	67,9
Lit. Extremo Sul	7	30,4	26	5	19,2	21	80,8

QUADRO 2. Pescadores cadastrados, segundo as Microrregiões (Dez/1972 – Fev/1973)

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	PESCADORES				
	Total	Localizados nas sedes		Localizados fora das sedes	
		nº absoluto	%	nº absoluto	%
P. do Diagnóstico	3 379	1 596	47,2	1 783	52,8
Tabuleiros de Valença	1 204	379	31,5	825	68,5
Cacaueira	1 215	805	66,3	410	33,7
Litorânea Extremo Sul	960	412	43,0	548	57,0

QUADRO 3. Relação Pescador/Concentração pesqueira segundo as Microrregiões (Dez/1972 – Fev/1973)

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	Total	Sede	Fora da Sede
	Relação Pesc./ conc. pesqueira	Relação Pesc./ conc. pesqueira	Relação Pesc./ conc. pesqueira
Polígono do Diagnóstico	40	71	30
Tabuleiros de Valença	40	54	36
Cacaueira	43	78	26
Litorânea Extremo Sul	37	82	26

QUADRO 4. Embarcações de pesca cadastradas segundo as Microrregiões (Dez/1972 – Fev/1973)

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	Embarcações		Capacidade	
	nºs absolutos	%	Total (kg)	%
Polígono do Diagnóstico	1 384	100,0	1 032 010	100,0
Tabuleiros de Valença	537	38,8	442 670	42,9
Cacaueira	454	32,8	314 355	30,5
Litorânea Extremo Sul	393	28,4	274 985	26,6

QUADRO 5. Distribuição das embarcações pelas concentrações pesqueiras localizadas nas sedes e fora das sedes dos Municípios, segundo as Microrregiões. (Dez/1972 - Fev/1973)

P. do Diagnóstico e Microrregiões	EMBARCAÇÕES											
	EMBARCAÇÕES						CONCENTRAÇÕES PESQUEIRAS					
	Total (100,0)			Localizadas nas sedes			Localizadas fora das sedes					
	n.º abs.	Capacidade (kg)	n.º abs. de emb.	%	Capacidade (kg)	%	N.º abs. de emb.	%	capacidade (kg)	%		
P. do Diagnóstico	1 384	1 032 010	560	40,5	590 180	57,2	824	59,5	441 830	42,8		
Tabuleiros de Valença	537	442 670	136	25,3	159 850	36,1	401	74,7	282 820	63,9		
Cacaueira	454	314 355	269	59,3	271 845	86,5	185	40,8	42 510	13,5		
Lit. Ext. Sul	393	274 985	155	39,4	158 485	57,6	283	60,6	116 500	42,4		

QUADRO 6. Participação dos diversos tipos de embarcações segundo as Microrregiões - (Dez/1972 - Fev/1973):

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	EMBARCAÇÕES																	
	Total						Canoas			Barcos à Vela			Barcos a Motor			Jangões		
	N.º absoluto de emb.	Capacidade (kg)	n.º abs. canoas	% total de emb.	Capacidade (kg)	% total de emb.	n.º abs. à vela	% total de emb.	Capacidade (kg)	% total de emb.	n.º abs. a motor	% total de emb.	Capacidade (kg)	% total de emb.	n.º abs. de jangões	% total de emb.	Capacidade (kg)	% total de emb.
P. do Diagnóstico	1 384	1 032 010	1 176	85,0	618 925	60,0	47	3,4	121 400	11,8	91	6,6	279 445	27,0	70	5,0	12 240	1,2
Tabuleiros de Valença	537	442 670	476	88,6	287 920	65,0	28	5,2	57 900	13,1	31	5,8	95 650	21,6	2	0,4	1 200	0,3
Cacaueira	454	314 355	356	78,4	179 315	57,0	11	2,4	46 500	14,8	19	4,2	77 500	24,7	68	15,0	11 040	3,5
Lit. Ext. Sul	393	274 985	344	87,5	151 690	55,2	8	2,0	17 000	6,2	41	10,4	106 295	38,7	-	-	-	-

QUADRO 7. Pescadores proprietários e não proprietários de embarcações segundo as Microrregiões (Dez/1972 a Fev/1973)

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	Total de embarcações	Pescadores				
		Nº Absoluto de pescadores	Não proprietários de embarcações		Proprietários de embarcações	
			nº absoluto	%	nº absoluto	%
Polígono do Diagnóstico	1 384	3 379	2 213	65,5	1 166	34,5
Tabuleiros de Valença	537	1 204	755	62,7	449	37,3
Cacaueira	454	1 215	843	69,4	372	30,6
Lit. Ext. Sul	393	960	615	64,1	345	35,9

QUADRO 8. Aparelhos de pesca segundo as Microrregiões (Dez/1972 – Fev/1973)

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	APARELHOS DE PESCA				
	Total	Localizados nas sedes		Localizados fora das sedes	
		nº abs.	%	nº abs.	%
Polígono do Diagnóstico	10 154	3 375	33,2	6 779	66,8
Tabuleiros de Valença	2 708	557	20,6	2 151	79,4
Cacaueira	5 224	1 848	35,4	3 376	64,6
Lit. Ext. Sul	2 222	970	43,7	1 252	56,3

QUADRO 9. Participação dos diversos tipos de aparelhos de pesca segundo Microrregiões – (dez. 1972/fev. 1973).

Aparelhos de Pesca	Polígono do Diagnóstico e Microrregiões			
	Polígono do Diag.	Tabuleiro de Valença	Cacaueira	Lit. do Ext. Sul
Total	10.154	2.708	5.224	2.222
Arrastão				
nº abs.	141	79	24	38
%	1,4	3,0	0,5	1,7
Puçá				
nº abs.	199	70	30	99
%	2,0	2,6	0,6	4,5
Rede de emalhar				
nº abs.	1.063	271	393	399
%	10,5	10,0	7,5	18,0
Tarrafa				
nº abs.	301	24	242	35
%	3,0	0,9	4,6	1,6
Três malhos				
nº abs.	122	26	96	—
%	1,2	1,0	1,8	—
Tapesteiro				
nº abs.	123	111	11	1
%	1,2	4,1	0,2	0,05
Caçoeiro				
nº abs.	56	—	50	6
%	0,6	—	1,0	0,3
Tainheira				
nº abs.	65	37	11	17
%	0,6	1,4	0,2	0,8
Arraleira				
nº abs.	25	14	—	11
%	0,2	0,5	—	0,5
Anzol				
nº abs.	3.871	935	1.449	1.487
%	38,1	34,5	27,7	67,0
Groseira				
nº abs.	252	70	60	122
%	2,5	2,6	1,1	5,5
Munzuá				
nº abs.	2.930	144	2.786	—
%	28,9	5,3	53,3	—
Camboa				
nº abs.	957	967	28	2
%	9,4	34,2	0,5	0,1
Currupicho				
nº abs.	4	—	—	4
%	0,04	—	—	0,2
Arpão				
nº abs.	1	—	—	1
%	0,01	—	—	0,05
Ciripóia				
nº abs.	5	—	5	—
%	0,05	—	0,1	—
Gereré				
nº abs.	27	—	27	—
%	0,3	—	0,5	—
Tapagem				
nº abs.	10	—	10	—
%	0,1	—	0,2	—
Paripe				
nº abs.	2	—	2	—
%	0,02	—	0,02	—

Capítulo 2.

O MEIO-AMBIENTE E SEUS RECURSOS PESQUEIROS

2.1. Tentativa de caracterização da área pesquisada

O Polígono do Diagnóstico, por estar orientado no sentido Norte-Sul, abrange uma faixa litorânea que vai do município de Valença, ao Norte, até o de Mucuri, no Extremo Sul, ocupando um espaço geográfico que se caracteriza por uma longa extensão de costa (640 quilômetros).

Esta faixa participa com um percentual de 38,7% para a formação do litoral baiano, 17,4% do litoral nordestino e 7,1% de todo o litoral brasileiro, conforme podemos observar no Quadro 10.

Tomando-se por base o Decreto-Lei 1 098, que fixou em 200 milhas a faixa do mar territorial brasileiro, a área do Diagnóstico dispõe de 208 100 quilômetros quadrados marítimos a explorar, apresentando notável plataforma continental, que ultrapassa mais de 120 milhas de extensão no sul do Estado, havendo, ao longo do litoral, planaltos submarinos na isóbata de 50 metros, caindo abruptamente para 400 metros, como é o caso do arquipélago de Abrolhos, caracterizando-se esta plataforma por seus fundos de areia e lama e extensos arrecifes¹.

Segundo informações dos pescadores e da própria SUDEPE, existem na plataforma continental espécies nobres de pescados, tais como: cherne, badejo, vermelho e muitas outras, que alcançam altos preços nos mercados consumidores nacionais e internacionais.

Não havendo dúvida quanto à existência dessas espécies na plataforma, a questão é saber se as mesmas podem ser exploradas economicamente, por prazo indefinido e com alta taxa de rentabilidade.

Nessa mesma faixa litorânea, vamos encontrar uma área de 110 000 ha. de mangues, conforme o Quadro 11, no qual podemos observar que os conjuntos de municípios 1 e 2, localizados na MR Tabuleiros de Valença, segundo a divisão territorial do I.B.G.E. para a Bahia, contribuem com 58,4% do total de mangues, seguidos dos municípios ou conjuntos 8, 9, 10, 11 e 12, localizados na MR Litorânea do Extremo Sul, com uma contribuição de 28,9% e, por último, dos municípios de 3 a 7 localizados na MR Cacaueira, que contribui com apenas 12,7% para a formação dos manguezais.

Baseado em observações "in loco", como também em informações de pescadores que se

dedicam à mariscagem, podemos concluir que nos 110 000 ha. de mangues existe um potencial relevante de crustáceos, tais como: caranguejos, siris, guaiamuns e aratus; diversos tipos de moluscos como ostras, sururu, mexilhões e outras espécies, conhecidas regionalmente por lambretas, sambá e sarnambi, que são encontrados em quantidade nas coroas (pequenas ilhas de areia ou pedra), que surgem quando as grandes marés estão plenamente baixas.

Os mesmos são explorados em regime semi-industrial apenas no município de Cairú, sendo que no restante da área vamos encontrar a população pobre, principalmente a de centros urbanos de elevado porte, como Ilhéus, buscando nos mangues e coroas meios de se alimentar. Os pescadores que se dedicam à mariscagem são poucos. A venda dessas espécies no mercado consumidor é feita por cordas de seis ou doze caranguejos ou pelo beneficiamento das espécies através de métodos rudimentares, extraíndo-se delas a carne para obter melhor preço.

Não obstante o conhecimento "in loco" dos mangues e as informações dos pescadores que se dedicam à captura dos crustáceos e moluscos existentes nessa área, não se pode estimar o real potencial dessas espécies, havendo necessidade de estudos profundos, cientificamente orientados, que venham dar subsídios àqueles empresários que queiram se estabelecer na área, visando a sua exploração.

Além da faixa litorânea mencionada, a área do Diagnóstico abarca inúmeras bacias hidrográficas. Em princípio, as mais importantes são: as bacias do Almada, do Cachoeira, do Jequitinhonha, do Pardo e do Rio das Contas, pela aparente potencialidade piscícola de suas águas. Porém, a falta de estudos ictiológicos e de dados estatísticos da produção ainda não possibilita uma segura avaliação da importância econômica dessas bacias hidrográficas.

O desenvolvimento dos cardumes, a dinâmica populacional e a biologia das espécies de maior valor comercial são objeto de estudos ainda não executados, necessários, porém, para uma melhor compreensão da potencialidade piscícola dos ambientes pesqueiros na área do Diagnóstico.

1. Perspectiva de Desenvolvimento do Nordeste até 1980 — Banco do Nordeste do Brasil.

2.2. Recursos pesqueiros

2.2.1 Pesqueiros, peixes mais comuns e época de maior ocorrência

Em toda a área pesquisada, os pesqueiros¹ mais utilizados pelos pescadores artesanais foram descobertos por acaso. Estes pescadores, apesar de sofrerem as limitações impostas pelas embarcações, aparelhos de pesca e tecnologia disponível, conseguiram penetrar nos pesqueiros ao seu alcance e acumular um volume de informações sobre as espécies aí existentes que, embora careçam de maior precisão, poderão servir de subsídio a futuros estudos nessa região. Com base nessas informações e, levando-se em conta aquelas dificuldades, é que serão feitos alguns comentários sobre os recursos pesqueiros explorados pela pesca artesanal, em suas diversas modalidades.

No Polígono do Diagnóstico, os recursos pesqueiros de origem marinha, que têm como habitat a faixa costeira propriamente dita, são explorados durante todo o ano.

As espécies mais comuns capturadas nos diversos aparelhos de pesca em toda a costa, segundo o nome vulgar, são as seguintes: anchova, arraia, badejo, barbudo, biguara, bijupirá, boca torta, bonito, budião, cabeçudo, cação, camurupim, canapú, caranha, cavala, cioba, corvina, dentão, dourado, dorminhoco, garapau, garoupa, goete, guaiuba, guaricema, melro, olho-de-boi, pandeiro, parú, peixe-gato, peroá, pescá, pescada, roncadador, sardinha, sororoca, tainha, vermelho, xaréu, etc.

A maior ou menor incidência dessas espécies durante o ano, nos diversos pesqueiros utilizados pelos pescadores em todo o litoral, poderá ser observada através dos anexos de 7 a 20 com maiores detalhes. Deve-se salientar que todas as informações contidas nos mesmos não sofreram nenhuma correção, principalmente quanto à verdadeira identificação das espécies, pois não havia nomenclatura que permitisse uma classificação uniforme devido às diversas denominações adotadas pelos pescadores para um mesmo tipo de peixe.

Além dessas espécies, verifica-se também a presença da lagosta, que é capturada, com maior ou menor intensidade, em toda a área estudada. Segundo as informações dos pescadores, alguns pontos do litoral merecem destaque graças à abundância desses crustáceos, tais como a Ponta do Corumbal, que fica na divisa do município de Prado com o de Porto Seguro, ambos localizados na MR Litorânea do Extremo Sul, como também Garapuí, no município de Cairú, localizado na MR Tabuleiros de Valença. De uma maneira geral, os pescadores costumam afirmar que esses crustáceos existem em grande número em toda a costa, mas

que infelizmente a falta de aparelhos adequados para a sua captura e também a inexistência de mercado consumidor, em vista do seu alto preço, são fatores limitantes que impedem os pescadores de se dedicarem integralmente à sua captura mesmo em época de safra.

Em relação à presença de camarões, a plataforma continental, em todo o estado da Bahia, é um campo fértil, por alcançar largura considerável e pela abundância de rios caudalosos que desaguam no mar, permitindo a formação de ambientes naturais favoráveis ao desenvolvimento de populações camaroneiras. Diga-se de passagem que a captura desses crustáceos não tem grande representatividade em toda a área pesquisada, destacando-se alguns municípios componentes da MR Tabuleiros de Valença, principalmente Valença, como também na MR Litorânea do Extremo Sul alguns municípios, tais como Alcobaça e Nova Viçosa, já havendo aí barcos camaroneiros. Na MR Cacauera vamos encontrar os municípios de Belmonte e Canavieiras, onde a pesca de camarões, no período de safra, tem participação não só dos pescadores como também da própria população.

As algas marinhas, lulas e polvos não despertam grande interesse nos pescadores. As primeiras são capturadas por acaso nos arrastões e somente os polvos merecem atenção por parte de alguns pescadores, que se dedicam à sua captura para fins comerciais. No município de Cairú e Valença é que vamos encontrá-los no mercado municipal, sendo que cerca de 90% da produção é arrematada pelos intermediários, que buscam em Salvador mercado para sua comercialização.

Os recursos pesqueiros dos estuários são explorados em toda a área pesquisada, principalmente nos municípios situados na MR Tabuleiros de Valença.

A pesca de caranguejos, embora praticada em toda a área, apresenta maior índice nos municípios de Valença, Cairú e Canavieiras. A sua captura é realizada através de coleta manual nas zonas de mangues e as espécies que se destacam são o guaiamum e o caranguejo uçá. O guaiamum é uma espécie semi-terrestre, de hábitos noturnos. Vive nos mangues, ocultando-se em abrigos durante o dia. A sua alimentação consiste de algas, folhas e frutos do mangue. Às vezes é encontrado bastante afastado do mar, regressando na época de reprodução.

O caranguejo uçá também vive nos mangues, porém não muito afastado do mar, em tocas cavadas na lama que chegam a medir 70 centímetros de profundidade. Tem hábitos noturnos e se alimenta de vegetais ou de matéria orgânica em decomposição.

Nas áreas estuarinas, a exploração do siri é muito freqüente, envolvendo os mais primitivos métodos de captura.

1. Pesqueiros: locais de pesca usados pelos pescadores na captura do pescado.

O sururu é a espécie estuarina de maior importância na região Nordeste, sendo porém capturado em pequena escala na área estudada. Tem como habitat as lagunas costeiras, fixando-se nos mangues e bancos mais rasos, em substrato composto por fragmentos de conchas de moluscos, carapaças de crustáceos e argila que sofreu processo de floculação, havendo também a inclusão de areia quartzosa.

A pesca incide sobre indivíduos com até 4 centímetros de comprimento, cuja exploração comercial pode ser realizada a partir dos quatro meses de idade, quando já alcançam a primeira maturidade sexual. A produção está condicionada à entrada de água doce nas lagunas, atingindo seu maior volume nos meses de estiagem (dezembro a março), decrescendo em seguida em consequência das chuvas que afetam o processo de fixação. A

captura é feita pelo sistema manual, em pequenas canoas.

A pesca das tainhas em águas estuarinas é praticada em toda a área estudada.

As espécies que vivem em águas salobras, dentro dos estuários ou em suas proximidades, são capturadas por redes de arrasto ou de espera. Entre as espécies estuarinas cabe ainda destacar as carapebas, pela abundância com que se apresentam.

Por fim surgem algumas espécies de água doce, exploradas em toda a área. O camarão de água doce é pescado em toda a região, principalmente nos rios Cachoeira, Salgado, Gongogi e de Contas, como também o pitú, este de grande aceitação no mercado consumidor, apesar do alto preço alcançado.

QUADRO 10. Participação do litoral estudado em relação à Bahia, ao Nordeste e ao Brasil.

Delimitação territorial	Extensão absoluta do litoral (km)	Participação relativa da região (%)
Região	640	100,0
Bahia	1 188	38,7
Nordeste	7 928	17,4
Brasil	9 000	7,1

QUADRO 11. Planimetria dos mangues da área estudada

Município ou conjunto de municípios	Área absoluta (ha.)	Proporção de mangues na área (%)
1. Valença, Taperoá, Cairú, Nilo Peçanha	31 750	28,9
2. Ituberá, Camamu, Maraú	32 500	29,5
3. Itacaré	1 750	1,6
4. Ilhéus	3 250	3,0
5. Una	2 750	2,5
6. Canavieiras	5 750	5,2
7. Belmonte	500	0,4
8. Santa Cruz Cabrália	750	0,7
9. Porto Seguro	3 500	3,2
10. Prado, Alcobaça	5 250	4,8
11. Caravelas, Nova Viçosa	19 500	17,7
12. Mucuri	2 750	2,5
TOTAL	110 000	100,0

Capítulo 3 A PRODUÇÃO

Antes de iniciarmos a análise dos dados estatísticos da produção de pescado, tornam-se necessários alguns comentários sobre os mesmos, como também sobre a forma de obtenção desses dados.

Pelo conhecimento da área estudada e pela vivência junto aos pescadores artesanais distribuídos pelas 84 concentrações pesqueiras, pode-se chegar à conclusão de que a produção de pescado derivada da pesca artesanal nessa área não é volumosa. Grande parte dessa produção encontra mercado de consumo no local, apesar de ultimamente ter sido constatado um bom número de intermediários de outras áreas do Polígono do Diagnóstico, do restante da Bahia e mesmo de outros Estados como o de Minas Gerais e Espírito Santo. Esta situação se acentua especialmente nas épocas chamadas de entre-safra, nas quais a produção com os aparelhos de pesca e embarcações atuais em uso cai drasticamente.

Este trabalho preocupou-se, inicialmente, em buscar o volume da produção através dos próprios pescadores, mas infelizmente tal não foi possível, pois o nosso pescador artesanal não tem nenhum controle contábil de sua produção. Por outro lado, as próprias Colônias de pesca, que são geralmente fontes fornecedoras desses dados, não possuem ainda uma estrutura que lhes permita um controle mais rígido sobre o volume do pescado capturado por seus associados e mesmo daquele proveniente da pesca fora das Colônias. Daí haver algumas restrições aos dados que se seguem sobre o volume da produção de pescado.

3.1. Volume da produção

O Polígono do Diagnóstico alcançou o total de 20 825 toneladas no período 1970/1972, correspondendo a um volume percentual de quase a metade da respectiva produção baiana, como podemos verificar no Quadro 12:

Assim não deixa de ser significativa a participação do Polígono do Diagnóstico no esforço da

Bahia para o incremento das atividades de pesca. Deve-se, no entanto, salientar que o decréscimo observado no ano de 1972 não é real, uma vez que segundo os dados originais, foi motivado por falta de informações.

No contexto regional, como se pode ver no Quadro 13, merecem destaques quanto ao volume do pescado capturado nesse período, as Microrregiões Tabuleiros de Valença, Litorânea do Extremo Sul e Cacaueira. A predominância dessas Microrregiões está na razão de sua localização geográfica, pois são banhadas em parte pelo Oceano Atlântico, condicionando assim um maior aglomerado de pescadores, embarcações e aparelhos de pesca em suas faixas costeiras.

As demais Microrregiões, por estarem voltadas para o interior do Estado, são banhadas por rios, riachos, lagoas, etc., onde não há em suas margens aglomerados de pescadores, como acontece na faixa costeira. Há, sim, trabalhadores, em sua grande maioria ligados aos trabalhos agrícolas e que, nas horas disponíveis, lançam-se aos cursos de água e lagoas em busca do pescado, para consumo próprio ou para a venda no mercado mais próximo, tentando, assim, um aumento de sua renda através da comercialização das espécies capturadas.

Para a formação do universo do pescado capturado no Polígono do Diagnóstico no período de 1970/1972, contribuíram de forma marcante dois grupos naturais: os peixes, com uma participação percentual de 77,3% e os crustáceos, com 21,5%. Os moluscos, que não aparecem especificamente no Quadro 14, podem estar incluídos nas espécies não especificadas; mesmo assim, deve-se observar que os mesmos são encontrados em toda a faixa costeira estudada, mas a sua captura não tem grande representatividade.

A nível de Microrregião também os peixes suplantam os crustáceos em volume capturado, só restando salientar que, tanto um como outro, são originários de três ambientes, quais sejam: o pesqueiro de água interior, o de água estuarina e o de água marítima.

QUADRO 12. Volume de pescado capturado no Polígono do Diagnóstico no período 1970/1972 (em t.)

Anos	Polígono do Diagnóstico	Bahia	Volume ¹
1970	7 204	15 565 ²	46,3
1971	8 339	15 511	53,8
1972	5 282	18 020	29,3
1970/1972	20 825	49 096	42,4

1 O volume é obtido dividindo-se a tonagem do Polígono do Diagnóstico pela tonagem da Bahia e multiplicando-se o total por 100.

2 FONTE: Dep. Geog. Estatística do Estado da Bahia.

QUADRO 13. Volume de pescado capturado por Microrregiões – 1970/72

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	1970 (t)		1971 (t)		1972 (t)	
	nº abs.	%	nº abs.	%	nº abs.	%
Polígono do Diagnóstico	7 204	100,0	8 339	100,0	5 282	100,0
Tabuleiros de Valença	5 031	70,0	6 413	76,9	3 127	59,2
Cacaueira	773	10,7	894	10,7	982	18,6
Lit. do Extremo Sul	1 017	14,1	599	7,2	1 001	19,0
Jequié	18	0,2	24	0,3	24	0,5
Pastoril de Itapetinga	218	3,0	256	3,1	8	0,1
Enc. do Plan. de Conquista	147	2,0	153	1,8	140	2,6

FONTE: Dep. Geog. Estatística do Estado da Bahia.

QUADRO 14. Participação dos grupos naturais nas formações do pescado capturado no Polígono do Diagnóstico no período 1970/1972

Polígono do Diagnóstico e Microrregiões	Total (100,0)	Crustáceos		Peixes		Não especificados	
		nº abs.	%	nº abs.	%	nº abs.	%
Polígono do Diagnóstico	20 825	4 466	21,5	16 112	77,3	247	1,2
Tabuleiros de Valença	14 571	3 129	21,5	11 349	77,9	93	0,6
Cacaueira	2 650	805	30,4	1 768	66,7	77	2,9
Lit. Ext. Sul	2 617	500	19,1	2 079	79,4	38	1,5
Jequié	66	9	13,6	57	86,4	—	—
Past. de Itapetinga	482	12	2,5	455	94,4	15	3,1
Enc. do Plan. Conquista	439	11	2,5	404	92,0	24	5,5

FONTE: Dep. Geog. Estatística do Estado da Bahia.

Capítulo 4 MERCADO

A comercialização do pescado, em toda a área estudada, é feita deficientemente, apresentando-se, entre outros entraves, a insuficiência de infraestrutura para a refrigeração e a distribuição do pescado e a conseqüente interferência de intermediários. O pescado chega às mãos dos consumidores através de dois canais: o pescador propriamente dito e os intermediários. Pode-se constatar a presença destes em quase todas as concentrações pesqueiras, sendo que alguns atuam permanentemente.

Para que possamos compreender realmente o fluxo geral da comercialização do pescado na área, é necessário diferenciar a comercialização efetuada nas concentrações pesqueiras localizadas nas áreas rurais daquela efetuada nas urbanas.

Nas concentrações localizadas nas áreas rurais, o pescado geralmente é vendido a intermediários. Grande parte da população participa da sua captura para consumo próprio, daí registrando-se a presença de mulheres e crianças nas atividades de pesca. O tipo de intermediário ao qual o pescador costuma vender o pescado varia com a maior ou menor distância dos centros urbanos.

Nas concentrações pesqueiras mais distantes, o pescado é vendido normalmente a proprietários de armazéns, que em geral fornecem ao pescador gêneros alimentícios. Não tendo outra alternativa para a colocação do produto, o pescador vende-o a esses negociantes a um preço bastante inferior ao pago por outros intermediários. Feita a entrega e descontadas as dívidas do pescador, este normalmente fica em débito, pois o preço dos gêneros alimentícios nesses varejistas é superior ao de outras casas comerciais nos centros urbanos.

Já nas concentrações pesqueiras localizadas nas proximidades dos centros urbanos, surgem dois tipos de intermediários: o armador — que além de absorver todo o pescado capturado pelos tripulantes de sua(s) embarcação(ões), empresta dinheiro a outros pescadores, ficando os mesmos com a obrigação de restituir a importância tomada na forma de pescado, cujo preço é também bastante inferior ao oferecido por outros intermediários — e o segundo tipo, o pescador intermediário, que não dispondo de dinheiro suficiente para a compra do pescado, consegue com os pescadores o peixe para a revenda, efetuando o pagamento após a conclusão da mesma.

Deve-se salientar que nos dois tipos de concentrações, a falta de infraestrutura para a conservação do pescado torna-se fator decisivo para que os pescadores vendam o produto da pesca a esses intermediários, pois na fase de captura o pescado não sofre nenhum processo de refrigeração. Os intermediários, armadores e comerciantes, ao receberem o produto das mãos dos pescado-

res, conservam-no com gelo, caso disponham de pequenos geradores de energia, ou pelo processo de salga.

Sobre a comercialização do pescado nos centros urbanos, também são necessárias algumas considerações, pois existem diferenças, por exemplo, entre a que se realiza em Ilhéus e a processada em Mucuri.

Nos pequenos centros urbanos, até bem pouco tempo, o pescado chegava em sua maior parte aos consumidores através dos pescadores ou de seus familiares, que se encarregavam da revenda. Este processo, embora em escala reduzida, ainda se observa. Com a abertura de estradas, principalmente com a BR-101, surgiu grande número de intermediários, sendo que uns se fixaram pelos diversos municípios que compõem a área do estudo de pesca, principalmente nos da MR Litorânea do Extremo Sul, e outros aparecem somente nas épocas de safra. Esses, em sua grande maioria, são de outros Estados, como Minas Gerais e Espírito Santo.

Nos centros urbanos maiores, como Ilhéus e Valença, desde muito os intermediários exercem grande influência na comercialização do pescado. Aí são encontrados todos os tipos já referidos, sendo que a diferença em relação aos centros menores é que os intermediários das cidades grandes dispõem de um mercado consumidor mais amplo e estão melhor instalados, pois a infraestrutura para a refrigeração do pescado é mais aperfeiçoada.

Feitas as observações preliminares quanto ao fluxo de comercialização do pescado em toda a área, é que se pode partir da afirmativa anterior de que o pescado chega às mãos do consumidor através de dois canais: o pescador propriamente dito e o intermediário. No primeiro caso, o número é bastante reduzido hoje em dia: segundo os pescadores, as condições de pesca são extremamente cansativas, o que os impede de comercializar o produto, sendo preferível vendê-lo aos intermediários, mesmo sabendo que estes os exploram quanto ao preço oferecido. No segundo caso, o pescado chega aos consumidores de duas maneiras: via intermediário, que o revende diretamente aos consumidores; ou através de uma cadeia: pescador-intermediário-outro intermediário-consumidores. Esse último caso ocorre com maior freqüência na época da pesca de arrastão, quando esses intermediários compram todos os lances dados pelos pescadores, ou quando intermediários fortes compram todo o pescado capturado por barcos de outras áreas e o revendem aos outros intermediários retalhistas.

4.1. Tipos de intermediários

Partindo do geral para o específico, caracterizam-se os diversos tipos de intermediários existentes. Na Figura 1 observa-se que há quatro tipos de intermediários nessa área: o intermediário puro, elemento que vive exclusivamente da renda do pescado, podendo ser um armador ou um pescador desde que se dedique exclusivamente a essa revenda; o armador — elemento que normalmente tem outras atividades além da revenda do pescado; o comerciante — que além de trabalhar com outros gêneros alimentícios, comercializa também o pescado — e o pescador intermediário — que na sua grande maioria continua a participar do progresso de captura, comercializando ao mesmo tempo seu pescado e o dos demais pescadores, uma vez adquirida a confiança desses.

4.2. Mecanismo de distribuição

Os processos empregados por esses intermediários na distribuição do pescado para consumo em toda a área pesquisada serão analisados sucintamente (Fig. 2).

a. Peixaria

As peixarias existentes em toda a área são em número bastante reduzido. Dispõem de infraestrutura de frio constante, de fábrica de gelo e de câmara de estocagem. São geralmente propriedade de armadores ou de intermediários fortes, que revendem o pescado, na sua quase totalidade, por atacado.

b. Entreposto de colônia de pesca

Os entrepostos de colônia de pesca são, na sua grande maioria, desprovidos de infraestrutura de frio, sendo que o pescado não comercializado no mesmo dia sofre o processo de salga. Deve-se salientar que os entrepostos que dispõem de alguma câmara de refrigeração são utilizados pelos intermediários, que pagam à Colônia uma pequena taxa, insuficiente para cobrir os gastos, sendo necessário lançar mão de recursos provenientes da arrecadação dos pescadores para cobri-los. É uma situação paradoxal, em que o pescador, que não tem recursos, financia em parte as atividades dos intermediários.

c. Mercados e feiras livres

Os mercados são providos de bancas de pedra, inexistindo na maioria dos casos condições de refrigeração na conservação do pescado, que fica assim exposto à temperatura ambiental, resultando daí sérios problemas de higiene.

As feiras livres também acarretam esses mesmos problemas, pois na maioria das vezes o

pescado é exposto à temperatura ambiental em pequenas bancas de madeira, ou mesmo na própria calçada.

d. Outros meios de distribuição

Os outros meios de distribuição são os supermercados, a venda nas portas, nos barcos e nas salgas.

Tais meios apresentam algumas peculiaridades, sendo que os que oferecem as melhores condições, obviamente, são os supermercados, que inclusive dispõem de câmaras frigoríficas. Quanto aos demais, observa-se a inexistência de mínimas condições de higiene, mesmo nas próprias salgadeiras. Quando o pescado é vendido por intermediários ambulantes, costumam estes cortar o pescado na via pública, algumas vezes em adiantado estado de deterioração. São freqüentes, nestes casos, as vendas de peixe em corda, realizando-se a pesagem à base de estimativa, pois nem sempre existem balanças disponíveis para a aferição do peso. Quanto à comercialização nos próprios barcos, trata-se de consumidores de alta renda, quase sempre possuidores de veículos e que dão preferência ao produto ainda embarcado. O peixe salgado é vendido na sua maioria por atacado, através de salgadeira ou mesmo nos armazéns (venda a retalho) e consumido em grande parte nas áreas rurais.

4.3. Mecanismo de preços

A determinação do preço do pescado varia de acordo com a espécie, o período sazonal e a ação dos intermediários.

Sabe-se que os recursos humanos e materiais são fatores limitantes para que existam grandes safras. De um modo geral, o preço do pescado obedece à lei da oferta e da procura, e em alguns centros urbanos chega às mãos dos consumidores depois de passar até por dois intermediários. O tabelamento é feito normalmente na época da Semana Santa, quando a SUNAB, SUDEPE, Capitania dos Portos, Prefeituras Municipais e os intermediários entram em acordo tabelando o pescado, o que vigora apenas nesse período.

4.4. Importação

Dentre o pescado comercializado em toda a área do estudo, uma parte origina-se de outras regiões da Bahia, assim como de outros Estados e do exterior. Segundo os dados das importações para os anos de 1969/70/71, obtidos através de revendedores por atacado nos 89 municípios do Diagnóstico, o volume total das importações tem subido de ano para ano, sendo que as espécies mais importadas foram: corvina, anchova, bacalhau, peixe seco (de diversas espécies) e a carne de baleia, também incluída no Quadro 15. As demais apresentaram-se em menores proporções.

O principal exportador do pescado para a região nesses anos foi o Estado do Rio Grande do Sul, que tem ampliado suas exportações. Vem em seguida o próprio Estado da Bahia, que em 1970 aumentou suas exportações, decrescendo no ano seguinte. O Estado da Paraíba, que em 1969 exportou para essa área 108 209 quilos de pescado, diminuiu suas exportações nos últimos dois anos. Os demais Estados deram sua contribuição em pequena escala. (Quadro 16).

Supõe-se que a supremacia das exportações do Estado do Rio Grande do Sul foi motivada pelo baixo preço do pescado, pois em sua plataforma continental predominam as espécies classificadas pelos órgãos de pesca do país como de segunda e terceira categoria, concorrendo com as espécies nordestinas, na sua grande maioria classificadas como nobres.

Os principais municípios importadores de pescado nesses anos foram o de Ilhéus, que faz parte da área do estudo de pesca e onde anual-

mente cresce o percentual de importações, seguido dos de Jequié e Camacã. (Quadro 17)

Esses três municípios importaram o pescado e o redistribuíram pelos demais municípios que constituem o Polígono do Diagnóstico. O fluxo de redistribuição poderá ser observado no mapa a seguir, onde constatamos um grande vazio, principalmente no que diz respeito aos municípios do Sul do Estado. É de se supor que esse pescado não tenha aí penetrado, por diversas razões, entre elas a carência de estradas e a precariedade das existentes, em completo abandono por falta de manutenção do DERBA (Departamento de Estradas de Rodagem da Bahia) até bem pouco tempo. Isso desencorajava os representantes comerciais especializados, que viam no desgaste de seus veículos a perda de seus lucros. Hoje em dia, segundo informações de alguns representantes, de ano para ano cresce o volume de pescado importado, pois com a melhoria das estradas existentes e principalmente com a abertura da BR-101, foi possível ampliar suas áreas de atuação.

FIGURA 1. Fluxo geral da comercialização do pescado local na área do Polígono do Diagnóstico – 1973.

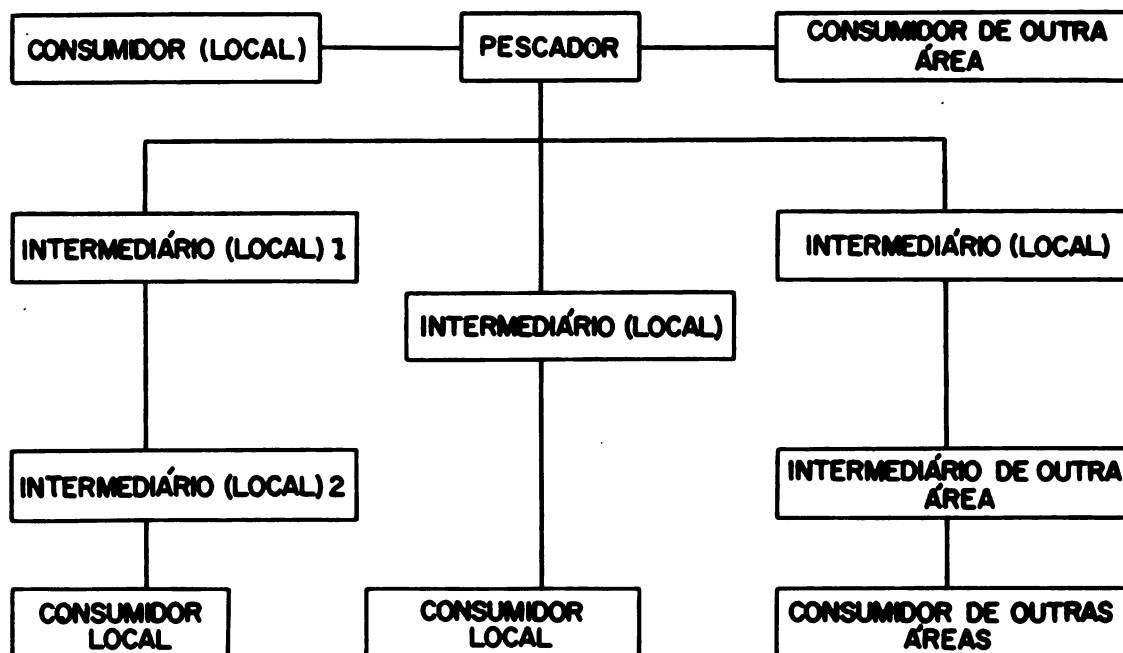
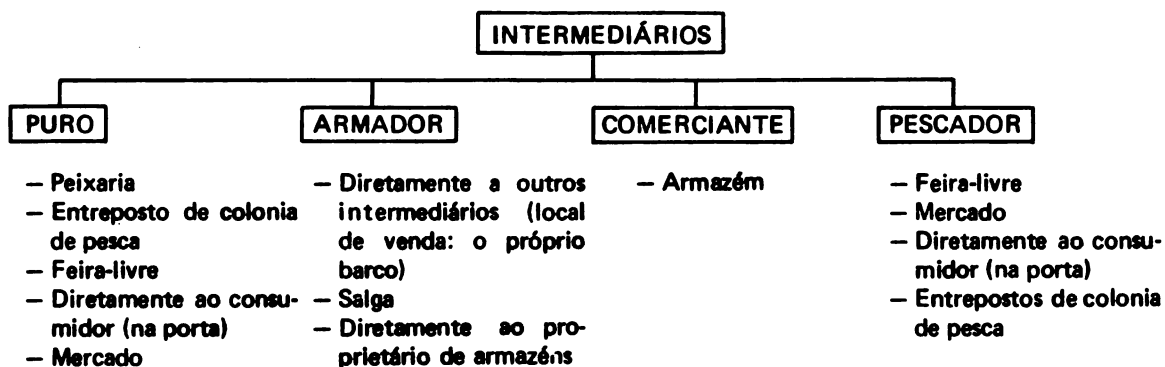


FIGURA 2. Tipos de intermediários existentes na área do Polígono do Diagnóstico – 1973



QUADRO 15. Importação do pescado pelo Polígono do Diagnóstico

Espécies	1969(kg)	%	1970(kg)	%	1971(kg)	%
Corvina	316 773	20,5	286 294	14,9	362 976	16,6
Anchova	312 119	20,2	475 530	25,0	748 920	34,4
Bacalhau	188 490	12,2	239 160	12,4	135 265	6,2
Peixe seco	101 060	6,5	31 405	1,6	—	—
Baleia	100 420	6,5	96 788	5,0	112 948	5,2
Bagre	99 557	6,4	136 768	7,1	122 036	5,6
Pescada	94 006	6,1	106 302	5,5	79 848	3,7
Merluza	79 067	5,1	136 840	7,1	172 080	7,9
Peixe em lata	61 242	4,0	—	—	6 492	0,3
Miragaia	40 163	2,6	77 970	4,0	46 170	2,1
Pampo	24 798	1,6	31 548	1,6	147 940	6,8
Sardinha	22 478	1,5	28 210	1,5	94 870	4,3
Diversos	20 898	1,4	23 920	1,2	11 227	0,5
Savelha	20 618	1,3	36 428	1,9	20 250	0,9
Peixe branco	15 000	1,0	15 000	0,7	7 000	0,3
Tainha	12 330	0,7	161 710	8,4	9 345	0,4
Pirarucu	12 260	0,8	3 090	0,2	23 994	1,1
Traíra	5 410	0,3	2 450	0,1	2 325	0,1
Crumutá	4 100	0,3	4 100	0,2	4 650	0,2
Jundiá	3 200	0,2	4 740	0,2	1 050	0,0
Castanha	3 004	0,2	2 772	0,1	33 280	1,5
Peixe salgado	2 510	0,2	4 080	0,2	36 070	1,7
Surubim	2 050	0,1	2 050	0,1	2 325	0,1
Camerão	1 679	0,1	711	0,0	1 040	0,0
Pargo	1 440	0,1	—	—	—	—
Peixe redondo	1 376	0,1	900	0,0	540	0,0
Voga	—	—	11 700	0,6	—	—
Borriquete	—	—	3 220	0,2	—	—
Brotea	—	—	2 000	0,1	—	—
Papa terra	—	—	660	0,0	660	0,0
Arraia	—	—	600	0,0	120	0,0
Peixe Boi	—	—	480	0,0	720	0,0
Cação	—	—	—	—	1 200	0,1
Viúva	—	—	—	—	140	0,0
Vermelho	—	—	—	—	160	0,0
Garoupa	—	—	—	—	50	0,0
Cavala	—	—	—	—	50	0,0
TOTAL	1 546 048	100,0	1 927 426	100,0	2 185 741	100,0

QUADRO 16. Origem do pescado pelo Polígono do Diagnóstico Sócio-Econômico Regional

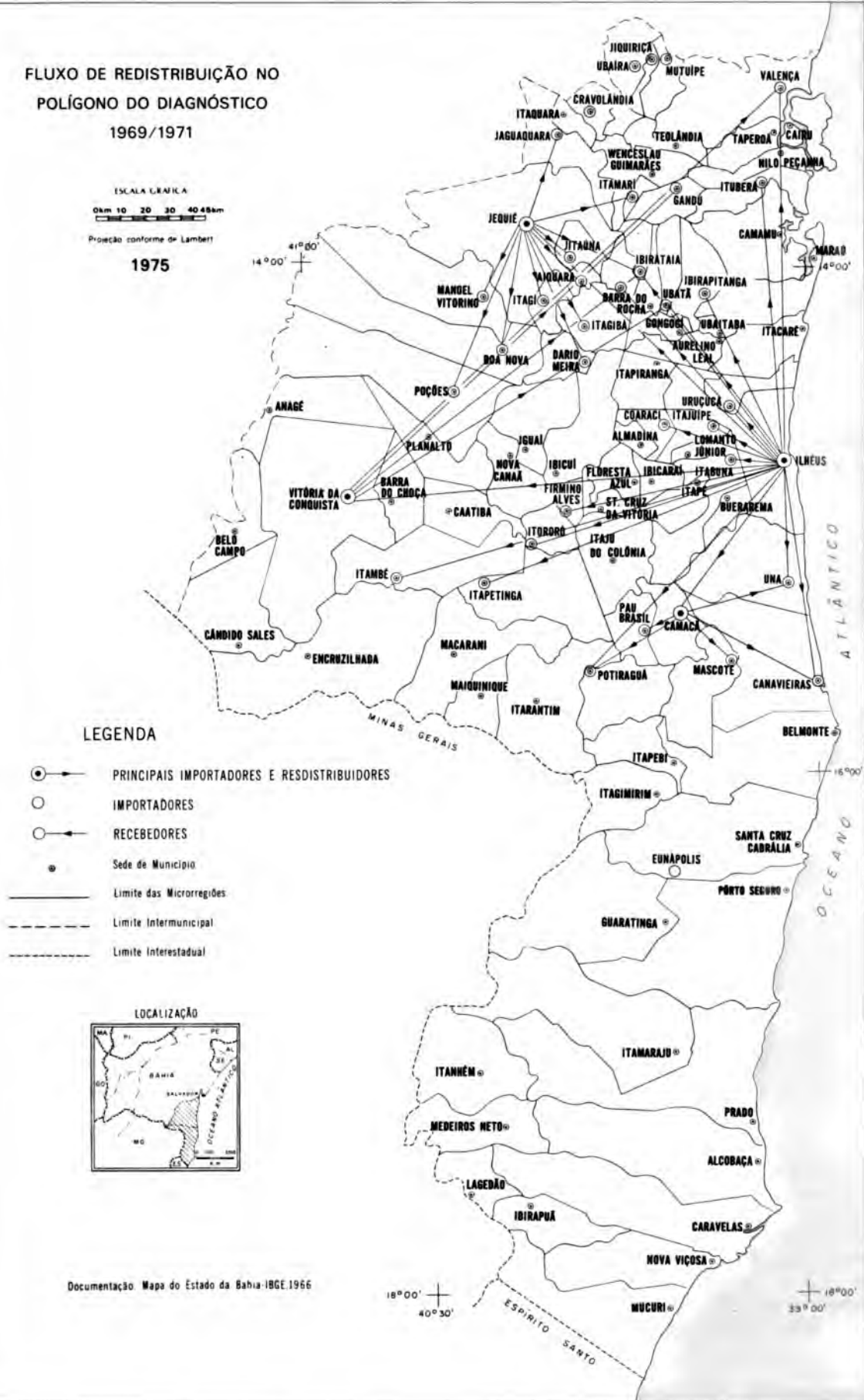
Estados	1969		1970		1971	
	N.ºs absolutos (kgs)	%	N.ºs absolutos (kgs)	%	N.ºs absolutos (kgs)	%
Rio Grande do Sul	1.071.020	69,2	1.442.173	74,8	1.764.924	80,6
Bahia	288.180	18,6	339.315	17,6	205.305	9,4
Paraíba	108.290	7,0	88.988	4,6	81.868	3,7
Goiás	34.000	2,2	—	—	—	—
Sta. Catarina	19.410	1,3	40.220	2,1	95.380	4,4
Rio de Janeiro	18.088	1,2	12.990	0,7	14.970	0,7
Amazonas	1.560	0,1	1.740	0,1	19.494	0,9
São Paulo	—	—	2.000	0,1	1.450	0,1
Espírito Santo	—	—	—	—	1.190	0,1
Ceará	5.500	0,4	—	—	1.160	0,1
Total	1.546.048	100,0	1.927.426	100,0	2.185.741	100,0

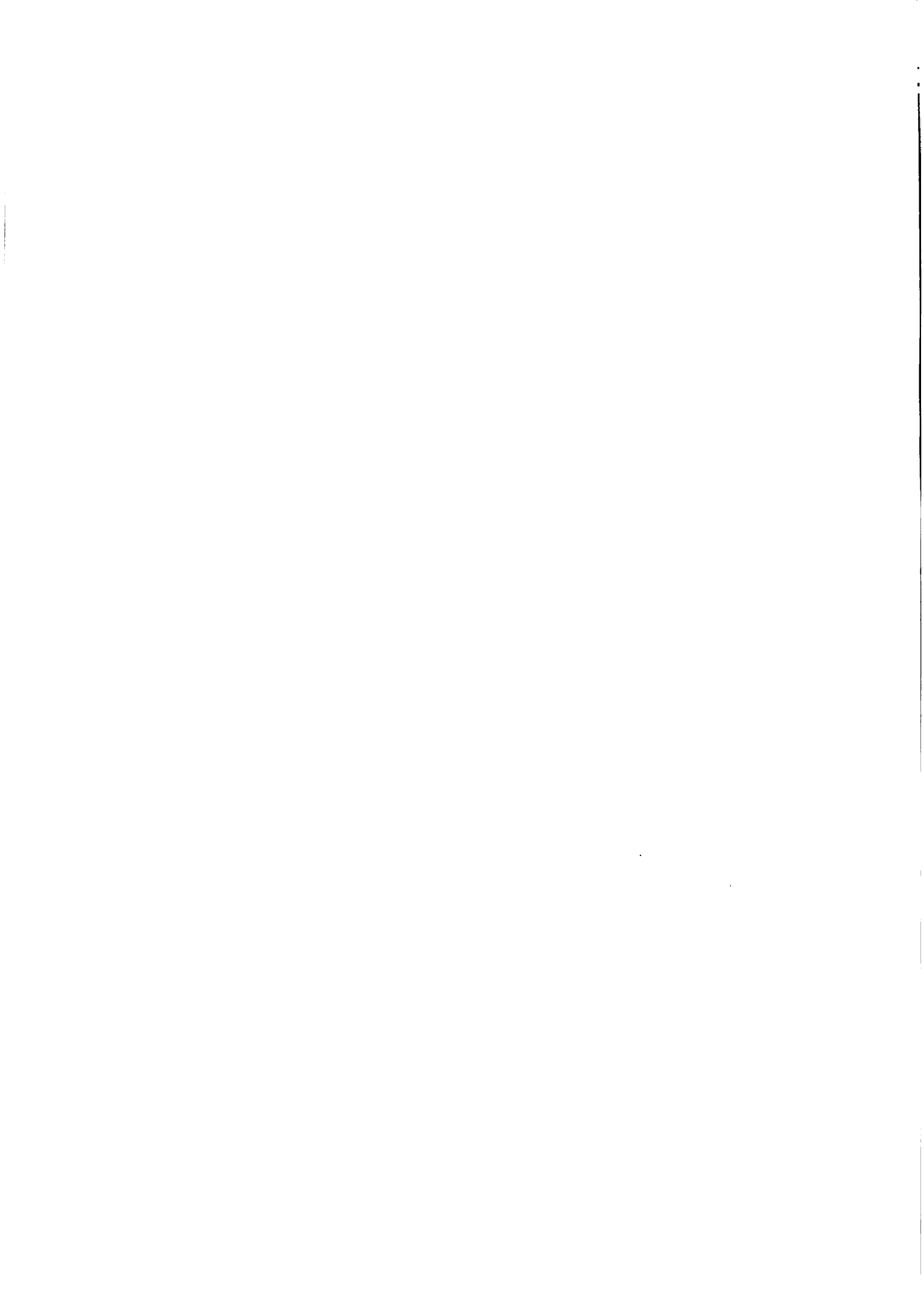
QUADRO 17. Principais municípios de pescado no Polígono do Diagnóstico Sócio-Econômico Regional.

Municípios	1969		1970		1971	
	N.ºs absolutos (kgs)	%	N.ºs absolutos (kgs)	%	N.ºs absolutos (kgs)	%
Ilhéus	870.714	56,4	1.295.591	67,3	1.538.879	70,4
Jequié	434.910	28,1	413.139	21,4	390.553	17,9
Camacã	119.328	7,7	77.680	4,0	91.855	4,2
Outros	121.096	7,8	141.016	7,3	164.454	7,5
Total	1.546.048	100,0	1.927.426	100,0	2.185.741	100,0

FLUXO DE REDISTRIBUIÇÃO NO
POLÍGONO DO DIAGNÓSTICO
1969/1971

ESCALA LINEAR
0km 10 20 30 40 45km
Projeção conforme de Lambert
1975





Capítulo 5 RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Os meios de produção do setor pesqueiro artesanal na área do estudo de pesca foram abordados de uma maneira geral, utilizando-se os dados obtidos através do levantamento inicial. Mas o interesse nas relações de trabalho existentes no sistema da pesca artesanal nessa área fez com que fosse aplicado pela equipe que trabalhou neste projeto um questionário junto aos pescadores, na tentativa de melhor compreender como se processam realmente essas relações. Sendo assim, a partir deste momento, far-se-á referência às embarcações e aos aparelhos de pesca apenas quando os mesmos servirem de marco para o estabelecimento dessas relações.

5.1. Posse dos meios de produção e participação nas atividades de pesca

Com base nas informações obtidas nos questionários aplicados aos pescadores que constituem a população amostral, chegou-se à conclusão de que as atividades de pesca no Polígono do Diagnóstico apresentam uma estratificação nítida, segundo a posse de embarcações ou aparelhos de pesca e segundo a participação da força de trabalho propriamente dita. (Quadro 18).

Segundo essa estratificação, os pescadores que formam as três primeiras classes participam dos meios de produção, sendo que as duas primeiras, que constituem 44% da amostra, são detentoras da frota utilizada na captura do pescado.

Essa frota pesqueira é constituída basicamente de canoas, barcos e jangadas, sendo que as primeiras são as mais utilizadas pelos pescadores. No Quadro 19 vê-se que dos 223 pescadores que constituem a primeira classe, 186 possuem canoas. Em relação aos barcos, 23 possuem individualmente um e 14 têm uma jangada para cada um. Já na segunda classe, todos os seus componentes possuem individualmente uma canoa. Daí, pode-se concluir que a grande maioria dos pescadores proprietários que formam a amostra, são pequenos proprietários de canoas, pois as mesmas são de baixo custo em relação aos outros tipos de embarcação e têm facilidade de serem encontradas à venda.

Quanto ao uso de determinado tipo de aparelho de pesca, este está na razão das características geográficas de cada ambiente pesqueiro, como também das possibilidades financeiras de cada um para adquiri-los. Variam muito os tipos de aparelhos de pesca utilizados na captura do pescado (Quadro 20), dos mais simples e de baixo preço, como os anzóis, aos diversos tipos de redes, que devido ao alto custo e à escassez dos materiais para sua confecção, são usados em menor escala,

principalmente pelos pescadores que constituem a terceira classe.

Ao ficar caracterizada a população amostral quanto à posse dos meios de produção, verifica-se a sua participação direta ou indireta nas atividades de pesca (Quadro 21).

Nos itens seguintes estão contidas as diversas relações decorrentes da interação existente entre os membros das quatro classes que compõem a amostra.

5.2. Processo de formação de mão-de-obra pesqueira e tipos de aparelhos de pesca usados neste processo

As atividades pesqueiras apresentam-se no Brasil sob dois aspectos: empresarial e artesanal. O primeiro tem um sentido econômico e é dirigido por uma empresa. A pesca artesanal desenvolve-se em moldes primitivos, em que pescadores individual ou coletivamente utilizam-se, na maioria dos casos, de velhas embarcações.

Encontramo-nos ainda no primeiro estágio da indústria pesqueira. Os mesmos processos de 100 anos atrás continuam sendo utilizados na manipulação do peixe, desde sua captura até a entrega ao consumidor, fato que se verifica até mesmo nas empresas organizadas, devido à carência de mão-de-obra especializada.

No Polígono do Diagnóstico, onde a atividade pesqueira é predominantemente artesanal, constata-se esse problema, além de não disporem, os pescadores, de meios de aprendizagem e aperfeiçoamento técnico nas diversas atividades provenientes da captura do pescado. Utilizam-se os mesmos do conhecimento tradicional da arte da pesca, que passa de geração a geração com pequenas modificações, como uma forma de apropriação de bens naturais para a sobrevivência.

Existem duas maneiras de absorver esses conhecimentos tradicionais e seculares nas concentrações pesqueiras: na primeira, os aspirantes buscam adquirir conhecimento junto a pescadores mais velhos, que possuem a sabedoria prática do mar, das praias ou da movimentação pelos astros como também grande experiência na arte de captura do pescado. Na segunda forma, os novatos não têm acesso a esses pescadores, iniciando-se praticamente sozinhos.

O Quadro 22 mostra que a primeira dessas duas formas de aprendizagem é a mais utilizada pelos componentes de cada classe, vindo a segunda sem grande representatividade. Deve-se salientar que dos 522 entrevistados, apenas dois, que fazem

parte da segunda classe, não estão inclusos na tabela, pois iniciaram-se nas atividades de pesca como armadores.

Quanto ao primeiro aparelho de pesca usado na captura do pescado, nota-se que os anzóis e as redes sobressaem aos demais. Fazendo um confronto entre as anotações feitas à parte, em campo, e esses dados, conclui-se que o uso desses aparelhos de pesca está na razão das condições financeiras de cada pescador. Aqueles que não têm possibilidades de adquiri-los, procuram trabalhar com ajudantes, geralmente nos arrastões de praia e em outros tipos de redes que necessitam de mais de uma pessoa para o seu manuseio; outros adquirem os mais baratos, como os anzóis. De maneira geral, pode-se observar, ainda na mesma tabela, a continuidade ou não do uso dos aparelhos de pesca iniciais, sendo que o maior percentual dos componentes de cada classe continua a usá-los, apresentando razões para isso que poderão ser constatadas nos Quadros 23 e 24. Na primeira, onde se encontram os pescadores que continuam a utilizá-los, os motivos apresentados foram diversos, sendo o predominante o de não possuírem os pescadores condições financeiras que lhes permitam a aquisição de novos aparelhos de pesca. Na segunda, encontram-se os que deixaram de usá-los devido ao pouco rendimento dado pelos aparelhos na captura do pescado.

5.3. Formas de participação no processo de captura do pescado

As relações de trabalho desenvolvidas no processo de captura do pescado no Polígono do Diagnóstico poderão ser observadas a partir do Quadro 25, com três formas de que se utilizam os pescadores para participarem desse processo.

Como se sabe, a amostra é constituída de quatro classes, sendo que as duas últimas são formadas por pescadores que não possuem nenhum meio de navegação. Estes utilizam-se das formas de parceria ou individual, ou de ambos os casos, para a captura do pescado, sendo que a predominante é a forma de parceria. Não possuindo embarcações que lhes dariam condições para a pesca navegável, procuram esses pescadores entrar em contato com os proprietários de embarcações, iniciando assim um encadeamento de relações que vai desde a captura do pescado até o processo de comercialização.

As possibilidades de que essas relações se concretizem estão na dependência da área de sua disponibilidade em embarcações. Nas concentrações pesqueiras localizadas nas sedes dos municípios, esses pescadores têm maiores oportunidades de se tornarem membros da tripulação de uma embarcação, o que se torna mais difícil nas concentrações localizadas nas áreas rurais.

Com base nos dados obtidos através do levantamento inicial, sabe-se que o número de pescadores que não possuem embarcações suplanta o daqueles que as possuem. É lógico concluir, portanto, que nem todos os que se oferecem para fazer parte de uma tripulação são aceitos, pois sendo a maioria dessas embarcações canoas de pequeno porte, não há possibilidade de absorver toda a força disponível para a pesca navegável. Assim, boa parte desses pescadores procuram alugar essas embarcações quando as mesmas não estão sendo utilizadas por seus proprietários. Aqueles que só possuem aparelhos de pesca procuram utilizá-las nas margens dos rios, lagoas e praias, onde se observa o emprego dos mais variados tipos de redes e armadilhas de pesca. Estes pescadores, recebem muitas vezes a adesão daqueles que possuem apenas a força de trabalho.

Foi dito anteriormente que boa parte dos pescadores procura alugar as embarcações quando as mesmas não estão sendo utilizadas por seus proprietários. Isto pode ser observado no Quadro 26, onde estão assinaladas as diversas formas de pagamento usadas entre os pescadores. Alguns proprietários preferem receber esse pagamento em forma de uma fração de 1/2, 1/3, 1/4 ou 1/5 do volume total do pescado capturado. Outros preferem que esse pagamento seja em dinheiro, por dia ou por mês. Alguns, muitas vezes por amizade ou ligação de parentesco, preferem não cobrar nada. Um outro tipo de pescador não possui a embarcação, mas é tripulante de um barco. Para poder pescar nesse barco, o pescador obriga-se a pagar em pescado ao proprietário da embarcação, vendendo o restante na maioria das vezes ao próprio proprietário e daí auferindo o seu sustento.

5.4. Critérios de seleção e participação nos resultados da pesca

Segundo a amostra, existem na área dois tipos característicos de proprietários de embarcações. O primeiro, constituído dos pequenos proprietários que participam diretamente do processo de captura do pescado, e o segundo daqueles que não participam desse processo e são denominados armadores.

Os que não dispõem de meios de navegação, ao tentarem obtê-los junto aos pescadores pequenos proprietários encontram dificuldades, pois estes geralmente têm como companheiros de pesca membros da família, com o auxílio dos quais aumentam sua renda familiar. Outros, que não dispõem dessa força de trabalho familiar, aceitam muitas vezes os não proprietários, mas para isso, utilizam-se de critérios de seleção que vão desde a experiência de pesca às relações de amizade e parentesco (Quadro 27).

Já os critérios preferidos pelos proprietários de embarcações que atuam somente como armadores (Vide Quadro 27), são os da amizade e da honestidade, principalmente esta última, pelo

receio de que parte do volume do pescado capturado seja desviado pela tripulação, uma vez que os proprietários não participam diretamente desse processo de captura.

As formas de participação nos resultados da pesca, por parte do não proprietário de embarcação, variam conforme o tipo de proprietário. Aqueles que pescam junto aos pequenos proprietários, por exemplo, têm maiores condições de usar o sistema de pesca coletiva. Neste sistema de pesca, do total do peixe capturado descontam a tarifa (se por acaso existir Colônia de pesca na área), e o quinto que serve para a conservação da embarcação. O restante é dividido entre os tripulantes. Muitas vezes aparecem no momento do desembarque intermediários que adquirem toda a produção. Neste caso, as partes são divididas em dinheiro.

Quando é incorporado à tripulação de um barco pertencente a um armador, o pescador não proprietário prefere o sistema da pesca individual, por não querer concorrer com as despesas do rancho, gelo e isca coletivamente, evitando assim confusões que ocorrem geralmente na divisão dessas despesas. Cada pescador, nesse sistema, tem uma marca para separar a sua produção da dos demais. Do total produzido é retirada uma parte para o pagamento da tarifa, caso haja Colônia de pesca, o quinto para a conservação da embarcação e, dependendo do rancho, da isca e do gelo serem descontados, retira-se também uma parte para cobrir as despesas dos mesmos. O que resulta é geralmente comprado pelo próprio armador, o qual estabelece um preço inferior ao oferecido pelos intermediários. Alguns armadores não fornecem nada mais além da embarcação, ficando sujeitos os pescadores a todas as despesas acima citadas e a entregar a metade de sua produção pela utilização da embarcação, como acontece no sistema de meia, observado no processo produtivo agropecuário.

5.5. Divisão de trabalho nos diversos tipos de embarcações

Na pesca empresarial, as atribuições dos pescadores que constituem a tripulação de uma embarcação são fixas, o mesmo não acontecendo com uma tripulação na pesca artesanal, pois diversos fatores contribuem para que grande parte desses pescadores assumam várias posições em uma embarcação. Para maior compreensão deste mecanismo, é feita a seguir uma abordagem da divisão de trabalho por tipo específico de embarcação.

Segundo os dados do levantamento inicial, sabe-se que as canoas participam com maior percentual na formação da frota pesqueira em toda a área estudada e são, na sua grande maioria, de propriedade de pescadores. Estes utilizam-se, mui-

tas vezes, da mão-de-obra familiar ou aceitam como companheiros de pesca aqueles que não possuem embarcações. No primeiro caso, o chefe da família assume a posição de comando na embarcação e participa também da captura do pescado. Os filhos ou outros parentes mais próximos assumem a posição de pescadores. Não havendo aí nenhuma demarcação quanto à posição a ser tomada na embarcação, todo o produto pescado é colocado junto, não havendo necessidade de cada um ter a sua marca, pois a pesca é coletiva. No caso do chefe de família cair doente, automaticamente assume o comando da embarcação o mais habilitado. O segundo caso não difere do primeiro, apenas esses proprietários, não possuindo mão-de-obra familiar, aceitam como companheiros de pesca aqueles que não possuem embarcações e que se oferecem para pescar. Nestes casos, quando o proprietário não possui experiência de navegação, passa o comando ao companheiro mais experiente.

Nas jangadas, que representam o menor percentual de embarcações, a divisão de trabalho difere um pouco da observada nas canoas. Geralmente, essas jangadas são de pequeno porte, absorvendo como tripulantes apenas três pescadores: um mestre, que tem a função de comandar a embarcação e de localizar os pesqueiros, um proeiro, que tem como atividade levantar e baixar a vela e jogar o chacho (âncora) na água logo após a localização do pesqueiro, e um pescador, que geralmente auxilia o mestre ou o proeiro. Todos participam da captura do pescado, sendo que o mestre tem o privilégio de pescar na popa da embarcação, o proeiro na proa e o outro tripulante dos lados. A pesca pode ser coletiva ou individual.

A divisão de trabalho de um barco pode ocorrer de duas maneiras: na primeira, quando o barco é movido a vela ou a motor de pequena capacidade, a divisão de trabalho se identifica com a processada na jangada, apenas o mestre responsável pelo barco motorizado deve ter conhecimento, mesmo rudimentar, da mecânica do motor. Na segunda, em barcos com características que se aproximam daqueles empregados pelas empresas de pesca, a tripulação é formada por um mestre, que assume o comando da embarcação e tem a responsabilidade de localizar os pesqueiros, um contra-mestre, que é o auxiliar do mestre, substituindo-o quando este se recolhe para descansar, um maquinista, que tem a função de manter as máquinas e, finalmente, os pescadores, cujo número varia conforme o tamanho do barco. Geralmente todos os tripulantes participam da captura do pescado, sendo que o mestre, como nos outros casos, pesca na popa da embarcação, o contra-mestre na proa e os demais pescadores em ambos os lados.

É comum surgirem desentendimentos entre os proprietários e os tripulantes, não restando ao primeiro outra alternativa senão a de dispensar os segundos, o que provoca mudanças constantes entre os membros da tripulação.

Os pescadores da amostra executam várias funções quando participam da pesca navegável (Quadro 28), o que muitas vezes gera desentendimentos. Segundo os próprios pescadores, quando ocorrem esses desentendimentos, os proprietários dispensam os envolvidos, que procuram se incorporar a outras embarcações, onde estão sujeitos a aceitar qualquer função. Se o dispensado for um mestre, este poderá assumir a função disponível na outra tripulação, que pode ser de pescador ou de contra-mestre. Isto ocorre geralmente com os pescadores que não possuem embarcação. No caso dos proprietários, essas mudanças são motivadas por outras razões.

5.6. Preferências quanto à vinculação a uma empresa de pesca

Sabe-se que em toda a área do estudo existem os pescadores proprietários de embarcações e os que não as possuem. Esses últimos buscam, através dos primeiros, meios que lhes possibilitem a pesca navegável, pois a mesma dá melhores condições de captura do pescado e, conseqüentemente, uma maior fonte de renda. Sabendo do desejo desses pescadores de fazerem parte de uma tripulação na pesca artesanal, buscou-se verificar as suas aspirações quanto à pesca empresarial, a partir das respostas dadas pelos pescadores da amostra.

Conclui-se que existem duas opiniões divergentes quanto à vinculação a uma empresa de pesca (Quadro 29). As razões positivas apresentadas pelos pescadores referem-se à obtenção de maiores rendas, acesso ao INPS e emprego fixo. Já aqueles que não desejam vincular-se a essas empresas apresentaram como razão principal o fato de não gostarem de trabalhar para outras pessoas (Quadros 30 e 31).

5.7. Formas utilizadas para a localização de pesqueiros e tipos de isca usados na captura do pescado

No sistema de pesca artesanal, dificilmente se encontra uma embarcação que possua instrumentos especializados para a localização de pesqueiros.

Os pescadores da amostra indicam que existem duas maneiras utilizadas para esta localização (Quadro 32). A primeira é a vivência que cada um tem do litoral ou de outros ambientes pesqueiros e a segunda é a informação obtida de outros pescadores. Nos dois casos, os pescadores, ao localizarem um pesqueiro, observam os acidentes geográficos existentes na costa, possibilitando assim o retorno ao local descoberto.

O tipo de isca usado na captura do pescado está na razão dos diversos aparelhos de pesca, dos pesqueiros, da disponibilidade de isca e das condições financeiras de cada pescador.

Observando o Quadro 33, vê-se que o maior percentual dos pescadores que compõem as quatro classes da amostra usa o camarão como isca. Esse camarão é empregado geralmente na faixa costeira. Em seguida, aparece a sardinha, utilizada em menores proporções e também usada na pesca litorânea. A mandioca é uma isca utilizada pelos pescadores que geralmente capturam o pescado nos rios, lagos e mesmo nos estuários. A carne é usada em raríssimos casos, devido ao seu alto preço. Os outros tipos de isca não especificados são, na sua maioria, crustáceos e peixes forrageiros.

A forma de obtenção da isca pode ser a captura e a compra. O maior percentual de entrevistados da amostra utiliza-se do processo de captura, isto porque as iscas são encontradas com facilidade nos diversos ambientes pesqueiros da área. Quanto à compra, geralmente essas iscas são vendidas pelos armadores ao pescador, sendo pagas com a produção.

Boa parte dos entrevistados não precisa de isca, pois os seus aparelhos de pesca, principalmente as redes de diversos tipos, não permitem o uso da mesma.

5.8. Beneficiamentos feitos pelos entrevistados em suas embarcações no ano de 1972

São comuns em toda a área embarcações de diversos tipos abandonadas por não oferecerem nenhuma condição de navegação. Quanto às razões desse abandono, diversos proprietários disseram que principalmente os pequenos donos de embarcações, ao adquirirem-nas, quer sejam novas ou de segunda mão, utilizam-nas constantemente, dando como meio de conservação apenas uma mão de piche uma ou duas vezes por ano. Com o passar do tempo, essas embarcações vão se deteriorando e necessitando de uma reforma, mas os proprietários, sem condições financeiras suficientes para o reparo, ficam na esperança de uma boa pescaria para adquirirem o dinheiro necessário e terminam por abandoná-las por não oferecerem mais segurança.

Os dados do Quadro 34 vêm confirmar as afirmações anteriores, pois em um período de um ano parte desses proprietários não fizeram nenhuma melhoria em sua embarcação, e mesmo aqueles que o fizeram aplicaram recursos inferiores a Cr\$ 100,00, o que não permitia a execução de uma boa reforma em uma embarcação.

5.9. Empréstimos feitos pelos entrevistados para aquisição e/ou reparo dos meios de trabalho

Existem duas fontes de empréstimos de que os pescadores lançam mão nessa área. A primeira é a bancária, utilizada por poucos pescadores, os proprietários de embarcações e os que só participam da pesca como armadores. Isto porque estes satisfazem a todas as exigências estabelecidas pelos bancos, ou seja, possuem bens que podem servir de garantia e têm facilidades de obterem um aval. A segunda fonte de empréstimo são os particulares que vivem desta prática, ou os intermediários na compra do pescado. Segundo os pescadores, o financiamento ou empréstimo, quando é tomado a um intermediário, processa-se da seguinte maneira: o pescador solicita o empréstimo ao intermediário e este imediatamente estabelece as condições de pagamento, que pode ser em produto ou em dinheiro. Quando é em dinheiro, os juros podem variar de acordo com o grau de relacionamento entre ambos. Já quando o empréstimo tem que ser pago em produto pescado, geralmente o intermediário dispensa os juros e dilata o prazo, pois recebe toda a produção capturada pelo pescador, dando à mesma um preço inferior ao oferecido por outros intermediários.

Dos 522 pescadores que constituem a amostra, poucos tomaram empréstimos e, quando o fizeram, utilizaram-se de fontes bancárias e de particulares, com a finalidade de aplicá-los em reparos de embarcações, compras de aparelhos de pesca e acessórios e compra de embarcações, sendo que a forma de restituição foi em dinheiro ou produto (Quadro 35). Na primeira classe verifica-se

que o maior percentual desses pescadores restituiu o empréstimo em forma de dinheiro e apenas 12,5% em produto. Na segunda classe todos os que tomaram empréstimo restituíram-no em forma de dinheiro. Já na terceira classe, constituída de pescadores que só possuem aparelhos de pesca, a grande maioria pagou os empréstimos em produto.

As razões apresentadas por aqueles pescadores que não se utilizaram de empréstimos são diversas, indo desde a não necessidade até o medo de não poderem restituir a quantia.

Na maioria das vezes, quando um pescador diz que não toma empréstimo para aplicá-lo em sua atividade, não é porque disponha de condições financeiras suficientes, mas sim porque está limitado a um sistema de captura rudimentar do pescado no qual utiliza velhas e frágeis embarcações de pequeno calado, como também aparelhos de pesca de fácil aquisição e de baixo preço, como no caso dos anzóis. Outros, que tem experiência em transações bancárias, pois possuem meios de efetuar tais operações, alegam que os juros são altos. Em geral, trata-se de armadores.

Uma grande parte dos pescadores diz que não sabe da existência de quem empresta, o que se deve levar em conta, pois dependendo da área, esses pescadores vivem em quase completo isolamento. Muitos afirmam ter medo de não poderem restituir os empréstimos devido a fatores climáticos e econômicos, como no caso da suspensão das pescarias por motivo de ventos, e do baixo preço alcançado pelo pescado durante um longo período de tempo, elementos que não permitem segurança em relação aos resultados do trabalho (Quadro 36).

QUADRO 18. Pescadores classificados quanto à posse de embarcações e/ou aparelhos de pesca e quanto à força de trabalho

CLASSES	Entrevistados	
	nº absoluto	%
Pescador proprietário de embarcações e aparelhos de pesca	223	42,7
Pescador proprietário de embarcações	7	1,3
Pescador proprietário de aparelhos de pesca	233	44,7
Pescador que só possui a força de trabalho	59	11,3
Total	522	100,0

QUADRO 19. Posse das embarcações

CLASSES	Entre- vistos (Total)	EMBARCAÇÕES															
		Canoas			Barco à vela			Barco a motor			Barco combinado			Jangada			
		0-1	2-3	4-5	0-1	2-3	4-5	0-1	2-3	4-5	0-1	2-3	4-5	2-3	4-5		
Pescador proprietário de embarcações e aparelhos de pesca	223	148	35	3	10	-	10	-	-	-	-	3	-	-	14	-	-
Pescador proprietário de embarcações	7	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador que só possui a força de trabalho	59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

QUADRO 20. Posse dos aparelhos de pesca

APARELHOS DE PESCA	CLASSES			
	Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	Pescador proprietário de embarcação	Pescador proprietário de aparelho de pesca	Pescador que só possui a força de trabalho
Arrastão	25	—	4	—
Emalhar	19	—	18	—
Tarrafa	8	—	5	—
Anzol	42	—	143	—
Grozeira	5	—	8	—
Munzuá	12	—	3	—
Camboa	25	—	8	—
Fisgo	—	—	5	—
Rede de Camarão	3	—	—	—
Emalhar/Anzol	25	—	20	—
Emalhar/Tarrafa	7	—	10	—
Emalhar/Rede de Camarão	1	—	12	—
Anzol/Camboa	5	—	—	—
Anzol/Rede de Camarão	5	—	—	—
Anzol/Grozeira	11	—	3	—
Anzol/Tarrafa	9	—	4	—
Anzol/Munzuá	2	—	3	—
Tarrafa/Munzuá	6	—	3	—
Outros	13	—	3	—
Total dos Entrevistados	233	7	233	59

QUADRO 21. Participação nas atividades de pesca

CLASSES	Entre- vistados (Total)	PARTICIPAÇÃO					
		Participação no processo de captura		Atuam como armador		Ambos os casos	
		abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	191	85,7	12	5,3	20	9,0
Pescador proprietário de embarcação	7	4	57,1	3	42,9	—	—
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	233	100,0	—	—	—	—
Pescador que só possui força de trabalho	59	59	100,0	—	—	—	—

QUADRO 22. Formas de aprendizagem e aparelhos de pesca usados nesse processo

CLASSES	FORMAS DE APRENDIZAGEM				APARELHOS USADOS					Continuidade ou não do uso do mesmo método de pesca						
	Entrevistados (Total)	Aprendeu com pescadores já experientes		Aprendeu sozinho	Munizús	Camboa	Anzol	Gro-seira	Tarrafa	Redes	Outros	Sim	Não			
		abs.	%											abs.	%	abs.
Pescador proprietário de embarcações e aparelho de pesca	223	165	74,0	58	26,0	8	21	88	14	19	65	8	151	67,7	72	32,3
Pescador proprietário de embarcação	7	5	100,0	-	-	-	-	5	-	-	-	-	3	60,0	2	40,0
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	193	83,0	40	17,0	5	10	147	8	7	49	7	162	69,5	71	30,5
Pescador que só possui a força de trabalho	59	54	92,0	5	8,0	-	-	10	-	-	40	9	41	68,5	18	30,5

QUADRO 23. Razões porque os pescadores continuam a usar o mesmo aparelho de pesca

CLASSES	Entre- vistados (Total)	Não tem condições financeiras para mudar de aparelho		Dá mais lucro		Acha o melhor aparelho		A idade não permite o uso de outros aparelhos		É o aparelho usado no local		Outros	
		abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	59	26,4	34	15,2	29	13,0	3	1,3	-	-	26	11,7
Pescador proprietário de embarcação	7	-	-	3	60,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	62	26,6	23	9,9	37	15,9	-	-	17	7,3	18	7,7
Pescador que só possui a força de trabalho	59	12	20,3	-	-	24	40,7	-	-	-	-	5	8,5

QUADRO 24. Razões porque deixaram de usar o mesmo aparelho de pesca

CLASSES	Entre- vistados (Total)		Pouco rendimento		Perigoso e prejudicial à saúde		Comprou novo aparelho de pesca		Os donos dos aparelhos foram embora		Outros	
	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	36	16,2	11	5,0	2,2	5	2,2	20	9,0		
Pescador proprietário de embarcação	7	2	40,0									
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	48	20,6	15	6,5	1,3	3	1,3	5	2,1	5	2,1
Pescador que só possui a força do trabalho	59	8	13,6	3	5,0				7	11,9		

8

QUADRO 25. Formas de pesca

CLASSES	Entre- vistados (Total)	FORMAS					
		Parceria		Individual		Parceria/Individual	
		abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223						
Pescador proprietário de embarcação	7						
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	163	70,0	57	24,4	13	5,6
Pescador que só possui a força de trabalho	59	58	98,3	1	1,7		

QUADRO 26. Formas de pagamento pelo aluguel de embarcações

CLASSES	Entre- vistados (Total)	FORMAS										Não pes- ca c/emb.	Não paga nada	Outros	
		PAGAMENTO EM PESCAÇO					PAGAMENTO EM DINHEIRO								
		1/2	1/3	1/4	1/5	Até Cr\$1,00	Por Dia	Por Semana	Por Mês	Cr\$2,00 a Cr\$10,00	Cr\$1,00 a Cr\$5,00				Cr\$5,00 a Cr\$20,00
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador proprietário de embarcação	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	9	28	24	96	10	6	1	1	2	2	2	2	10	30
Pescador que só possui a força de trabalho	59	19	3	1	14	-	1	1	1	1	-	-	1	3	13

QUADRO 27. Critérios de seleção dos pescadores não proprietários que vão integrar a tripulação de barco pertencente a pequeno proprietário

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

CLASSES	Entre- vistos (Total)	Experiência de pesca		Amizade		Honestidade		Parentesco		Sem Critérios		Pesca Sozinho		Outros	
		abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	59	26,5	44	19,7	10	4,5	12	5,4	8	3,5	76	34,1	14	6,3
Pescador proprietário de embarcação	7	-	-	2	28,6	1	14,3	-	-	-	-	-	-	4	56,1

QUADRO 28. Atribuições assumidas pelos pescadores da amostra na pesca navegável

CLASSES	ATRIBUIÇÕES														
	Entre- vistos (Total)		Mestre		Contra-mestre		Pescador		Mestre pescador		Contra-mestre e pescador		Nenhuma		
	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	63	28,3	8	3,6	48	21,5	66	29,6	4	1,8	22	9,9	12	5,3
Pescador proprietário de embarcação	7	4	57,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	42,9
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	25	10,7	18	7,7	129	55,4	29	12,4	4	1,7	12	5,2	16	6,9
Pescador que só possui a força de trabalho	59	9	15,3	2	3,4	39	66,1	3	5,0	-	-	1	1,7	5	8,5

QUADRO 29. Preferência em vincular-se ou não a uma empresa de pesca

CLASSES	PREFERÊNCIA						
	Entrevis- tados (Total)		SIM		NÃO SABE		
	abs.	%	abs.	%	abs.	%	
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	81	36,3	91	40,8	51	22,9
Pescador proprietário de embarcação	7	-	-	7	100,0	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	141	60,5	50	21,5	42	18,0
Pescador que só possui a força de trabalho	59	32	54,3	14	23,7	13	22,0

QUADRO 30. Razões porque deseja vincular-se a uma empresa de pesca

CLASSES	Entrevistados (Total)	RAZÕES									
		Melhor renda		Benefícios do INPS		Maior segurança nas embarcações		Emprego fixo		Outros	
		abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	81	30	37,1	15	18,5	10	12,4	18	22,2	8	9,8
Pescador proprietário de embarcação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Pescador proprietário de aparelho de pesca	141	37	26,2	42	29,8	11	7,8	29	20,6	22	15,6
Pescador que só possui a força de trabalho	32	11	34,4	8	25,0	2	6,2	7	21,9	4	12,5

QUADRO 31. Razões por que prefere não vincular-se a uma empresa de pesca

CLASSES	RAZÕES										
	Entrevis- tados (Total)		Não gosta de trabalhar para outras pessoas		Não ganha bem		Idade avançada		Outros		
	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	91	58	63,7	-	-	23	25,3	10	11,0	-	-
Pescador proprietário de embarcação	7	7	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	50	40	80,0	-	-	10	20,0	-	-	-	-
Pescador que só possui a força de trabalho	14	-	-	9	64,3	5	35,7	-	-	-	-

QUADRO 32. Formas utilizadas pelos pescadores para a localização de pesqueiros

CLASSES	FORMAS UTILIZADAS										
	Entrevis- tados (Total)		Vivência do litoral		Informações de outros pescadores		Vivência do litoral e informações de outros pescadores		Não pescam em local determinado (pesqueiro)		
	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	211	102	48,4	10	4,7	4	1,9	96	45,0	-	-
Pescador proprietário de embarcação	4	4	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	110	47,2	26	10,7	6	2,6	92	39,5	-	-
Pescador que só possui a força de trabalho	59	21	35,6	8	13,6	-	-	30	50,8	-	-

QUADRO 33. Tipos de isca usados na captura do pescado

CLASSES	Entrevistados (Total)		TIPO DE ISCA										Forma de obtenção							
	abs.	%	Sardinha		Camarão		Mandioca		Carne		Outros		Não usa isca		Entrevistados (Total)		Captura		Outros	
			abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%
Pescador proprietário de embarcações e aparelho de pesca	18	8,6	87	41,2	19	9,0	-	-	4	1,9	83	39,3	128	108	84,4	20	15,6			
Pescador proprietário de embarcação	-	-	2	50,0	2	50,0	-	-	-	-	-	-	4	2	50,0	2	50,0			
Pescador proprietário de aparelho de pesca	36	15,5	88	37,8	24	10,3	1	0,4	18	7,7	66	28,3	167	98	58,7	69	41,3			
Pescador que só possui a força de trabalho	59	3	6	10,2	-	-	-	-	-	-	50	84,7	9	5	55,6	4	44,4			

QUADRO 34. Beneficiamentos feitos pelos entrevistados nas suas embarcações em 1972

CLASSE	Beneficiamento		Custo do Beneficiamento (em Cr\$)																	
	Entre- vista- dos (Total)	Sim abs. %	Não abs. %	1,00 a	101,00 a	201,00 a	301,00 a	401,00 a	501,00 a	700,00 a	+de 1.000,00	abs. %	abs. %	abs. %	abs. %	abs. %	abs. %	abs. %	abs. %	
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	125 56,1	98 43,9	89 71,2	12 9,6	7 5,6	4 3,2	5 4,0	2 1,6	1 0,8	5 4,0									
Pescador proprietário de embarcação	7	5 71,4	2 28,6	3 60,0	-	-	-	-	-	-	1 20,0									

QUADRO 35. Empréstimo, instituições, uso do empréstimo e forma de pagamento

CLASSES	USO DO EMPRÉSTIMO										FORMA DE PAGAMENTO												
	TOMOU EMPRÉSTIMO		INSTITUIÇÕES				USO DO EMPRÉSTIMO				Dinheiro		Produto										
	Entre- vista- dos (Total)	Sim abs. %	Não abs. %	Bancos abs. %	Particular abs. %	Compra de embarcação abs. %	Reparo das embarcações abs. %	Compra de aparelhos e acessórios abs. %	Reparo de embarcação/ compra de acessórios abs. %	Dinheiro abs. %	Produto abs. %	Dinheiro/ Produto abs. %											
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	223	16	7,2	207	92,8	4	25,0	12	75,0	2	12,5	3	18,7	10	62,5	1	6,3	14	87,5	2	12,5	-	-
Pescador proprietário de embarcação	7	2	28,6	5	71,4	1	50,0	1	50,0	1	50,0	-	-	-	-	-	-	1	50,0	1	50,0	-	-
Pescador proprietário de aparelho de pesca	233	12	5,2	221	94,8	-	-	12	100,0	-	-	-	-	12	100,0	-	-	3	25,0	8	66,7	1	8,3
Pescador que só possui a força de trabalho	59	-	-	59	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

QUADRO 36. Razões da não utilização, por parte do pescador, de empréstimos para compra de material de pesca

CLASSES	RAZÕES ALEGADAS											
	Entre- vistados (Total)	Não tem necessidade		Os juros são altos		Não sabe da existência de quem empreste		Tem medo de não poder pagar o empréstimo		Outras		
		abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	abs.	%	
Pescador proprietário de embarcação e aparelho de pesca	207	51	24,6	25	12,1	106	51,2	25	12,1	-	-	
Pescador proprietário de embarcação	5	-	-	5	100,0	-	-	-	-	-	-	
Pescador proprietário de aparelho de pesca	221	30	13,6	25	11,3	107	48,4	47	21,3	12	5,4	
Pescador que só possui a força de trabalho	59	-	-	5	8,5	30	50,8	18	30,5	6	10,2	

Capítulo 6. ORIGEM DOS PESCADORES

Na pesquisa dos entrevistados quanto aos municípios de nascimento segundo a situação urbana, verifica-se que dos 522 pescadores entrevistados, 91,2% nasceram em municípios localizados no polígono do Diagnóstico (Quadro 37), sendo que desse total, 97,3% nasceram em municípios pesquisados pelo estudo de pesca e apenas 2,7% em municípios não pesquisados. Dos demais, 7,5% nasceram em outros municípios da Bahia e somente 1,3% nasceram em outros Estados.

Quanto ao grau de urbanização de origem, nota-se que não existe grande diferença percentual entre os que nasceram em cidades e os nascidos em vilas, apresentando-se em menor número os que nasceram em roças ou fazendas. Deve-se salientar que entre as cidades de procedência estão incluídas diversas de tamanho relativamente pequeno, o que significa uma urbanização (no sentido sociológico) menos real do que parece.

Com esses dados, pode-se obter algumas conclusões: a primeira é a de que o setor pesqueiro regional não constitui polo de atração que chegue a mobilizar grande número de pescadores de outros Estados e mesmo de outras áreas dentro do próprio polígono do Diagnóstico. Por outro lado, é de se supor que parte daqueles que migraram no passado para a região, ao não encontrarem meios que lhes possibilitassem a sobrevivência dentro do seu campo profissional, buscassem esses meios através das atividades de pesca. A segunda conclusão é a de que a origem de grande parte dos pescadores atuais está muito freqüentemente relacionada à mobilidade entre a agricultura e a pesca. Esta se mantém dominante em termos tradicionais, ou seja, grande número de pescadores atuais são oriundos de famílias de pescadores parcialmente vinculados às atividades agrícolas executadas em pequenas propriedades, principalmente na faixa costeira propriamente dita.

O Quadro anterior mostrou que a origem (nascimento) dos pescadores entrevistados é diversa. Ao se estratificar a amostra em migrantes e não migrantes (Quadro 38), pode-se, a partir daí, abordar, de uma maneira geral, algumas das características dos que migraram para a área do estudo de pesca.

6.1. Características originais dos migrantes

A idade dos que migraram para a área pesquisada por ocasião da saída do lugar de nascimento pode ser visualizada no Quadro 39, onde se constata a quase predominância das idades mais baixas, pois 47,4% dos migrantes deixou o

lugar de nascimento com quatorze anos ou menos e 70,2% com menos de 20 anos.

Parte dos migrantes fez escalas intermediárias entre o lugar de nascimento e os municípios pesquisados (Quadro 40).

Enquanto que no Quadro 39, 18,8% de pessoas saíram até quatro anos de idade, no Quadro 40 elas são apenas 12%; enquanto havia 13,5% de pessoas no grupo de 5 a 9 anos, agora há 10,6%.

Com uma grande proporção dos migrantes chegando aos municípios pesquisados ainda muito jovem (55% de dezanove anos para baixo) é natural que o número de solteiros tenha aumentado, pois estes, conforme se observa no Quadro 41, representavam 83,3% daqueles que ao saírem de seus lugares de nascimento tinham de quinze anos para cima.

Supõe-se que os casados, que naquela época representavam 14,8% desse total, tenham sofrido aumento, pois os grupos etários de 20 a 24, de 25 a 29 e de 30 a 34 anos, que na época de saírem de seus lugares de nascimento representavam os percentuais de 12,8% e os dois últimos de 5,3% cada um, ao chegarem aos municípios pesquisados, tiveram seu número aumentado, podendo-se talvez, explicar esse aumento pelo fato de parte desses migrantes terem feito escalas intermediárias.

Quanto ao grau de instrução, quando os migrantes deixam o lugar de nascimento, a grande proporção é dos que nunca foram à escola. O Quadro 42 indica que 47,2% o fez nessa condição enquanto outros 17,9% liam e escreviam (sem nunca terem freqüentado a escola), o que supõe um baixo nível de instrução. Outros 34% chegaram a freqüentar o curso primário, mas em sua maioria incompleto.

O grau de instrução do migrante ao chegar aos municípios pesquisados pode ser observado no Quadro 43, onde se constata que não houve diferença sensível entre esse sub-grupo e o conjunto dos migrantes.

Os dados do Quadro 44 indicam os migrantes que vieram diretamente para os municípios pesquisados e os que fizeram escalas intermediárias.

A discriminação do número de municípios em que moraram aqueles que fizeram escalas intermediárias até chegar ao município de moradia atual pode ser observada através do Quadro 45, onde constatamos que praticamente a metade residiu em dois municípios distintos, enquanto o restante residiu em três, quatro, cinco e seis municípios. Os dados indicam que poucos desses

migrantes tiveram mudanças constantes até chegar ao município de residência atual.

Quanto à ocupação que tinham os migrantes por ocasião da saída do lugar de nascimento, praticamente a metade exercia atividades relativas à produção agrícola e extrativa, sendo que as demais atividades entram sem grande expressão percentual (Quadro 46). Deve-se, entretanto, salientar que uma boa parte desses migrantes ainda não tinha idade para trabalhar ou estava desempregada.

Um dos pontos interessantes a esclarecer é o da razão de saída do lugar de nascimento apresentada pelos migrantes e situação em que se encontravam na ocupação que exerciam antes de migrarem (Quadro 47).

6.2. A família e alguns aspectos demográficos

Nos contatos que a equipe manteve com os pescadores durante longo período de trabalho junto aos diversos tipos de concentrações pesqueiras nos 23 municípios que compõem a área do estudo de pesca, é que surgiu a oportunidade de fazer anotações extra-questionário sobre a composição de dependência e as diversas relações mantidas entre os membros das famílias desses pescadores. Assim, com base nessas anotações e com os dados dos questionários é que se procurou caracterizar o grupo familiar.

De uma maneira geral, pode-se concluir que existem três tipos de família nessas concentrações pesqueiras. O primeiro tipo é o que se pode denominar de família conjugal ou nuclear. É composta do chefe (pescador), da mulher e dos filhos, sendo que a união pode ser sancionada ou não pelo matrimônio. Segundo os próprios pescadores, a grande maioria dos casamentos se efetivou através do matrimônio religioso, pois o casamento civil torna-se mais difícil, não só pela falta de autoridade legal, principalmente nas concentrações pesqueiras localizadas nas áreas rurais, como também por não ser considerado de grande importância. Nesse tipo de família, tanto o homem como a mulher desempenham um papel definido, imposto pela sociedade. As mulheres, em sua grande maioria, assumem a responsabilidade dos afazeres domésticos e somente em algumas áreas, principalmente onde existem grandes concentrações de mangues, é que constatamos a sua participação nas atividades de pesca, através da captura de moluscos e crustáceos com fins comerciais ou de inclusão no cardápio doméstico. Os filhos, conforme vão aparecendo no lar, são chamados a assumir determinadas funções que vão desde o processo de aprendizagem de captura do pescado até os afazeres domésticos. Deve-se salientar que esses elementos são observados nos outros dois tipos de famílias.

A família seguinte pode ser classificada como uma família grupal. Habita as pequenas propriedades agrícolas (na sua maioria sítios), principalmente na faixa costeira, onde os seus membros participam desde muito cedo das tarefas relativas à pequena agricultura de subsistência, não havendo aí distinção de sexo. A pesca aparece nessas famílias como atividade principal ou secundária, sendo que os membros do sexo masculino é que participam da captura do pescado, principalmente quando a pesca é navegável. Quando os filhos alcançam a maioridade, procuram constituir nova família, através do casamento ou não, e talvez motivados pela situação de dependência anterior, continuam a morar com os pais na mesma casa ou em outra bem próxima e assim o sistema patriarcal continua a imperar, situação esta que muitas vezes se repete até mesmo quando o novo componente da família é do sexo masculino.

O terceiro e último tipo de família constatado é o que se pode denominar de família extensa. É muito observada nas concentrações pesqueiras localizadas principalmente nos centros urbanos, onde a família vai se estendendo num sentido espacial, tão amplo que em muitos casos as relações entre as suas diversas partes chegam a se perder.

Quanto ao tamanho dessas famílias, pode-se constatar no Quadro 48 que dos 522 pescadores entrevistados, 63,5% têm na família entre 3 a 7 membros. Deve-se deixar bem claro que estão incluídas as pessoas relacionadas com o chefe da família por parentesco ou por qualquer outra razão. No cômputo geral, podemos chegar a uma média de 6 pessoas por família, o que não deixa de ser uma média alta para um tipo de população que se utiliza ainda de velhos métodos da arte da pesca para a sobrevivência.

O sexo e a idade dessas pessoas podem ser observados através do Quadro 49, onde se verifica que do total de 3.090 pesquisados, a grande maioria tem idade inferior a 40 anos, o que indica a existência de bastante mão-de-obra nas concentrações pesqueiras para um plano de desenvolvimento econômico e social. Verificamos também que desse total, quase a metade é menor de 0 a 14 anos. Apenas um sexto é maior de 40 anos, o que até certo ponto vem demonstrar a vida curta que têm os pescadores em toda a área diagnosticada.

O grau de instrução dessas pessoas está evidente pelos dados que se apresentam no Quadro 50, onde se vê que a maioria absoluta não chegou a frequentar o curso ginásial ou colegial. Desse percentual, 41,8% nunca foi à escola, 26,1% chegaram a concluir o primário e 24,3% não chegaram a concluí-lo. Entre as 1924 pessoas que nunca foram à escola, estão incluídas aquelas sem idade escolar. As demais, 2,4% estavam cursando o ginásial; 0,8% o colegial e 2,7% aprenderam sozinhos.

Com esses dados, podemos chegar à conclusão de que os filhos dos pescadores ou outras pessoas que dependam dos mesmos por diversas razões, não conseguem na sua grande maioria cursar o ginasial ou colegial em decorrência de vários fatores, sendo um dos principais o fato dos

pais serem obrigados a retirá-los muito cedo da escola e a lançá-los ao trabalho como auxiliares no sustento da família. A minoria que chega a cursar o ginasial ou o colegial é geralmente de filhos de pescadores, comumente denominados, na região, "armadores de pesca".

QUADRO 37. Município de nascimento do entrevistado, segundo a situação urbana (Cidade, Vila e roça)

Município de nascimento	Pescadores	Cidade		Vila		Roça	
		nºabs.	%	nºabs.	%	nºabs.	%
Total	522	234	44,8	212	40,6	76	14,6
Municípios da Região	476	214	45,0	193	40,5	69	14,5
Municípios pesquisados	463	210	45,4	190	41,0	63	13,6
Outros municípios da Bahia	39	14	35,9	19	48,7	6	15,4
Municípios de outros Estados	7	6	85,7	—	—	1	14,3

QUADRO 38. Estratificação da população amostral

	População entrevistada	
	Números absolutos	Porcentagem
Migrantes	133	25,5
Não migrantes	389	74,5
Total	522	100,0

QUADRO 39. Idade dos entrevistados ao saírem dos seus lugares de nascimento

Idade	Entrevistados	
	Números absolutos	Porcentagem
0 - 4	25	18,8
5 - 9	18	13,5
10 - 14	20	15,1
15 - 19	30	22,8
20 - 24	17	12,8
25 - 29	7	5,3
30 - 34	7	5,3
35 - 39	3	2,2
40 - 44	2	1,5
+ de 45	1	0,7
Não sabe	3	2,2
Total	133	100,0

QUADRO 40. Idade dos entrevistados ao chegarem aos municípios da pesquisa

Idade	Migrantes entrevistados	
	Números absolutos	Porcentagem
0 - 4	16	12,0
5 - 9	14	10,6
10 - 14	14	10,6
15 - 19	29	21,8
20 - 24	23	17,3
25 - 29	13	9,8
30 - 34	11	8,3
35 - 39	3	2,2
40 - 44	4	3,0
45 - 49	3	2,2
+ de 50	1	0,7
Não responderam	2	1,5
Total	133	100,0

QUADRO 41. Estado civil ao vir para os municípios da pesquisa (15 anos e mais ao sair do lugar de nascimento)

Estado civil	Migrantes entrevistados	
	Número absoluto	Porcentagem
Solteiros	58	83,3
Casados/amigados	10	14,8
Total	68	100,0

QUADRO 42. Instrução por ocasião da saída do lugar de nascimento (5 anos e mais)

Grau de instrução	Entrevistados	
	Números absolutos	Percentagem
Nunca foi à escola	50	47,2
Primário completo	2	1,9
Primário incompleto	34	32,1
Médio incompleto	1	0,9
Aprendeu sozinho	19	17,9
Total	106	100,0

QUADRO 43. Instrução por ocasião da chegada aos municípios pesquisados (de 5 anos e mais)

Grau de instrução	Migrantes entrevistados	
	Números absolutos	Percentagem
Nunca foi à escola	38	48,8
Primário completo	2	2,5
Primário incompleto	23	29,5
Aprendeu sozinho	15	19,2
Total	78	100,0

QUADRO 44. Escalas intermediárias para atingir os municípios pesquisados

Existência ou não de escalas	Migrantes entrevistados	
	Número absoluto	Percentagem
Veio diretamente para o município pesquisado	96	72,2
Teve escalas intermediárias	37	27,8
Total	133	100,0

QUADRO 45. Número de municípios tidos como residência

Número de municípios	Migrantes entrevistados	
	Números absolutos	Percentagem
2	18	48,7
3	7	18,9
4	8	21,6
5	3	8,1
6	1	2,7
Total	37	100,0

QUADRO 46. Ocupação dos entrevistados por ocasião da saída do lugar de nascimento

Ocupação por setores	Migrantes entrevistados	
	Nº absolutos	Percentagem
Direção, administração e escritório	2	1,5
Setor agrícola e extrativo	65	48,9
Comércio e atividades auxiliares	3	2,2
Indústria têxtil	3	2,2
Indústria de madeira e móveis	2	1,5
Indústria de construção civil	3	2,2
Indústria de alimentação e bebidas	2	1,5
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	3	2,2
Serviços portuários	1	0,7
Sem idade para trabalhar	31	23,4
Desempregado	18	13,7
Total	133	100,0

QUADRO 47. Razões da saída do lugar de nascimento (inclusive os menores de idade)

Razões	Situação na ocupação							
	Entrevistados		Autônomo		Empregado		Desempregado	
	abs.	rel.	Nº abs.	%	Nº abs.	%	Nº abs.	%
Melhorar de situação financeira; procurar emprego (inclusive emprego melhor) e inexistência de meios de vida no lugar	44	33,0	16	36,4	23	52,3	5	11,4
Mudança de família; desentendimento com parentes, por ter constituído família; devido ao falecimento dos pais e parentes	68	51,1	6	8,8	8	11,8	54	79,4
Devido à seca	3	2,4	—	—	3	100,0	—	—
Desejo de conhecer outros lugares	12	9,0	—	—	7	58,3	5	41,7
Ingresso no serviço militar	2	1,5	—	—	2	100,0	—	—
Outras razões	4	3,0	1	25,0	2	50,0	1	25,0
Total dos entrevistados	133	100,0	23	17,3	45	33,8	65	48,9

QUADRO 48. Tamanho da família dos pescadores entrevistados

Número de pessoas por família	Número de famílias	
	Número absoluto	Porcentagem
15	4	0,8
14	4	0,8
13	5	1,0
12	10	2,0
11	11	2,2
10	29	5,6
9	33	6,3
8	45	8,6
7	61	11,7
6	67	12,8
5	65	12,5
4	74	14,2
3	65	12,4
2	27	5,1
1	22	4,2
Total	522	100,0

QUADRO 49. Sexo e idade das pessoas que compõem a família dos pescadores

Grupo etário	Total	Masculino		Feminino	
		nº absoluto	%	nº absoluto	%
0 – 4	532	241	45,3	291	54,7
5 – 9	475	259	54,5	216	45,5
10 – 14	444	245	55,2	199	44,8
15 – 19	391	215	55,0	176	45,0
20 – 24	237	146	61,6	91	38,4
25 – 29	171	81	47,4	90	52,6
30 – 34	128	70	54,7	58	45,3
35 – 39	160	77	48,1	83	51,9
40 – 44	118	67	56,8	51	43,2
45 – 49	94	46	48,9	48	51,1
50 – 54	84	52	61,9	32	38,1
55 – 59	69	51	73,9	18	26,1
60 – 64	60	39	65,0	21	35,0
65 – 69	32	24	75,0	8	25,0
+ de 70	32	13	40,6	19	59,4
Sem resposta	63	19	30,2	44	69,8
Total	3 090	1 645	53,2	1 445	46,8

QUADRO 50. Grau de instrução das pessoas que compõem a família dos pescadores

Grau de instrução	nº de pessoas	Masculino		Feminino	
		nº absoluto	%	nº absoluto	%
Nunca foi à escola	1 294	650	50,2	644	49,8
Primário completo	806	479	59,4	327	40,6
Primário incompleto	753	401	53,3	352	46,7
Ginasial	73	32	43,8	41	56,2
Colegial	26	13	50,0	13	50,0
Aprendeu sozinho	55	29	52,7	26	47,3
Não respondeu	83	41	49,4	42	50,6
Total	3 090	1 645	53,2	1 445	46,8

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O exame da realidade da pesca artesanal na área do Polígono do Diagnóstico Sócio-econômico da Região Cacaueira da Bahia permite algumas conclusões quanto às medidas que julgamos aconselháveis apresentar aos órgãos preocupados com o desenvolvimento do setor pesqueiro regional.

1. A área do Polígono do Diagnóstico abrange um litoral de aproximadamente 640 quilômetros, o que corresponde a dois terços do litoral baiano, existindo aí uma área de 110.000 ha. de mangues. Além da faixa litorânea mencionada, a região possui ainda inúmeras bacias hidrográficas.

Segundo informações dos pescadores e principalmente da própria SUDEPE, existem na plataforma continental diversas espécies de pescado nobre tais como: cherne, badejo, vermelho e muitas outras, que alcançam altos preços nos mercados consumidores nacionais e internacionais.

Não havendo dúvida quanto à existência dessas espécies na plataforma continental, o dado incerto é a possibilidade de serem exploradas economicamente por prazo indefinido e com alta taxa de rentabilidade, desde que se desconhece o potencial real dessas espécies.

As informações dos pescadores quanto à existência e à abundância dessas espécies e quanto à localização de pesqueiros carecem de precisão, mas as mesmas poderiam servir como subsídio para um futuro estudo de prospecção da área.

Quanto à potencialidade piscícola das bacias hidrográficas, a falta de estudos ictiológicos e de dados estatísticos da produção ainda não permite uma avaliação da importância econômica dessas bacias.

Atualmente a SUDEPE vem desenvolvendo esforços para aumentar a produção de pescado de águas interiores através de estudos ictiológicos visando à implantação da piscicultura extensiva (repopoamento dos rios e lagoas) e da piscicultura intensiva (criação de peixes em viveiros). Como já existem na região algumas experiências em relação a essa última, torna-se necessário que a SUDEPE e outros órgãos interessados no aumento da produção de pescado regional firmem convênios para a implantação de um centro de pesquisa ictiológica, que permitirá um conhecimento sistemático dos recursos pesqueiros aqui existentes como também servirá de base para a implantação de futuras fazendas de peixes na região.

2. Nesses ambientes pesqueiros vive um grande contingente de pescadores artesanais, os quais utilizam primitivos métodos de trabalho resultando em baixos índices de produtividade, inclusive com estagnação tecnológica, social e econômica.

A pesca artesanal nessa área, com suas várias implicações dentro da economia regional, apresenta uma estrutura complexa e desorganizada, mormente quando verificamos o processo institucional em que se molda.

O pescador artesanal sofre todas as espécies de pressão, aliadas às circunstâncias fatigantes do trabalho, principalmente no mar, sem assistência básica, econômico-financeira e social, o que torna o setor ainda mais improdutivo.

Assim, não há perspectivas imediatas de, nas atuais condições, conseguir do homem da pesca mais do que o mínimo necessário para a sua sobrevivência. Nem tampouco resolveria assalariá-lo em massa nas empresas, devido ao seu baixo índice educacional, que não vai além do conhecimento prático do mar e das praias ou da movimentação pelos astros. Outro fator de influência para a produtividade é a natureza de seus instrumentos de pesca (embarcações e aparelhos de pesca).

Dadas as condições sazonais em que a pesca se realiza, o pescador procura sobreviver na multiplicidade de ocupações, entregando-se à agricultura ou a outras atividades no inverno. Nas épocas de safra o processo se inverte, pois muitos rurícolas que vivem nas proximidades de ambientes pesqueiros são atraídos para as atividades de captura do pescado com fins de consumo familiar e de comercialização.

Em consequência do aumento do efetivo humano na atividade de captura do pescado nas épocas de safra e com o aumento natural de filhos de pescadores que aspiram ou são levados a adotar a ocupação paterna, ocorre oferta de mão-de-obra nas concentrações pesqueiras em escala superior à procura.

Devido à desorganização administrativa do setor, a limitações de financiamento e às características do próprio processo produtivo, o desenvolvimento das atividades pesqueiras sofre uma série de freios. Os financiamentos para as atividades de pesca existentes nos bancos oficiais da região não chegam a atingir o pescador, pois não oferecem os mesmos, na maioria das vezes, as garantias exigidas por esses estabelecimentos bancários para a concretização dos financiamentos, que só servem aos interesses de uma minoria, ficando o pescador sem o direito de pleiteá-los.

Para que haja um aumento da produtividade e da produção no setor pesqueiro artesanal e conseqüentemente uma melhoria nas condições de vida do pescador regional, faz-se necessário tomar medidas urgentes relativas ao conjunto de fatores que compõem essa peculiar atividade econômica, tais como:

a) Racionalização dos instrumentos de trabalho — segundo a opinião de vários técnicos

especialistas na construção de embarcações pesqueiras e aparelhos de pesca, uma embarcação é tanto mais eficiente quanto mais segura, mais apta a enfrentar piores condições atmosféricas, permitindo um maior raio de operações, mais adaptada a operações com maior variedade de aparelhos de captura, mais capaz de carregar em condições de boa conservação as quantidades de pescado capturado. Entretanto, a frota pesqueira em uso na região, apesar de uma certa evolução, não preenche em sua grande maioria os requisitos mínimos necessários à proteção do homem no mar e à conservação do pescado capturado, influenciando este último fator na qualidade do pescado ofertado nos mercados consumidores. Em decorrência da fragilidade das embarcações, as atividades de captura do pescado caem drasticamente no inverno. Deve-se no entanto salientar que apenas a racionalização dessas embarcações não solucionaria o problema, pois outros fatores devem ser levados em conta: fatores humanos, econômicos e técnicos.

Sabe-se que o pescador regional é bem treinado para operar com os instrumentos (embarcações e aparelhos de pesca) que conhece e possui mas, quando se pensa em racionalizar esses instrumentos, torna-se necessário ministrar treinamento para a habilidade de navegação; conhecimento de aparelhos e técnicas de captura; conhecimento de mecânica e de motores e treinamento operacional visando a execução racional de tarefas.

É preciso levar também em conta os problemas financeiros, pois a pesca artesanal em toda a área estudada, com algumas exceções, é completamente descapitalizada, pertencendo os instrumentos a uma minoria, destacando-se os armadores de pesca e os comerciantes. Os poucos instrumentos que pertencem aos pescadores foram, na sua maioria, confeccionados por eles próprios, com matéria-prima adquirida em pequenas parcelas, geralmente em troca do pescado capturado. Portanto, para que a racionalização desses instrumentos não atinja apenas uma pequena minoria, é necessária uma reestruturação na forma de financiamento existente para a pesca artesanal, sendo que esta reestruturação deverá estar ligada aos problemas de treinamento do pescador e à seleção e indicação dos aparelhos de pesca e embarcações a serem financiados, no sentido de que sejam adequados a cada ambiente pesqueiro regional. Como foi dito anteriormente, um dos entraves para que o pescador tenha acesso a esses financiamentos, é a falta de garantias exigidas pelas fontes bancárias para a concretização dos mesmos, aliadas ao consenso geral de que o pescador, nas condições atuais, não tem meios de restituir o empréstimo por várias razões, sendo que uma das principais é a de que tudo que ganha é consumido com bebidas alcoólicas. No decorrer deste trabalho, quando foi analisado o processo de comercialização do pescado, chegou-se à conclusão de que essas afirmações são, na maioria das vezes, infundadas.

Mesmo assim temos que considerar que o pagamento (amortização) dependerá da quanti-

dade e da qualidade do resultado da pesca o que, por sua vez, tem relação com o grau de treinamento do pescador, da adequação dos instrumentos de trabalho a ele fornecidos de acordo com o plano de financiamento, e da orientação dada pelo órgão responsável pelo desenvolvimento da pesca, no caso a SUDEPE, quanto a outros fatores que serão abordados adiante.

Ainda quanto aos instrumentos de trabalho, cumpre informar que existem em alguns pontos do litoral pequenos estaleiros onde é confeccionada a maioria das embarcações em uso na região. Estes estaleiros funcionam em moldes artesanais, o que vem de certo modo encarecer o custo de construção das embarcações. O ideal seria a promoção de facilidades de financiamento para a ampliação desses estaleiros e, conseqüentemente, um treinamento adequado da mão-de-obra ocupada dos mesmos, tendo os estaleiros condições não só de receber encomendas de barcos com certos requisitos técnicos como também de absorver mais recursos humanos nas concentrações pesqueiras da área.

b) Ampliação do mercado consumidor — quando se pensa em aumentar a produção de qualquer gênero alimentício, torna-se necessário um estudo mercadológico das possibilidades desse mercado e de suas condições de ampliação. Especificamente, neste trabalho, não existe um item que enfoque o consumo de pescado regional, mas o que se pode adiantar é que esse mercado existe e está em franca expansão, pois segundo dados quanto às importações do pescado de outras regiões e por informações atuais de alguns revendedores de peixe por atacado, essas importações crescem de ano para ano, sendo o Estado do Rio Grande do Sul um dos principais fornecedores de pescado. A pouca penetração que tem o pescado regional no mercado consumidor deve-se logicamente ao baixo índice de captura e também à qualidade do produto ofertado. Este último item merece bastante atenção das autoridades sanitárias, principalmente na faixa litorânea, pois o que constantemente se observa é a venda do peixe em temperatura natural e/ou mal refrigerado, o que vem concorrer para a má qualidade do produto exposto à venda e, automaticamente, para uma retração do consumidor. Este problema ocorre por falta de uma fiscalização mais constante por parte das autoridades sanitárias e principalmente por não dispor o setor pesqueiro de uma organização comercial adequada para a pesca artesanal.

c) Organização comercial adequada para a pesca artesanal — Normalmente, quando se pensa em organizar os pescadores artesanais com vistas à melhoria das suas condições de vida, ocorre logo a idéia de organizá-los em cooperativas. Na própria área estudada já houve uma iniciativa da SUDEPE nesse sentido, que fracassou.

Esse fracasso, no entanto, deveu-se à ação dos intermediários que não aceitaram a nova forma

que daí surgiria em termos de comercialização, bem como à incapacidade de recursos dos pescadores para investir no empreendimento.

Quando se pensar em organizar o pescador artesanal nessa área visando a comercialização do resultado da pesca, deve-se levar em conta o grau de dependência existente entre o intermediário e o pescador. O primeiro fornece produtos alimen-

tícios por um preço superior ao encontrado em outras casas comerciais e em pagamento recebe o produto por preço inferior ao do mercado, ficando o pescador sempre em débito. Daí a conclusão de que, por todos os elementos expostos, o momento atual da pesca na região é bastante complexo e vários fatores devem ser levados em consideração para a elaboração de uma política de desenvolvimento da atividade pesqueira na região.

ANEXO 1

PESCADORES E EMBARCAÇÕES



Pescadores e embarcações existentes na área do estudo, segundo as Microrregiões. Dezembro 1972/ Fevereiro 1973

Região, Microrregiões, Municípios e Concentrações Pesqueiras	Pescadores				Barcos				Canoas		Jangades				
	Total	Nº pro-Proprie- d e e m-embarca- ções	Nº prietários tários de barcações	Total	Total		A Vela		A Motor		Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	
					Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)					
Região	3 379	2 213	1 166	1 384	1 032 010	138	40 085	47	121 400	91	279 445	1 176	618 925	70	12 240
Microrregião Tabuleiros de Valença	1 204	755	449	537	442 670	59	153 550	28	57 900	31	95 650	476	287 920	2	1 200
Município Valença:	462	313	149	166	132 680	12	33 000	5	9 000	7	24 000	154	99 680	-	-
Sede	232	173	59	71	98 200	12	33 000	5	9 000	7	24 000	59	65 200	-	-
Cajalva	104	30	74	76	23 330	-	-	-	-	-	-	76	23 330	-	-
Guabim	126	110	16	19	11 150	-	-	-	-	-	-	19	11 150	-	-
Município Cairu:	383	246	137	182	153 690	38	93 800	14	22 150	24	71 650	144	59 890	-	-
Sede	19	10	9	14	3 500	-	-	-	-	-	-	14	3 500	-	-
São Sebastião	65	41	24	28	15 870	4	8 000	2	3 000	2	5 000	24	7 870	-	-
Morro de São Paulo	22	16	6	7	9 400	6	9 000	5	8 500	1	500	1	400	-	-
Canaveiras	16	4	12	17	14 700	1	7 000	-	-	1	7 000	16	7 700	-	-
Tapuia	9	3	6	16	23 300	3	17 500	-	-	3	17 500	13	5 800	-	-
Galeão	41	14	27	29	6 910	-	-	-	-	-	-	29	6 910	-	-
Guarapuá	38	30	8	12	10 000	1	3 000	-	-	1	3 000	11	7 000	-	-
Gambos	73	53	20	22	25 410	12	21 800	5	5 150	7	16 650	10	3 610	-	-
Boi-Peba	100	75	25	37	44 600	11	27 600	2	5 500	9	22 000	26	17 100	-	-
Município Taperodá:	57	38	19	21	36 400	-	-	-	-	-	-	21	36 400	-	-
Sede	40	30	10	12	32 850	-	-	-	-	-	-	12	32 850	-	-
Graciosa	12	8	4	4	1 800	-	-	-	-	-	-	4	1 800	-	-
Camurugi	5	-	5	5	1 750	-	-	-	-	-	-	5	1 750	-	-
Município Nilo Peçanha:	53	26	27	28	14 750	1	2 500	1	2 500	-	-	27	12 250	-	-
São Francisco	19	7	12	13	5 100	-	-	-	-	-	-	13	5 100	-	-
Barra dos Carvalhos	25	18	7	7	4 350	1	2 500	1	2 500	-	-	6	1 850	-	-
Itiúca	9	1	8	8	5 300	-	-	-	-	-	-	8	5 300	-	-
Município Ituberá:	99	48	51	57	43 050	6	18 250	6	18 250	-	-	51	24 800	-	-
Sede	34	19	15	19	5 800	-	-	-	-	-	-	19	5 800	-	-
Barra de Berisem	34	23	11	10	14 600	1	8 000	1	8 000	1	8 000	9	6 600	-	-
Pescaria	31	6	25	28	22 650	5	10 250	5	10 250	-	-	23	12 400	-	-
Município Camamu:	123	74	49	59	46 000	2	6 000	2	6 000	-	-	57	40 000	-	-
Sede	54	39	15	20	19 500	-	-	-	-	-	-	20	19 500	-	-
Porto do Carmo	27	10	17	22	14 000	1	3 000	1	3 000	-	-	21	11 000	-	-
Barcelos	18	12	6	6	3 600	-	-	-	-	-	-	6	3 600	-	-
Contrato	24	13	11	11	8 900	1	3 000	1	3 000	-	-	10	5 900	-	-
Município Marau:	27	10	17	24	16 100	-	-	-	-	-	-	22	14 900	2	1 200
Tanque	27	10	17	24	16 100	-	-	-	-	-	-	22	14 900	2	1 200

Pescadores e embarcações na área do estudo, segundo as Microrregiões. Dezembro 1972/ Fevereiro 1973 (cont.)

Região, Microrregião Municípios e Concentrações Pesqueiras	Pescadores				Barcos				Jangadas						
	Total	Nº pro-Proprie- tários tártos de de e m-embarca- ções	Total		Total		A Motor		Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)			
			Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)					Nº	Cap. (kg)	
Microrregião Cacaueira	1 215	843	372	454	314 355	30	124 000	11	46 500	19	77 500	355	179 315	68	11 040
Município Itacaré:	148	112	36	44	23 340	5	8 000	1	2 500	3	5 500	32	13 980	7	1 360
Sede	104	85	19	25	18 250	5	8 000	2	2 500	3	5 500	20	10 250	-	-
Taboquinha	15	5	10	12	3 730	-	-	-	-	-	-	12	3 730	-	-
Itacarezinho	29	22	7	7	1 360	-	-	-	-	-	-	-	-	7	1 360
Município Ubaitaba:	24	13	11	11	2 960	-	-	-	-	-	-	10	2 900	1	60
Sede	24	13	11	11	2 960	-	-	-	-	-	-	10	2 900	1	60
Município Aurelino Leal:	2	-	2	2	465	-	-	-	-	-	-	2	465	-	-
Sede	2	-	2	2	465	-	-	-	-	-	-	2	465	-	-
Município Gongogi:	14	3	11	12	2 010	-	-	-	-	-	-	12	2 010	-	-
Sede	14	3	11	12	2 010	-	-	-	-	-	-	12	2 010	-	-
Município Urucuca:	5	1	4	4	600	-	-	-	-	-	-	-	-	14	600
Serra Grande	5	1	4	4	600	-	-	-	-	-	-	-	-	4	600
Município Ilhéus:	715	537	178	218	192 890	24	114 000	8	42 000	16	72 000	162	74 300	32	4 590
Malhado	130	116	14	20	36 970	4	19 000	-	-	4	19 000	13	17 120	3	850
Barra da Itaipé	76	55	21	34	28 000	-	-	-	-	-	-	34	28 000	-	-
Pontal	194	176	18	25	99 900	20	95 000	8	42 000	12	53 000	5	4 900	-	-
Laranjeiras	57	14	43	50	12 220	-	-	-	-	-	-	50	12 220	-	-
Castelo Novo	13	10	3	3	500	-	-	-	-	-	-	3	500	-	-
Salobrinho	57	51	6	7	1 590	-	-	-	-	-	-	6	1 460	1	120
Cachoeira	29	22	7	7	810	-	-	-	-	-	-	-	-	7	810
Banco da Vitória	21	12	9	10	1 360	-	-	-	-	-	-	7	1 120	3	240
Sembaituba	28	4	24	27	3 910	-	-	-	-	-	-	27	3 910	-	-
Iguaçu	12	4	8	8	2 820	-	-	-	-	-	-	8	2 820	-	-
Jeiri	14	11	3	4	570	-	-	-	-	-	-	-	-	4	570
Ponta de Tuiha	16	8	8	8	1 260	-	-	-	-	-	-	2	500	6	750
Marmoz	27	23	4	5	1 850	-	-	-	-	-	-	1	1 000	4	850
Ponta do Ramo	31	27	4	4	400	-	-	-	-	-	-	-	-	4	400
Juarena	10	4	6	6	750	-	-	-	-	-	-	6	750	-	-
Município Una:	37	20	17	19	7 100	1	2 000	1	2 000	-	-	16	4 740	2	360
Pedras	24	9	15	16	5 300	1	2 000	1	2 000	-	-	13	2 940	2	360
Comandante	13	11	2	3	1 800	-	-	-	-	-	-	3	1 800	-	-
Município Caneveiras:	135	55	80	104	47 310	-	-	-	-	-	-	88	44 870	16	2 440
Sede	133	54	79	103	47 010	-	-	-	-	-	-	87	44 570	16	2 440
Vitorino do Rio Pardo	2	1	1	1	300	-	-	-	-	-	-	1	300	-	-
Município Belmonta:	136	102	33	40	37 680	-	-	-	-	-	-	34	36 050	6	1 630
Sede	128	97	31	37	36 280	-	-	-	-	-	-	31	34 650	-	1 630
Muglitzaba	7	5	2	3	1 400	-	-	-	-	-	-	3	1 400	-	-

Pescadores e embarcações existentes na área do estudo, segundo as Microrregiões. Dezembro 1972/ Fevereiro 1973 (cont.)

Região, Microrregiões, Municípios e Concentrações Pesqueiras	Pescadores			Barcos				Canôas			Jangadas			
	Total	Nº pro-Proprie- tários tártos de e m-embarca- ções		Total		À Vela		A Motor		Canôas		Jangadas		
		Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	Nº	Cap. (kg)	
Microrregião Lit. Ext. Sul	960	615	345	274 985	49	123 295	8	17 000	41	106 295	344	151 690	-	-
Município Santa Cruz Cabralia:														
Sede	76	49	27	18 200	-	-	-	-	-	-	32	18 200	-	-
Santo André	3	-	3	1 600	-	-	-	-	-	-	4	1 600	-	-
Santo Antônio	8	4	4	3 450	-	-	-	-	-	-	6	3 450	-	-
Guaçu	9	2	7	2 900	-	-	-	-	-	-	7	2 900	-	-
Município Porto Seguro:														
Sede	91	118	57	73 290	7	35 000	-	-	7	35 000	55	38 290	-	-
Caralva	33	28	5	59 500	7	35 000	-	-	7	35 000	25	24 500	-	-
Troncoço	15	8	7	1 470	-	-	-	-	-	-	10	8 020	-	-
N.S. da Ajuda	36	22	14	4 300	-	-	-	-	-	-	7	1 470	-	-
Município Prado:														
Sede	220	145	75	62 775	6	28 705	-	-	6	28 705	76	34 070	-	-
Quati	19	11	8	37 275	3	20 405	-	-	3	20 405	35	16 870	-	-
Carapeba	23	21	2	5 150	-	-	-	-	-	-	10	5 150	-	-
Corumbeu	43	30	13	11 150	1	5 000	-	-	1	5 000	2	1 600	-	-
Barra do Prado	14	11	3	3 400	2	3 300	-	-	2	3 300	14	6 150	-	-
Riacho dos Mangues	10	4	6	1 500	-	-	-	-	-	-	1	1 000	-	-
Cumaruatiba	19	11	8	2 700	-	-	-	-	-	-	6	1 500	-	-
Município Alcobeca:														
Sede	108	85	23	20 430	3	6 500	-	-	3	6 500	24	13 930	-	-
Guaratiba	65	52	13	14 780	3	6 500	-	-	3	6 500	13	8 280	-	-
Zé Loure	14	9	5	2 700	-	-	-	-	-	-	6	2 700	-	-
Município Caravelas:														
Sede	193	105	88	61 570	19	32 000	6	13 600	13	18 400	80	29 570	-	-
Ponta de Areia	20	10	10	14 040	8	12 000	-	-	8	12 000	5	2 040	-	-
Barra de Caravelas	88	45	43	26 130	7	11 400	4	9 600	3	1 800	41	14 730	-	-
Município Nova Viçosa:														
Sede	120	67	53	21 400	4	8 600	2	4 000	2	4 600	34	12 800	-	-
Sebacuri	43	25	18	34 120	14	21 080	1	3 400	12	17 680	50	13 030	-	-
Barra Velha	19	8	11	19 300	12	17 690	1	3 000	11	14 690	12	1 610	-	-
Pau Fincado	36	21	14	4 200	1	400	1	400	1	3 000	10	3 800	-	-
Mucuri	23	13	10	5 950	1	3 300	-	-	1	3 000	16	2 950	-	-
Sede	68	46	22	4 670	-	-	-	-	-	-	12	4 670	-	-
Jacutinga	45	31	14	4 600	-	-	-	-	-	-	27	4 600	-	-
Callunga	13	8	5	3 340	-	-	-	-	-	-	17	3 340	-	-
Cajueiro	44	3	1	410	-	-	-	-	-	-	5	410	-	-
Pecis	1	1	1	100	-	-	-	-	-	-	2	100	-	-
	5	4	1	500	-	-	-	-	-	-	2	500	-	-
				250	-	-	-	-	-	-	1	250	-	-



ANEXO 2

APARELHOS DE PESCA

Aparelhos de Pesca existentes na área do estudo, segundo as Microrregiões. Dezembro 1972/fevereiro 1973

APARELHOS DE PESCA

Região, Microrregiões, Municípios e Concentrações Pesqueiras	Total	Arre- tão	Puçá	Eme- lhar	Terra- fa	Terra- fa	Ter- reiros	Três Melhos	Tapes- teiro	Capo- eiro	Te- nhira	Arrai- era	Anzol	Gro- zeira	Mun- zuá	Cam- boe	Curru- Arvão	Siri- poia	Gereré	Tapes- gem	Pari- pe
Região	10 154	141	199	1 063	301	122	123	56	65	25	3 871	252	2 930	967	4	1	5	27	10	2	
Microrregião Tabuleiros de Valença	2 708	79	70	271	24	26	111	—	37	14	935	70	144	927	—	—	—	—	—	—	
Município Valença:	727	28	28	23	5	23	5	—	22	8	122	14	—	461	—	—	—	—	—	—	
Sede	295	15	16	13	2	8	—	—	16	8	30	14	—	173	—	—	—	—	—	—	
Cajalva	311	4	12	8	3	—	5	—	—	—	1	—	—	278	—	—	—	—	—	—	
Guaibim	121	7	—	2	—	15	—	—	6	—	91	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Município Cairu:	1 263	17	22	182	12	—	106	—	10	1	593	29	24	267	—	—	—	—	—	—	
Sede	81	—	—	12	3	—	—	—	—	—	—	—	—	12	—	—	—	—	—	—	
São Sebastião	219	—	7	102	1	—	—	—	—	—	—	—	—	76	2	—	—	—	—	—	
Morro de São Paulo	160	—	—	3	1	—	13	—	—	—	139	1	—	—	—	—	—	—	—	—	
Caneveiras	44	—	5	12	—	—	—	—	10	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Tapuia	20	1	—	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Galeão	81	—	3	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	6	—	—	—	—	—	
Guarapua	136	4	—	5	2	—	51	—	—	—	63	1	—	10	—	—	—	—	—	—	
Gamboá	236	1	5	5	—	—	2	—	—	1	210	2	—	—	—	—	—	—	—	—	
Boi-Peba	286	11	2	25	5	—	40	—	—	—	99	5	—	—	—	—	—	—	—	—	
Município Taperóá:	188	1	—	18	3	—	—	—	—	—	40	11	—	—	—	—	—	—	—	—	
Sede	67	1	—	14	3	—	—	—	—	—	38	10	—	—	—	—	—	—	—	—	
Graciosa	116	—	—	1	—	—	—	—	—	—	2	1	—	—	—	—	—	—	—	—	
Camurugi	5	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Município Nilo Peçanha:	92	5	3	10	3	—	—	—	—	—	36	5	—	—	—	—	—	—	—	—	
São Francisco	36	—	—	7	2	—	—	—	—	—	7	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Barras dos Carvalhos	39	3	1	—	1	—	—	—	—	—	29	5	—	—	—	—	—	—	—	—	
Itiúca	17	2	2	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Município Ituberá:	216	11	—	17	—	—	—	—	—	—	101	6	64	17	—	—	—	—	—	—	
Sede	58	6	—	9	—	—	—	—	—	—	17	6	16	4	—	—	—	—	—	—	
Barras de Berleem	89	5	—	5	—	—	—	—	—	—	79	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Pescaria	69	—	—	3	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Município Carnaúma:	196	18	17	9	1	3	—	—	5	5	43	4	56	35	—	—	—	—	—	—	
Sede	56	10	2	1	—	3	—	—	—	—	8	3	15	14	—	—	—	—	—	—	
Porto do Campo	93	—	12	—	—	—	—	—	2	3	18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Berçelas	17	—	—	5	1	—	—	—	3	1	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Contrato	30	8	3	3	—	—	—	—	—	—	11	1	—	—	—	—	—	—	—	—	
Município Meráú:	26	1	—	12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
Tanque	26	1	—	12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	

Aparelhos de Pesca existentes na área do estudo, segundo as Microrregiões. Dezembro 1972/ Fevereiro 1973 (cont.)

APARELHOS DE PESCA

Região, Microrregiões,

Municípios e
Concentrações Pesqueiras

	Total	Arree- tão	Puçã	Eme- lhar	Tarra- fa	Três Malhos	Tapes- teiro	Caço- eiro	Ta- nheira	Arrai- era	Anzol	Gro- zeira	Mun- zuá	Cam- bos	Curru- piche	Arpão	Siri- poia	Geraré	Tapa- gem	Pari- pe
Microrregião Cacaueira	5 224	24	30	393	242	96	11	50	11	-	1 449	60	2 736	28	-	-	5	27	10	2
Município Itacaré:	259	1	3	26	24	4	1	-	10	-	174	-	15	1	-	-	-	-	-	-
Sede	130	1	1	17	15	4	1	-	4	-	86	-	-	1	-	-	-	-	-	-
Taboquinha	65	-	2	9	9	-	-	-	6	-	24	-	15	-	-	-	-	-	-	-
Itacarezinho	64	-	-	-	-	-	-	-	-	-	64	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Ubatuba:	181	-	-	15	9	-	-	-	-	-	-	-	157	-	-	-	-	-	-	-
Sede	181	-	-	15	9	-	-	-	-	-	-	-	157	-	-	-	-	-	-	-
Município Aurelino Leal:	14	1	-	1	1	-	-	-	-	-	10	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Sede	14	1	-	1	1	-	-	-	-	-	10	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Município Gongogi:	236	-	-	26	11	-	-	-	-	-	4	-	194	-	-	-	-	-	-	1
Sede	236	-	-	26	11	-	-	-	-	-	4	-	194	-	-	-	-	-	-	1
Município Uruçuca:	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Serra Grande	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Ilhéus:	3 923	17	12	89	154	92	8	49	-	-	1 047	8	2 409	6	-	-	1	26	4	1
Malhado	228	1	-	5	36	2	1	49	-	-	221	1	50	-	-	-	-	-	-	-
Barras de Itaípe	156	12	-	5	36	2	1	49	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Pontal	384	1	10	2	12	90	-	-	-	-	359	2	393	2	-	-	-	-	-	-
Laranjeiras	760	-	-	-	17	90	-	-	-	-	256	2	393	2	-	-	-	-	-	-
Castelo Novo	83	-	-	3	5	-	-	-	-	-	2	2	71	-	-	-	-	-	-	-
Salobrinho	302	-	2	46	19	-	-	-	-	-	-	-	222	-	-	-	-	13	-	-
Cachoeira	740	-	-	1	23	-	-	-	-	-	1	-	709	-	-	-	-	3	3	-
Banco de Vitória	229	-	-	5	12	-	-	-	-	-	4	-	195	-	-	-	1	10	1	11
Sambaituba	629	-	-	10	8	-	-	-	-	-	22	-	585	4	-	-	-	-	-	-
Iguape	26	-	-	2	15	-	5	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Taíre	30	-	-	1	-	-	2	-	-	-	27	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ponta de Tuihu	37	-	-	5	3	-	-	-	-	-	29	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mamoá	59	3	-	1	4	-	-	-	-	-	50	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Ponta do Ramo	65	-	-	2	-	-	-	-	-	-	63	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Juerana	195	-	-	1	-	-	-	-	-	-	9	1	184	-	-	-	-	-	-	-
Município Una:	62	1	1	11	9	-	2	-	-	-	28	1	4	5	-	-	-	-	-	-
Pedras	55	1	-	11	9	-	1	-	-	-	28	1	4	-	-	-	-	-	-	-
Comendatuba	7	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Canavieiras:	237	-	8	79	27	-	-	-	1	-	-	55	34	6	16	-	-	4	1	6
Sede	231	-	8	75	26	-	-	-	1	-	-	55	33	6	16	-	-	4	1	6
Vitorino do Rio Pardo	6	-	-	4	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Belmonte:	289	4	6	146	7	-	-	1	-	-	118	17	-	-	-	-	-	-	-	-
Sede	288	4	6	142	7	-	-	-	-	-	112	17	-	-	-	-	-	-	-	-
Mugiquicaba	11	-	-	4	-	-	-	1	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Aparelhos de Pesca existentes na área do estudo, segundo as Microrregiões. Dezembro 1972/Feveiro 1973 (cont.)

Região, Microrregiões, Municípios e Condições Pesqueiras	APARELHOS DE PESCA																			
	Total	Arres- tão	Puçá	Eme- lhar	Tarra- fa	Três Malhos	Tapes- teiro	Caço- eiro	Ta- nheira	Arrei- era	Anzol	Gro- zeira	Mun- zú	Cam- boa	Curru- piche	Arpão	Siri- pois	Gereré	Tapa- gem	Pari- pe
Microrregião Lit. Extr. Sul	2 222	38	99	399	35	-	1	6	17	11	1 487	122	-	2	4	1	-	-	-	-
Município Santa Cruz Cabralia:	326	5	8	100	6	-	-	2	14	11	173	4	-	2	-	1	-	-	-	-
Sede	218	4	4	45	4	-	-	2	2	1	149	4	-	2	-	1	-	-	-	-
Santo André	13	-	1	7	1	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Santo Antônio	36	1	1	14	1	-	-	-	2	3	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gueiu	59	-	2	34	-	-	-	-	10	7	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Porto Seguro:	595	9	2	68	10	-	-	2	1	-	502	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Sede	300	9	-	34	5	-	-	2	1	-	249	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Caraiva	120	-	-	25	-	-	-	-	-	-	95	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Troncozo	40	-	2	6	3	-	-	-	-	-	29	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nossa Senhora D'Ajude	136	-	-	3	2	-	-	-	-	-	129	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Prado:	467	6	4	123	3	-	-	-	-	-	327	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Sede	215	3	3	70	-	-	-	-	-	-	139	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Quati	55	-	-	20	-	-	-	-	-	-	33	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Carapeba	53	2	-	-	-	-	-	-	-	-	51	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Corumbeu	81	1	-	22	-	-	-	-	-	-	56	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Barra do Prado	11	-	-	2	2	-	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Riacho dos Mangues	24	-	1	4	1	-	-	-	-	-	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cumuruxatiba	28	-	-	5	-	-	-	-	-	-	23	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Alcobaça:	82	6	2	36	-	-	-	2	-	-	34	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Sede	31	4	-	12	-	-	-	-	-	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gueratiba	29	-	-	21	-	-	-	2	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Zé Loure	22	2	2	3	-	-	-	-	-	-	13	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Caravelas:	369	5	78	35	12	-	-	-	-	-	160	79	-	-	-	-	-	-	-	-
Sede	18	1	-	10	1	-	-	-	-	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Ponta de Areia	150	-	10	11	8	-	-	-	-	-	110	11	-	-	-	-	-	-	-	-
Barra de Caravelas	201	4	68	14	3	-	-	-	-	-	48	64	-	-	-	-	-	-	-	-
Município Nova Viçosa:	216	6	4	33	2	-	1	-	2	-	136	28	-	-	4	-	-	-	-	-
Sede	76	4	3	13	-	-	1	-	-	-	48	7	-	-	-	-	-	-	-	-
Sebacuri	48	-	-	3	-	-	-	-	1	-	40	2	-	-	2	-	-	-	-	-
Barra Velha	75	2	1	8	-	-	-	-	-	-	48	16	-	-	-	-	-	-	-	-
Peu Fincado	17	-	-	9	2	-	-	-	1	-	-	3	-	-	2	-	-	-	-	-
Município Mucuri:	167	1	1	4	2	-	-	-	-	-	155	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Sede	112	1	1	1	2	-	-	-	-	-	103	4	-	-	-	-	-	-	-	-
Jacutinga	35	-	-	-	-	-	-	-	-	-	35	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Calunga	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cajueiro	6	-	-	2	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pacas	13	-	-	1	-	-	-	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-

ANEXO 3

PESQUEIROS

1.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Valença

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Costeiro	Carapeba, Carapicum Massambê	mar.abr.mai. jun.jul.
Baixo Grande	Sardinha Sororoca, Camarão Guarapau Massambê Guaricema, Cabeçudo	mai.jun.jul.ago.dez.jan.fev. ago.set. mai.jun.jul.ago. jun.jul.ago. dez.jan.fev.
Costa	Cação, Camarão Papa-Terra, Camarão Bagre Pescada	jun.jul.ago. jun.jul.ago.dez.jan.fev. mar.dez.jan.fev. jun.jul.ago.dez.jan.fev.
Corda do Meio Lance Novo	Navalha Papa-Terra, Sardinha Mulata	jun.jul.ago. mai.jun.jul. mai.jun.
Beijú Pedra do Guaimbim Baleia Coroa do Meio	Ariacó Pirambu Guaricema Garapau Sardinha, Navalha Pirará Massambê	abr.mai. abr.mai. jun.jul.ago.set. jun.jul.ago. jun.jul. jun.jul.ago.set.
Costa do Guaimbim Coste do Morro	Pescada, Camarão Bicuda, Galo Tainha, Cambeba, Pirambu	dez.jan.fev. dez.jan.fev. mai.jun.jul.
Escala	Guaiuba, Badejo Guaricema	jun.jul. O ano todo
Filé	Panamirim Mero	jun.jul. O ano todo.
Zé Gaubim	Cabrinha Pescada, Goiva Caramupim	ago.set. O ano todo. set.out.nov.
19 de maio	Guaiuba Cioba Mero	jun.jul.ago. out.nov.dez.jan. O ano todo.
Parede Rica	Guaiuba Cioba Mero	jun.jul.ago. out.nov.dez.jan. O ano todo.
35 de Palmo	Guaiuba Graçari, Cioba	jun.jul.ago. nov.dez.jan.fev.
35 de Edmundo	Guaiuba Graçari, Cioba	jun.jul.ago. nov.dez.jan.fev.
Caitá	Arraia Tartaruga Cação Lixa	jun.jul.ago. nov.dez.jan.fev. nov.dez.jan.fev.
Mambucabo	Cação, Arraia Tartaruga, Cação Lixa	jun.jul.ago. nov.dez.jan.fev.
Boca do Rio Morere A Boca do Inverno	Changó, Boca-Torta Changó, Boca-Torta Vermelho, Sacupena, Boca-Negra, Guaiuba	ago.set.out. ago.set.out. jun.jul.ago. jun.jul.ago.
Coroa	Cioba, Badejo, Dentão Garoupa	nov.dez.jan.fev. nov.dez.jan.fev.
A Beirada (Verão) Patroazinha	Albacora, Cavala, Dourado Aracanguira, Guaiuba, Guaricema, Graçari	nov.dez.jan.fev.mar. jul.ago. jul.ago.
Munzuá Pedra do Flamengo Ponta da Pedra	Vermelho, Badejo, Guaricema Paixe-Gato, Guaiuba Boca-Torta, Camarão,	out.nov.dez.jan.fev.mar. O ano todo.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Valença (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Ponta da Pedra (cont.)	Papa-Terra	O ano todo.
2º Dente	Pescada, Roncador, Cação	dez.jan.fev.
Abiá nos Montes	Pescada, Roncador, Cação	dez.jan.fev.
Baixa de São Gonçalo	Suara, Sororoca	mai.jun.jul.
Ascário do Munzuá	Guaricema	O ano todo.
	Vermelho	set.out.
Borda do Canal	Robalo	out.nov.dez.
	Merete	jun.
	Carapitanga	jan.
Intracilha	Suara, Corvina, Parú	abr.mai.jun.jul.ago.set.out.nov.
Beirada do Norte	Robalo, Pescada	dez.jan.fev.
Ponta do Manguinho	Parú, Pescada	dez.jan.fev.
Rio Grande Belmonte	Cioba, Dentão, Mero	jun.jul.ago.set.
	Guaiuba	jun.jul.ago.
	Guaricema	jan.fev.mar.
	Olho de Boi, Vermelho	O ano todo.
Barra	Pescada, Sororoca	ago.set.out.
Coroa Nova	Pescada, Sauara, Corvina	mai.
Coroa de Baixo	Pescada, Sauara, Corvina	jan.fev.mar.abr.
Guaibim	Bagre, Boca Mole	nov.dez.
	Guaricema	jun.jul.
	Pescada, Roncador	dez.jan.fev.
Praia do Corral	Papa-Terra, Camarão	ago.set.
	Pescada Branca, Roncador	nov.dez.
Matinha	Papa-Terra	jun.jul.set.out.
	Pescada	jun.jul.
O Albim	Camarão, Espada, Pescada,	
	Papa-Terra	jun.jul.ago.
Lance Novo	Clariosa, Sardinha, Mulata,	
	Papa-Terra	abr.mai.jun.jul.ago.set.out.nov.
Coroinha	Camarão, Papa-Terra	abr.mai.jun.jul.ago.set.out.nov.
Coroa Alta	Pipira	nov.dez.
Garapuá	Pescado, Bicudo	dez.jan.fev.
Boipeba	Camarão, Bagre, Boca-Torta	dez.jan.fev.
Gamboá	Tainha	ago.jan.fev.

2.A Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Cairú

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Remadeiro	Vermelho, Gato	abri.mai.
Guaiuba Grande	Guaiuba, Guaricema, Guaçarim	jun.jul.ago.
	Guaraiuba	jun.jul.ago.
	Cioba	jun.jul.ago.
Pedra do Mero	Guaiuba, Guaricema, Guaçarim	abr.mai.jun.jul.ago.
	Olho de boi	mai.jun.
	Mero	abr.
Jiquiriçá	Guaiuba	fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
		set.out.nov.dez.
	Cavala	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.
		ago.set.out.nov.dez.
	Guaçarim, Guaricema, Guaraiuba	abr.mai.jun.jul.ago.
Rego de Caranha	Caranha, Olho de boi, Guaiuba,	
	Garaça	jan.fev.mar.abr.
Pedra de Cavala	Cavala, Albacora	out.nov.dez.jan.fev.mar.abr.
	Bonito	out.nov.dez.jan.fev.
Pedra do Jegue	Guaiuba, Dentão, Olho de boi,	
	Mero	jun.jul.ago.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Cairú (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Pedra do Jegue (cont.)		
Pedra do Cação	Dourado	jan.fev.
	Guaiuba, Olho de boi	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
	Mero, Dentão	abr.mai.jun.jul.ago.
Pedra de Caranha	Guaiuba, Caranha, Olho de boi, Dentão, Guaricema, Graçaim	O ano todo.
	Guaçari	jun.jul.
Regando Peixe de Couso	Guaiuba, Olho de boi, Cioba, Dentão	jun.jul.ago.
Ponta da Terra	Guaiuba, Guaricema, Olho de boi, Graçaim	O ano todo.
Tatiba	Guaricema, Guaiuba, Piraboca, Guaraiuba, Dentão	mai.jun.jul.ago.set.
	Badeja, Arcanguira, Cioba, Vermelho	jun.jul.ago.set.
	Guaçari	jun.jul.ago.set.
	Chumbre	jun.jul.
	Xaréu	mai.jun.jul.ago.
Pedra de Magalhães	Vermelho, Guaricema, Parimbú, Parú	jul.ago.set.
As vintes	Guaricema, Xaréu, Guaiuba Aracanguira, Piraboca, Guaraiuba	mai.jun.jul.ago.set. jul.ago.set.
	Guaçari	mai.jun.jul.ago.
Pedra do Meio	Biquara, Guaiuba, Badejo	O ano todo.
Duro do Dourado	Ariocó, Guaricema	jun.jul.
Camboa Velha I	Galo, Cabeçudo	jan.fev.
Panam	Bicuda	jan.fev.mar.
	Guaricema	jan.fev.
Carapitangi	Bicuda, Barbudo, Sororoca	jan.fev.mar.
	Guaricema	jan.fev.
As Ilhas	Bicuda, Barbudo	jan.fev.
Tubarão	Galo, Barbudo	jan.fev.
Sueiro	Bicuda, Guaricema	jan.fev.
Camboa Velha II	Bicuda, Guaricema	jan.fev.
Pesqueiro Fixo	Camarão	O ano todo.
Pesqueiro Novo	Carapeba, Arraia	ago.set.out.
Gainema	Gato, Lagosta, Polvo	jan.fev.
Lagamar	Lagosta, Polvo	jan.fev.
Barro Vermelho	Camarão	abr.mai.jun.
Lado Norte	Camarão	fev.mar.abr.
Boas Ilhas	Camarão	set.out.nov.
Porto de Cima	Tatuba	nov.dez.
Lage	Tainha	jan.fev.mar.
Alambique	Tainha	mai.jun.jul.
Canal da Lixa	Carapitanga, Cambuba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Cóas	Tainha, Camboa, Carapitanga	mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Canal do Frade	Carapitanga, Camboba	mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Costa do Buraco	Carapitanga, Cambuba, Polvo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Coroa da Areia	Polvo, Lagosta	set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
Enseadinha	Polvo, Lagosta	set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
A Costa do Pontal	Pescada, Barbudo, Boca-Torta	jan.fev.mar.out.dez.
Paum	Pescada, Barbudo	nov.dez.jan.fev.mar.
	Boca-Torta, Camina	jan.fev.
Siboira	Pescada, Barbudo	nov.dez.jan.fev.mar.
	Boca-Torta, Camina	jan.fev.
Costa do Baienema	Pescada, Boca-Torta, Camina	jan.fev.
Costa do Aritibi	Camarão	jul.ago.
Ponta da Coroa	Bicuda, Boca-Torta, Camarão	jul.ago.
Dezoito	Guaiuba	mai.jun.jul.ago.set.
	Arancangueira, Guaricema, Guaraiuba, Guaçari, Mero	jul.ago.set.
Duro da Xumberga	Guaricema, Guaraiuba	jul.ago.set.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Cairú – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
As Vinte e Cinco	Guaiuba Badejo, Olho de boi Mero, Guaçari	mai.jun.jul.ago.set. mai.jun.jul.ago. jul.ago.set.
Pedra do Sul Na Costa	Guaiuba, Biquara, Mero, Badejo Pescada, Ariocó, Bagre, Boca-Torta, Sauara	mai.jun.jul.ago. set.out.nov.dez.jan.fev.mar.abr.
Xumberga Canapiú	Guaricema Guaricema, Guaiuba Canapu Arancangueira	mai.jun.jul.ago. jun.jul.ago. fev.mar. fev.mar.jun.jul.ago.
Cabeça de Badejo Beirada	Guaiuba, Badejo Vermelho, Olho de boi, Sassupema, Boca Negra	jun.jul.ago. O ano todo.
Cala de 25	Guaiuba, Mero Dentão	mai.jun.jul.ago. jan.fev.
Coroa 19	Cioba, Dentão Maro	jan.fev. mai.jun.jul.ago.
Paredê Nova 35 de Paulo 29. 24.	Guaiuba, Olho de boi Guaiuba, Olho de boi Guaiuba Guaiuba Canapú	mai.jun. jul.ago. mai.jun. mai.jun. abr.
Região do Sul	Olho de boi, Guaiuba, Cabeçudo, Vermelho	jul.ago.set.out.
Pedra do Patão	Olho de boi, Guaiuba, Cabeçudo, Vermelho	jul.ago.set.out.
Padra da Xumberga	Arancangueira, Guaricema Guaiuba, Olho de boi	O ano todo. jul.ago.set.out.
Pedra do Canapú Pinauna	Mero, Biquara, Vermelho, Ariocó Bicuda, Galo	jul.ago.set.out. jan.fev.
Subaio do Sul	Bicuda, Barbudo	jan.fev.
Subaio do Norte	Bicuda, Barbudo	jan.fev.

2.B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores no Município de Cairú

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Aibim	Robalo Pescada, Cabeçudo Carapeba Parú Miragaia Papa-Terra Pescada Arraia Miroró Bagre Arraia	jun.jul.ago.set. set.out. jun.jul.ago. set.out.nov.dez. set.out.nov.dez. set.out.nov.dez. set.out.nov.dez. set.out.nov.dez. mar.abr. mar.abr. mar.abr.
Pesqueiro Novo	Carapeba Corvina Xaréu Arraia Cabeçudo Pescada Arraia Parú Papa-terra Merete Robelinho	fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. out.nov.dez. fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. set.out.nov.dez. fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. jul.ago.set. set.out.nov.dez. set.out.nov.dez.mar.abr. set.out.nov.dez. set.out.nov.dez.jan.fev.mar. mar.abr. dez.jan.fev.mar.

Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários – Município de Cairú – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Morta Linha	Robalo Pescada, Cabeçudo Carapeba	jun.jul.ago.set. set.out. jun.jul.ago.
Boca do Rio	Carapeba, Ariocó Mero, Caranha, Badejo Dentão	set.out.nov.dez. nov.dez.jan.fev.mar. set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
O Baixo	Corvina, Xumberga Arraia Cabeçudo	fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. O ano todo. fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Baixos Grandes	Corvina, Sauara, Premetera	jun.jul.ago.
Caratinguí	Arraia, Merete	mar.abr.
Trenho	Arraia, Robalo	mar.abr.
Aguiar	Merete, Bagre	mar.abr.
Barreira	Robalo, Merete	mar.abr.
Manguinho	Carapebinha, Robalinho	dez.jan.fev.mar.
Beirada de Cajafba	Camarão	fev.mar.abr.mai.jun.
Canalinho	Camarão Xingó	fev.mar.abr.mai.jun. jun.jul.ago.
Canal de Zeitinha	Miroró, Cabeçudo, Caramurú, Carapeba	jun.jul.ago.
Oteiro do Fogo	Miroró, Caramurú	jul.ago.set.
Ponta da Lixa	Tainha	jul.ago.set.
Sorojó de Cima	Robalo	mai.jun.jul.ago.
Caibar	Robalo	O ano todo.
Soldado	Robalo	O ano todo.
Leitão	Robalo	O ano todo.
Rio das Moças	Robalo	O ano todo.
Campinho	Robalo	O ano todo.
Poço de Sorojó	Robalo, Barbudo, Xangó, Espada	jun.jul.ago. O ano todo.
Arrastado Grande	Camarão Robalo Dentão	jun.jul.ago. jun.jul.ago. nov.dez.jan.fev.
Pedra Furada	Cioba	jan.fev.mar.
Banco	Guaricema Cação Arraia	mai.jun. dez. jun.jul.

3.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Camamu

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Duro da Maçaranduba	Carapeba, Corvina, Barbudo, Sauara	mai.jun.jul.ago.set.
Quiepe (ilha)	Guaricema, Carapeba, Ariocó, Bagre	mai.jun.jul.ago.set.
Barreta	Sauara, Perna de Moça, Guaricema, Pescada	mai.jun.jul.ago.set.
As Ilhas	Bagre, Parú Arraia, Sardinha	out.nov.dez.jan.fev. jun.jul.ago.
A Furna	Bagre, Espada, Cabeçuda, Pescada	out.nov.dez.jan.fev. jun.jul.ago.
O Ninho	Barbudo, Arraia, Ariocó Miroró	O ano todo. jun.jul.ago.
Ciririba	Pescada, Bagre, Barbudo, Sardinha	nov.dez.jan.fev.mar.
Baixio de Fora	Ariocó, Cioba, Arraia, Sardinha	nov.dez.jan.fev.mar.
Maranguaçú	Sardinha	jun.jul.ago.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Camamu (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Furado	Cioba, Parú	dez.jan.
Barra Grande	Saramonete, Agulha	mar.abr.mai.jun.jul.
Contrato	Pescada, Bicuda, Barbudo	dez.jan.fev.
No Largo	Vermelho	jan.
Pedra Furada	Carapeba	jun.
	Parú, Sororó	jan.fev.
Duro Solteiro	Vermelho	jan.
Canona	Guaricema	jun.jul.
Fundo Grande	Carapeba, Cabeçudo	jun.jul.
No Bando	Guaricema	jun.jul.
Ponta do Norte	Boca-Torta	jan.
	Pescada	nov.dez.
	Bagre	out.nov.dez.jan.
Lanche Novo	Sardinha	jun.jul.
Costeiro	Sardinha	jun.jul.
Ponta do Oteiro	Sardinha	jun.jul.
Barra Grande	Carapeba	jun.jul.ago.jan.
Ponta da Coroa	Cabeçudo, Cação	out.nov.dez.jan.fev.
	Arraia	O ano todo.
Costa	Bagre, Cação, Arraia	abr.mai.jun.jul.ago.

3.B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores do Município de Camamu

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Ponta Grossa	Camarão	nov.dez.jan.fev.mar.
O Poço	Camarão, Xangó	nov.dez.jan.fev.mar.
Rio de Zezito	Camarão, Ariocó	nov.dez.jan.fev.mar.
	Robalo	jun.jul.ago.set.
Ponta da Lixa	Camarão	fev.
Furadinho	Camarão	fev.
	Miroró	dez.
Aldeia Velha	Miroró	dez.
Maranguar	Ariocó	dez.
Coroa Vermelha	Ariocó	dez.
Coroa do Meio	Sardinha	mar.
Pedra Furada	Carapeba, Ariocó, Barbudo, Cabeçudo	mai.jun.jul.ago.set.
Baixo de Angola	Budião, Jabú, Jaguarça	mai.jun.jul.ago.set.
Sorojó de Baixo	Robalo, Carapeba	jul.ago.set.
Caibá Grande	Robalo, Carapeba	jul.ago.set.

4.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Ilhéus

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
As Canarinhas	Garoupa, Mero, Peroá	O ano todo.
Santa Cruz	Dentão, Mero, Cioba	O ano todo.
	Biquara, Piraroba, Olho de boi	jun.jul.ago.set.out.nov.dez.
As Pedras	Mero, Garoupa, Peroá	O ano todo.
	Dentão	jan.fev.
Região	Garoupa, Gaiuba	jun.jul.ago.
	Dentão	O ano todo.
	Mero, Cioba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Cai-Cai	Mero	jul.ago.
	Gaiuba, Cioba	jun.jul.ago.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Ilhéus – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Porção	Cioba Dentão Garoupa, Vermelho Mero Olho de boi, Biquara, Ariocó, Guaiuba Dourado Biquara	abr.mai.jun.jul.ago.set. jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. jun.jul. jan.fev.jun.jul.ago. O ano todo. nov.dez.jan.fev.mar.abr.mai. jun.jul.ago.
Parede	Vermelho, Xerne, Mero Olho de boi Dentão	O ano todo. abr.mai.jun.jul.ago. jan.fev.
Quilombinho	Mero Dentão Olho de boi, Guaiuba	jan.fev.abr.mai.jun.jul.ago. jun.jul.ago.set.out.nov.dez. fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Canoa	Mero, Caranha Olho de boi, Guaiuba	jun.jul. jun.jul.ago.set.
Contrabando	Garoupa, Mero, Guaiuba, Olho de Boi	jun.jul.ago.set.
Jereba	Garoupa, Mero, Guaiuba, Olho de Boi	jun.jul.ago.set.
As 13 Braças do Roxinho	Mero, Guaiuba, Olho de boi	jun.jul.ago.set.
Puxim	Mero, Guaiuba	O ano todo.
Canto Seco	Vermelho, Mero	O ano todo.
Mangue Alto	Mero, Guaiuba	O ano todo.
Rego de Una	Aracanguira, Mero, Cioba, Dentão	O ano todo. mai.jun.jul.ago.
Rego de Comandatuba	Guaiuba, Xaréu, Dentão	jan.fev.mar.
Beirada da Volta	Canapu, Mero	abr.mai.jun.jul.ago.
Cajazeira	Dentão, Mero	jun.jul.ago.
Urú	Mero, Guaiuba	jun.jul.ago.
Ilhéus na Pedra	Garoupa, Mero	jun.jul.ago.
Balsaleira	Mero, Garoupa	jun.jul.ago.
Prace	Garoupa Mero, Dentão, Cioba Bom nome, Badejo	nov.dez.jan.fev. dez.jan.fev. dez.jan.fev. jun.jul.ago.
Moita Grossa	Badejo	jun.jul.
Porção de Buira	Guaiuba	jun.jul.
Beirada de Brigida	Guaiuba	jun.jul.
Una Mirim	Capapu, Olho de Boi, Mero, Guaiuba	O ano todo.
Puxinho	Olho de boi, Mero, Aracanguira, Cação	jan.fev.mar.ago.set.out.nov.dez. abr.mai.jun.jul.ago.
Carambolo	Mero, Cioba Biquira, Olho de boi, Cação Canapu	jan.fev.mar.ago.set.out.nov.dez. abr.mai.jun.jul.ago.
Pedra Grande	Mero, Guaiuba Olho de boi	jun.jul.ago.
Ventura	Guaiuba Mero Peroá	abr.mai.jun.jul.ago. jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago. jan.fev.
Torção da Caida	Guaiuba, Mero, Dentão, Cioba	jun.jul.ago.
Mero Cortado	Mero, Guaiuba, Cioba, Dentão	jun.jul.ago.
A Lama	Camina, Bagre, Corvina Pescada	jan.fev.ago.set.out.nov.dez. nov.dez.jan.fev.
Buraco	Guaiuba, Cioba, Dentão	jun.jul.ago.
Beirada do Regão	Guaiuba, Cioba, Dentão	jun.jul.ago.
Pedreira	Guaiuba Mero Vermelho, Cioba	jun.jul.ago. ago. jun.jul.ago.
Mar de Cair	Garoupa Guaiuba, Dentão, Cioba	jan.fev.mar.jun.jul.ago.set.out. O ano todo.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Ilhéus – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Itaquema	Mero, Badejo	jun.jul.ago.set.out.nov.dez.
Mar de Carumbal	Vermelho, Dentão	O ano todo.
Os Fundos	Guaiuba, Vermelho, Cioba	O ano todo.
27 Braças	Aracanguira	jun.jul.ago.set.out.
Poço de Comandatuba	Vermelho	O ano todo.
Pracel de Rio Grande	Guaricema, Ariocó	nov.dez.jan.fev.
Pedra do Nozinho	Olho de boi, Aracanguira, Guaiuba	mai.jun.jul.ago.set.
As Pedrinhas	Badejo	O ano todo.
Salvai Mirim	Badejo, Peroá	O ano todo.
Coqueiro	Garoupa	nov.dez.jan.fev.mar.
A Porta	Dourado	out.nov.dez.jan.fev.mar.
Pé da Ponte	Guaricema	jan.fev.
O Poço	Ariocó	mai.
Sororoca	Guaricema	jan.fev.
Tapitanga	Olho de boi, Graçaim	mai.jun.
Praia do Norte	Carapeba, Robalo	jul.ago.
	Carapeba, Robalo	jul.ago.
	Carapeba, Robalo	jul.ago.
	Pescada	out.nov.dez.jan.fev.
	Cação, Corvina	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Pescada	fev.mai.jun.jul.ago.dez.
	Boca-Torta	fev.mar.abr.mai.jun.
	Camarão	set.out.nov.dez.
	Sororoca	set.out.nov.dez.
	Guaricema	mar.
Matadouro	Pescada	jan.fev.mai.jun.jul.ago.dez.
	Boca-Torta	fev.mar.abr.mai.jun.
	Camarão	set.out.nov.dez.jan.fev.
	Bagre	dez.jan.fev.
Malhadinho	Boca-Torta	dez.jan.fev.mar.abr.mai.jun.
	Camarão	set.out.nov.dez.jan.fev.
	Pescada	mai.jun.jul.ago.
Ponta do Ramo	Galo	jan.
	Sororoca	fev.
	Boca-Torta, Robalo	mar.
Praia Grande	Bicuda	jan.
	Pescada	fev.
	Guaricema	mar.
	Cação, Camina, Corvina, Bagre	O ano todo.
Ponta da Tulia	Boca-torta	jan.
	Barbudo	fev.
	Galo	mar.
Durinhos	Cação, Camina, Corvina, Bagre	abr.mai.jun.jul.out.nov.dez.
Pecem	Corvina, Boca-torta	fev.
Matinha	Camina, Pescado, Boca-torta	fev.
Pataquice	Mero	O ano todo
	Guaiuba, Olho de boi	jun.jul.ago.set.out.
	Canapú, Cioba	jun.jul.ago.
Beiradinha	Mero, Olho de boi	jun.jul.ago.
	Guaiuba, Cioba	jun.jul.ago.dez.
	Dentão	jun.ago.dez.
Rio Grande	Mero, Cioba, Guaiuba, Garoupa,	O ano todo
	Vermelho, Badejo, Peroá	nov.dez.jan.fev.
	Dentão	jun.jul.ago.set.out.
	Graçaim, Dourado, Albacora	jun.jul.ago.set.out.
Abrolhos	Garoupa, Vermelho	O ano todo.
Comandatuba	Vermelho	mai.jun.jul.ago.set.
	Guaiuba, Olho de boi, Mero	O ano todo.
	Canapú, Sacupema	mai.jun.jul.ago.set.out.
	Badejo	ago.
	Pescado, Goiva	

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Ilhéus – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Comandatuba (cont.)	Aracanguira	ago.set.
	Graçaim, Pescada	jul.ago.
	Cioba	nov.dez.jan.fev.
	Garoupa	mai.jun.jul.ago.set.out.nov.dez.
Unas	Badejo	mai.jun.
	Guaiuba	fev.mar.mai.jun.jul.
	Vermelho	fev.mar.jun.jul.ago.
	Mero, Sacupema, Namorado	O ano todo.
Ilhéus	Badejo	ago.set.out.
	Cioba	mai.jun.
	Dentão	O ano todo.
	Guaiuba	mai.jun.jul.ago.set.
Terra Firme	Vermelho, Mero	O ano todo.
	Garoupa	mai.jun.jul.
Pé de Serra	Mero, Vermelho	set.out.
Pedra do Mero	Guaiuba, Dentão, Cioba, Mero, Ariocó	O ano todo.
	Olho de boi	mai.jun.jul.ago.
Beirada da Canoa	Olho de boi	jun.jul.ago.set.
	Guaiuba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Dentão	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Cioba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Mero	O ano todo
	Graçaim, Xaréu, Cavalaç, Canapu, Caranha, Napão	mai.jun.jul.ago.
Dinheiro no bolso	Dentão, Guaiuba,	jun.jul.ago.set.
Porção da Caida	Mero, Guaiuba	jun.jul.ago.set.
Garrancheira	Guaiuba, Mero	O ano todo
	Cioba, Dentão	mai.jun.jul.ago.
Pataque da Serra	Guaiuba, Mero, Cioba, Dentão	mai.jun.jul.ago.
Porção da Linha	Mero, Guaiuba	abr.mai.jun.jul.ago.
	Dentão, Cioba	mai.jun.jul.ago.
Porção Novo	Mero, Guaiuba	abr.mai.jun.
Beirada do Inocencio Cuca	Mero, Guaiuba	abr.mai.jun.
Caminho Branco	Mero, Olho de boi, Dentão	mai.jun.jul.ago.
Porção Ciriba	Canapu, Cação, Mero	mai.jun.jul.ago.
Fumeiro	Cioba, Guaiuba, Mero, Dourado	mai.jun.jul.ago.
Ciriba	Mero, Guaiuba	jun.jul.
Buira	Guaiuba, Sacupema, Olho de boi	mai.jun.jul.ago.set.
Buira	Mero	jun.jul.
	Cação	mai.jun.jul.ago.
	Vermelho	O ano todo.
Beirada de Ilhéus	Mero, Guaiuba	jun.jul.
Beirada de Quilombinho	Mero	jun.jul.
Poção de Una	Guaiuba	jun.jul.ago.set.out.nov.dez.
	Mero, Cioba, Pescada, Coiva, Vermelho	O ano todo.
	Aracanguira, Olho de boi	mai.jun.jul.ago.set.
Poção de Mata Fome	Guaiuba	jun.jul.
Enganador	Guaiuba	jun.jul.ago.set.
	Mero, Dentão	O ano todo.
	Graçaim	ago.set.
	Camina, Corvina, Bagre	abr.mai.jun.jul.ago.set.
Anguara	Cação	out.nov.dez.jan.fev.mar.
Largo do Senhor	Cação, Camina, Bagre	O ano todo
	Corvina	abr.mai.jun.jul.ago.set.
Lama de Ilhéus	Cação, Bagre	O ano todo.
	Camina	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.out.
	Corvina	fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.out.
Indelia	Cação, Camina, Corvina, Bagre	O ano todo.
Pedra Calixto	Mero, Guaiuba, Garoupa, Cioba	jun.jul.ago.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Ilhéus – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Pedra do Mengo	Mero, Olho de boi	ago.
Lagedo	Mero, Olho de boi, Garoupa	ago.
Fundo Vermelho	Vermelho, Mero, Cherne	set.out.nov.
Das Guaricemas	Guaricema, Ariocó	ago.set.out.nov.
Marinho	Xaréu, Sororoca	fev.mar.
Os duros de São Sebastião	Ariocó	ago.
Duros de Águas Brancas	Guaricema	ago.
Baixio de 7 Casa	Corvina, Cação, Ariocó, Pescada	jun.jul.
Região da Barra Nova	Vermelho Dentão	jun.jul.ago. out.nov.dez.jan.fev.

4.B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores no Município de Ilhéus

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Coqueiro	Robalo, Carapeba	jun.jul.ago.set.
Coroa	Curiman	jun.
	Robalo, Carapeba	jun.jul.ago.
Bugail	Curiman	jun.
	Carapeba	jun.
Lagoa Encantada	Robalo	ago.
	Robalo Carapeba	jun. ago.
Boca da Barra	Bagre, Robalo	dez.jan.fev.
Clavinota	Robalo, Carapeba	jun.jul.ago.
Nicolau	Robalo, Carapeba	jun.jul.ago.
Rosário	Robalo, Carapeba	jun.jul.ago.
Barra Nova	Tainha, Robalo	ago.set.
Aritaguá	Robalo, Carapeba	out.nov.
Rio do Braço	Robalo, Carapeba, Tainha	jun.jul.
Monte Alto	Pitú	set.out.nov.dez.
Zé Mesquita	Pitú	set.out.nov.dez.
Valmir Felix	Pitú	set.out.nov.dez.
Pesqueiro Grande	Pitú	set.out.nov.dez.
Barra do Rio Almada	Robalo	abr.mai.jun.jul.
	Carapeba	set.out.
	Tainha	jun.jul.
Filó	Pitú	jan.fev.

5.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais usados pelos pescadores entrevistados no Município de Canavieiras

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Cabeços	Guaricema	dez.jan.
	Ariocó	dez.jan.
Pedras	Mero	dez.jan.mar.abr.mai.
	Garoupa	dez.jan.mar.abr.mai.
Lamas	Cioba	mar.abr.mai.
	Bagre	set.out.nov.dez.jan.
	Corvina	set.out.nov.dez.
	Pescada	set.out.nov.dez.
Prasé	Cação	nov.dez.
	Mero, Garoupa	mar.abr.
Fundo	Vermelho, Sessupena	dez.
Beirada	Mero, Garoupa, Guaiuba	nov.dez.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Canavieiras – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Bate-troço	Garoupa, Mero, Guaiuba, Ariocó	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Pedra de Fora	Mero	jan.fev.mar.abr.
Grafiuna	Mero, Garoupa, Cioba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.
Pedra do Caranguejo	Ariocó, Guaiuba, Mero, Garoupa, Cioba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Pedra de Paulo	Mero	jun.jul.ago.
Boitero	Mero, Garoupa, Cioba	jan.fev.mar.abr.mai.
Pedra de Rodrigues	Mero, Cioba, Dentão	jan.fev.mar.abr.mai.

5.B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores no Município de Canavieiras

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Coroa	Tainha, Sacateira	dez.
Costeira da Lama	Canguá, Tainha	dez.
Fundos	Robalo	mar.abr.
Beiradas	Carapeba, Robalo	jun.jul.
A margem do Rio	Canguá, Robalo, Carapeba	mai.jun.

6.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Belmonte

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
O Bagre	Bagre	jan.fev.
	Guaricema	jun.jul.ago.
Roncador	Bagre	jan.fev.
	Guaricema, Roncador	jun.jul.ago.
Guaricema	Bagre	jan.fev.
	Guaricema, Roncador	jun.jul.ago.
Fundagem	Guaiuba, Olho de boi	O ano todo.
Pedrado de Santa Cruz	Guaiuba, Mero	O ano todo.
Puxim	Vermelho, Sassupena	O ano todo.
Canto de Terra	Mero, Garoupa	jan.fev.
Mar de Bode	Mero, Garoupa, Vermelho	jun.jul.
Mangue Alto	Olho de Boi, Cioba, Dentão	jan.fev.
Camarinha	Garoupa, Capado (Peroá)	jan.fev.
Canto Seco	Garoupa, Guaiuba, Mero	jan.fev.
Cequero do Braço	Garoupa, Guaiuba	jan.fev.

6.B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Belmonte

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Pesqueiro do Poço	Carapeba, Canguá, Robalo	mai.jun.jul.
Pesqueiro do Sequeiro	Tainha, Carapeba	mai.jun.jul.

7.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Santa Cruz Cabrália

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Boqueirão Grande	Samucanga, Bagre, Pescada, Corvina	O ano todo.
	Boca-torta	jan.fev.mar.
	Cação, Xaréu	set.out.nov.dez.
Angabá	Samucanga, Pescada	ago.set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
	Corvina, Cação, Xaréu	set.out.nov.dez.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Santa Cruz Cabrália – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Angabá (cont.)	Bagre	ago.set.out.nov.jan.fev.
	Urutú, Boca-Torta	set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
Fumacenta	Corvina	set.out.nov.jan.fev.
	Boca-torta	jan.fev.
	Pescada, Samucanga	set.out.nov.dez.jan.
Alto Grande	Guaiuba, Mero, Garoupa	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
	Ariacó, Biquara	O ano todo.
	Pararu	jan.fev.mar.abr.mai.
Baixo das Pescadas	Pescada, Corvina, Cação, Xaréu	set.out.nov.dez.
Restingua	Guaiuba, Mero, Garoupa	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Baixo do Largo	Pescada, Samucanga, Corvina, Bagre	set.out.nov.dez.jan.ago.set.out.
Quebradas	Guaricema, Ariocó	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Biquara	set.
	Guaiuba, Pararu	jan.fev.mar.abr.mai.
Boca do Poço	Roncador	nov.dez.jan.
	Bagre	ago.set.out.nov.dez.jan.
	Corvina	dez.jan.
Gramacho	Bagre	set.out.nov.jan.fev.
	Samucanga	set.out.nov.dez.jan.fev.
	Pescada	out.nov.dez.jan.
	Corvina	dez.jan.
	Anchova	dez.jan.fev.
Tacipauzinho	Griacó	jun.jul.ago.
Asalagada	Guaricema, Sororoca	jan.fev.mar.
Buqueirão da Angaba	Pescada, Corvina	ago.set.out.nov.dez.jan.
	Bagre	ago.set.out.nov.
	Samucanga	ago.set.out.nov.dez.
Ilha de Coroa Vermelha	Pescada, Corvina	set.out.nov.dez.jan.
	Bagre	ago.set.out.
Guaur	Bagre, Samucanga	dez.jan.
Tacipena	Griacó, Guaricema	set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
	Xaréu	set.out.nov.
Buqueirão de Taspanema	Guaricema, Sororoca	fev.mar.
Cascalho	Pescada	jan.fev.
	Guaricema	set.out.nov.jan.fev.
	Bagre	ago.set.out.nov.dez.jan.fev.
	Ariacó	set.out.nov.
	Corvina, Samucanga	ago.set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
	Roncador	nov.dez.
	Pescadinha	jan.fev.mar.
Ponta de Pedra e Coroa Vermelha Saquaratiba	Pescada, Samucanga	jan.fev.mar.
	Bagre	nov.dez.jan.fev.mar.
	Cabeçudo, Sororoca	jan.fev.mar.
Os canais Boqueirão	Bagre	nov.dez.
	Vermelho	jan.fev.mar.
	Sargo, Cioba	O ano todo.
	Samucanga, Pescada	ago.set.out.nov.dez.jan.
A Baixa Barreta	Samucanga, Corvina	ago.set.out.nov.dez.jan.
	Vermelho	jan.fev.mar.
	Sargo, Cioba	O ano todo.
Regato	Cioba, Biquara, Sargo	O ano todo.
Coroa de Saguaratiba	Guaricema, Sororoca, Bagre	nov.dez.jan.fev.mar.
Coroa Alta	Tainha	O ano todo.
	Guaricema	nov.dez.jan.fev.mar.
Arrecife de Terra	Guaricema, Sororoca	nov.dez.jan.fev.mar.

8.A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Porto Seguro

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Abrolhos	Garoupa Dentão, Cioba, Olho de boi Peroá, Badejo Mero, Cação	abr.mai.jun.jul.ago.set. mai.jun.jul.ago.set. O ano todo. mai.jun.jul.
Rio Grande	Garoupa Mero, Peroá, Albacora, Badejo Dentão, Cioba, Guaiuba Dourado	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. O ano todo. mai.jun.jul.ago. set.out.nov.dez.jan.
Trajados de Abrolhos Mar de Caraiva Arrecife de Fora	Garoupa, Mero, Peroá Guaiuba, Mero, Vermelho, Garoupa Ariacó Guaricema Guaiuba Parú, Sororoca	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. mai.jun.jul.ago. jun.jul.ago.set.out.nov. O ano todo. jun.jul.ago.set. out.nov.dez.jan.fev.
Corumbal Bica da Velha	Guaiuba, Vermelho, Garoupa, Peroá Samucanga, Bagre, Boca-torta, Pescadinha	mai.jun.jul.ago. out.nov.dez.jan.fev.mar. out.nov.dez.jan.fev.mar. nov.dez.jan.fev.mar.abr. mai.jun.jul.ago. O ano todo.
Rio dos Mangues Mar de Terra	Samucanga, Pescador, Espada Garoupa Guaiuba, Dentão Badejo	out.nov.dez.jan.fev.mar. out.nov.dez.jan.fev.mar. nov.dez.jan.fev.mar.abr. mai.jun.jul.ago. O ano todo.
Guandirá	Guaricema, Ariacó, Guaiuba, Mero	jun.jul.ago.set. mai.jun.jul.ago.set. jun.jul.ago.set. mai.jun.jul.
Tassipucu	Guaricema Ariacó, Biquara, Guaiuba Sororoca Pescada, Samucanga, Anchova	out.nov.dez. mai.jun.jul.ago.set. mai.jun.jul. jun.jul.ago.set.
Recanto	Guaricema Sororoca, Cação Guaiuba, Ariacó	ago.set.out.nov. out.nov.dez.jan. mai.jun.jul. jun.jul.ago.set.
Tassipuí Mirim Ponta Grande Pesqueiro do Buraco Pedra de Taípe Troncoso	Samucanga, Pescada, Bagre Camarão Guaricema, Sororoca, Cação Sororoca, Cação Corvina, Bagre, Sororoca	ago.set.out.nov. out.nov.dez.jan. mai.jun.jul. dez.jan.fev.mar.abr. ago.set.out.nov.dez.jan.fev. mar.abr.
Pitinga	Pescada, Samucanga Bagre, Sororoca, Corvina	set.out.nov.dez. ago.set.out.nov.dez.jan.fev. mar.abr. set.nov.dez. mai.jun.jul.
Está ao Sul	Boca-Torta Biquara, Perarau, Serpente Pescada, Sororoca, Samucanga, Anchova Corvina, Bagre, Boca-Torta	ago.set.out.nov.dez. set.out.nov. out.nov.dez.jan.fev. dez.jan.fev. out.nov.dez.
A Lama	Samucanga, Pescada Sororoca Bagre	out.nov.dez. set.out.nov.dez. ago.set.out.nov.dez.
Boqueirão	Samucanga, Pescada, Sororoca Bagre, Boca-torta Anchova	out.nov.dez.jan.fev. set.out.nov.dez. ago.set.out.nov.dez.
Jaquara	Pescada, Bagre, Samucanga, Corvina	set.out.nov.dez.jan.fev.mar. out.nov.dez.
Pedra Pedra Lema de Fora	Boca-Torta Pescada, Samucanga, Corvina Bagre Anchova	ago.set.out.nov.dez.jan.fev.mar. set.out.nov.dez.jan.fev.mar. ago.set.out.nov.dez. nov.dez.jan.fev.mar.
Alto	Sororoca, Arraia Biquara, Guaiuba Peroá	abr.mai.jun.jul.ago. jul.ago.
Barreirinha	Pescada, Roncador, Boca-torta, Anchova	set.out.nov.dez.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Porto Seguro – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Barreirinha (cont.)	Corvina, Bagre	set.out.nov.
Tatirucú	Biquara, Guaiuba, Mero, Olho de boi Perarú Serpente	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.out. mar.abr.mai.jun.jul.ago.
Beijamin Duas Cabeças Pedra Preta	Guaricema, Garapau, Mero Sarda, Galo Guaricema	O ano todo. dez.jan.fev. ago.set.out.
Pedra Rica Pé de Lama Monteiro	Anchova, Pescada Guaricema, Guaiuba Cação	out.nov.dez. ago.set.out. abr.mai.jun.
A Ponte do Campo Corvina Taspicu do Arrecife	Griacó, Guaiuba Guaricema Biquara, Mero Pescada, Anchova, Samucanga Guaricema	mai.jun.jul.ago. set.out. mai.jun. out.nov.dez. ago.set.
Taspuanema	Mero, Canapu, Caranha Guaricema, Garapau Mero	O ano todo. ago.set. O ano todo.
Sabaxuara Trobaíá	Corvina, Anchova, Goeba Biquara, Mero	out.nov.dez. mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. out.nov.
Alto do meio	Guaiuba, Beijupirá, Cação Peraru Serpente Parú Biquara Guaiuba, Perarú Parú	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.out. mar.abr.mai.jun.jul.ago. mai.jun.jul.ago. mar.abr.mai.jun.jul.ago. mar.abr.mai.jun. mai.jun.jul.ago.
Frajado	Peroó, Mero, Albacora Dourado	O ano todo. set.out.nov.dez.jan.
Rebolcra do Mato Fechado Restinga de Terra Vermelha	Griacó, Guaiuba Guaricema Griacó, Guaiuba	mai.jun.jul.ago. set.out. mai.jun.jul.ago.
Pedra de Lama	Griacó Guaricema	mai.jun.jul.ago.set. set.out.

9A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Prado

<i>Pesqueiro</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Pedrado da Serra Cascalho	Sororoca, Pescada, Anchova Griacó, Cação Biquara, Guaricema Griacó	out.nov.dez.jan.fev. mai.jun.jul.ago. abr.mai.jun.jul.ago. abr.mai.jun.jul.
Guaratiba	Bagre branco Cação, Biquara, Griacó, Dourado Bagre Branco Bonito, Ariacó	nov.dez.jan.fev. mai.jun.jul.ago. jan.fev.
Lama Placar	Pescada, Anchova Garoupa, Mero, Vermelho, Dourado	O ano todo.
Timbeba	Vermelho, Gaiuba, Griacó, Garoupa, Mero	O ano todo.
As Baixas Pedrinhas Cação Jorra Alto Grande	Sergo Biquara Sergo Griacó, Cação, Peroó, Garoupa Guaiuba, Biquara	O ano todo. O ano todo. abr.mai.jun.jul. abr.mai.jun.jul. O ano todo.
Tragados	Mero, Garoupa, Dentão	jun.jul.ago.set. O ano todo.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Prado – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Sueste	Cação, Sarda Corvina Bagre	abr.mai.jun.jul.ago. mai.jun.jul.ago. abr.mai.jun.jul.
Três Cabeças	Cação, Sarda, Bagre	out.nov.dez.jan.fev.
Mato Grosso	Cação, Sarda, Corvina	mai.jun.jul.ago.
Alto de Barra Velha	Biquara Guaiuba	mai.jun.jul. jun.jul.ago.set.
Arranca Unha	Biquara Guaiuba Griacó	mai.jun.jul. jun.jul.ago.set. set.out.nov.
Alto do Riacho Grande	Biquara Guaiuba Griacó	mai.jun.jul. jun.jul.ago.set. set.out.nov.
Alto do Caí	Garoupa, Mero, Dourado	jan.fev.mar.abr.
Pontal do Curubal	Sarda, Guaricema, Pixima	jan.fev.mar.
Bagueira	Bagre, Samucanga, Pescada	dez.jan.fev.mar.

9 B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores no Município de Prado

<i>Pesqueiro</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Ponto Chique	Robalo, Carapeba, Vermelho	mai.jun.jul.
A Ilha	Robalo, Carapeba, Vermelho	mai.jun.jul.
Outeiro	Robalo, Caçari	mai.jun.jul.ago.
Boca da Barra	Robalo, Pixima, Cangatar, Camuriação	O ano todo.
Lastro de Fora	Pescada, Anchova, Cação, Bagre	nov.dez.jan.fev.mar.
Lastro de Terra	Arraia, Pescada, Anchova, Bagre	nov.dez.jan.fev.mar.
Rio Morto	Cação, Arraia, Pescada, Anchova	nov.dez.jan.fev.mar.
Lancha Velho	Robalo, Caçari	mai.jun.jul.ago.
Volta do Cemitério	Robalo, Caçari	mai.jun.jul.ago.
Esganador	Robalo, Caçari	mai.jun.jul.ago.

10 A. Pesqueiros existentes no litoral e mais usados pelos pescadores entrevistados no Município de Alcobaça

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Placar	Peroá, Guainha	abr.mai.jun.jul.ago.set.
Timbela	Guaiuba, Garoupa, Mero, Vermelho	O ano todo.
Guaratinga	Ariocó, Biquara Guaricema Sarda Griacó	dez.jan.fev.mar. mar.abr.mai.jun.jul.ago. mar.abr. mai.jun.jul.ago.
Mar do Caí	Garoupa, Peroá Mero, Cioba	O ano todo. abr.mai.jun.jul.ago.set.
As Baixas	Griacó, Guaricema Biquara	mai.jun.jul.ago.set. jun.jul.
As Pedrinhas e Cascalho	Griacó, Biquara	jun.jul.
Mar de Caraivas	Dentão	mai.jun.
	Guaiuba	mai.jun.jul.
Abrolhos	Garoupa, Badejo	O ano todo.

10 B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores no Município de Alcobaça

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Barra	Robalo	jun.jul.ago.
Cerâmica	Robalo	jun.jul.ago.
Outeiro	Robalo	jun.jul.ago.

11 A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Caravelas.

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Sebastião Gomes	Griacó, Cação, Guaiuba, Mero Guaricema	O ano todo. mai.jun.jul.ago.set.
Arrecife da Lixa	Sarda Pescado Cação, Guaiuba, Vermelho, Peixe Pena, Cioba, Cambuba Griacó Lagosta	O ano todo. abr.mai.jun.jul.ago.set. jan.fev.mar.
Agonia	Olho de boi, Garoupa, Mero, Canapú, Dentão, Guaiuba	O ano todo.
Coroa Vermelha	Guaiuba, Biquara, Mero, Tainha Guaricema	O ano todo jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul. ago.set.
Pedra do Sudoeste Lé Nordeste	Budião, Cação Biquara, Griacó Guaricema	nov.dez.jan. O ano todo. jan.fev.mar.abr.mai.jun. jul.ago.set.
Arangueira	Peroá, Griacó Griacó, Guaiuba, Biquara Guaricema	O ano todo. O ano todo. mai.jun.jul.ago.set.
Santa Rita	Griacó, Guaiuba Peixe Pena	jun.jul. set.out.nov.
As Caboclas	Griacó, Xaréu Guaiuba, Corvina	mai.jun.jul.ago.set. O ano todo.
As Pontas	Garoupa, Guaiuba Griacó, Guaricema	O ano todo. jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul. ago.set.
Da Lage	Griacó, Peroá, Guaiuba	jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul. ago.set.
Arrecife de Areia Baixos	Guaiuba, Biquara Bagre Cação Griacó, Guaricema	O ano todo. dez.jan.fev. out.nov.dez.jan.fev. jun.jul.ago.
Porta da Corão	Bagre, Griaman, Arraia	dez.jan.fev.mar.
As Pedras	Griacó, Guaiuba, Garoupa	nov.dez.jan.fev.
As Manchas	Guaiuba, Mero	nov.dez.jan.fev.mar.abr.mai.
Pedra do Leste	Griacó, Guaiuba	mai.jun.jul.ago.
Sueste	Guaricema	jun.jul.ago.
As Timbebas	Guaiuba	O ano todo.
Lagedinho	Guaiuba Griacó Guaricema	jun.jul.ago.set.out.nov.dez. jan.fev. mai.jun.jul.ago. jun.jul.ago.
As 36 Milhas de Abrolhos	Badejo, Guaiuba Dentão, Garoupa	O ano todo O ano todo.
Sarrado	Guaiuba, Mero, Garoupa Peixe Pena	nov.dez.jan.fev.mar. nov.dez.jan.fev.
Lage de Santa Rita	Griacó Guaiuba, Peixe Pena	mai.jun.jul.ago. nov.dez.jan.fev.
Canal do Sueste	Sarda	mai.jun.jul.ago.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Caravelas – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Canal do Sueste (cont.)	Guaricema	out.nov.dez.
Rio do Siri	Cação e Griacó	O ano todo.
Osso da Baleia	Carapitanga, Cioba, Cabeçudo, Carapeba	ago.set.out.nov.
Coroa de Lama	Carapitanga, Cioba, Cabeçudo, Carapeba	ago.set.out.nov.
Cruzinha	Xaveia	mar.abr.
Taipoca	Xangó	mai.jun.jul.ago.
Camboio	Robalo, Carapeba	mai.jun.jul.ago.
Pedra da Saúde	Papa-terra, Carapeba	nov.dez.jan.fev.mar.
Pedra da Vara	Robalo	mai.jun.jul.ago.
Bastião Gonçalves	Camarão	set.out.nov.dez.
Pedra do Mero	Xangó	O ano todo.
Canavieiras	Dentão, Cioba	dez.jan.fev.
Ubaibim	Cioba	dez.jan.fev.
	Corvina	abr.mai.jun.jul.ago.
	Guaricema, Dentão, Cioba	abr.mai.jun.jul.
	Robalinho, Carapebinha, Pescado	dez.jan.fev.
	Para-terra, Pescado, Robalo	dez.jan.fev.mar.

11 B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Caravelas

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Largo	Canguá, Robalo	nov.dez.jan.fev.
Rio do Norte	Canguá, Tainha	mar.abr.mai.jun.jul.
Peroba	Badejo, Robalo	abr.mai.jun.
Boca de Pernambuco	Canguá	jan.fev.mar.abr.mai.
A Barra do Toninho	Pixima, Pescada, Canapú	jan.fev.mar.
Baixio	Pixima, Pescada, Canapú	jan.fev.mar.
Boca da Barra	Bagre, Griamen, Sauara	set.out.nov.dez.
Lagoa do Morobá	Bagre	set.out.nov.dez.jan.fev.
	Griaman	jun.jul.ago.
	Traíra	O ano todo.
	Jundiá	jan.fev.mar.

12. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Nova Viçosa

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Coroa	Griacó	mai.jun.jul.ago.set.
Sueste da Coroa	Guaricema	set.out.nov.dez.
A Ponta do Nordeste	Biquara	O ano todo.
Saco do Leste	Biquara	O ano todo.
Siriba	Guaricema	set.out.nov.dez.
Sebastião Gomes	Sarda	dez.jan.
Coroa Vermelha	Biquara	O ano todo.
	Griacó	mai.jun.jul.ago.set.out.
	Guaricema	set.out.nov.dez.
	Griacó	mai.jun.jul.ago.set.out.
	Griacó	mai.jun.jul.ago.set.out.
	Guaricema	set.out.nov.dez.
	Sarda, Cação, Albacora	O ano todo.
	Sarda, Biquara	O ano todo.
	Cação	dez.jan.fev.mar.
	Albacora	dez.jan.fev.
	Dentão	jan.fev.mar.abr.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Nova Viçosa – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Coroa Vermelha (cont.)		
Os Baixos	Griacó, Guaricema Sarda, Cação Guaricema, Albacora Griacó, Biquara	abr.mai.jun.jul. jan.fev.mar.abr.mai.jun.jul.dez. mar.abr.mai.jun.jul. abr.mai.jun.jul.
Sebastião Homem	Sarda, Cação, Albacora, Guaricema	mar.abr.mai.jun.jul.
Arrecife dos Baixos	Sarda Dentão Biquara	fev.mar. jan.fev. O ano todo.
Beira Costa	Pescadinha Sarda Camarão	jul.ago.set.out.nov.dez. dez.jan. ago.set.out.nov.dez.
Boca da Barra	Cação, Sarda	dez.jan.fev.
Tatiba	Guaricema, Guaraiuba	jun.jul.
As 18	Guaricema, Griacó	jun.jul.
Pedraão	Guaiuba, Guaricema	jun.jul.
Pratigi	Roncador	dez.jan.fev.
Duro	Bagre, Roncador	dez.jan.fev.
Lama	Griaman, Roncador	dez.jan.fev.
Bugachau	Griacó	O ano todo.
Baixos de Fora	Guaricema, Pandeiro	set.out.
Água Morta	Griacó	O ano todo.
Coroa de Areia Profunda	Pandeiro, Guaricema Griacó	set.out. O ano todo.
Pedra Grande	Bagre, Pixima	O ano todo.
Pedra Pixima	Griacó, Cação	nov.dez.jan.fev.
Gameleira	Bagre, Roncador	O ano todo.
Duro dos Coqueiros	Bagre, Sarda Pixima, Roncador	O ano todo. nov.dez.jan.fev.
Duro da Gameleira	Bagre, Pixima, Cação, Sarda	O ano todo.
Coqueiro	Bagre, Roncador Cação	dez.jan.fev.mar. jan.fev.mar.abr.
Berenice	Sarda Cação, Bagre, Roncador	jan. jan.fev.mar.abr.
Costa	Bagre Roncador, Samucanga Cação	jan.fev.mar.abr. dez.jan. jan.fev.mar.abr.
Ilha dos Abrolhos	Badejo Biquara	dez.jan.fev.mar. jan.fev.
Barra de Nova Viçosa	Sarda, Cação	O ano todo.
Pedra de Venancio	Saiúva, Garoupa	O ano todo.
Pedra Poupa Verde	Saiúva, Garoupa, Badejo	O ano todo.
Praia do Norte	Sarda, Cação, Camarão	abr.mai.jun.jul.ago.set.out.nov.
Praia do Sul	Sarda, Cação, Camarão	abr.mai.jun.jul.ago.set.out.nov.
Pedras	Guaricema, Griacó, Biquara, Sarda	mar.abr.mai.jun.jul.

13 A. Pesqueiros existentes no litoral e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Mucuri

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Cascalho	Bagre, Roncador Sauara Griacó	jan.fev. mai abr.mai.jun.jul.ago.set.
Do Sobrado	Griacó, Pixima, Bagre, Sauara	nov.dez.
Pedras do Sul	Griacó, Biquara, Peroá, Garoupa Guaricema Sarda	mar.abr.mai.jun.jul. abr. jun.jul.
Pedra de João Pequeno	Pixima Sarda, Bagre	mar.abr.mai.jun.jul. ago.set.out.nov.dez.

Pesqueiros existentes no litoral – Município de Mucuri – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Pedra de Fora	Griacó, Sargo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set. out.nov.
Baixo	Garoupa, Vermelho	mar.abr.mai.jun.jul.ago.
	Biquara, Guaricema	mar.abr.mai.jun.jul.
	Guaiuba, Realito	abr.mai.jun.jul.
	Guaricema	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.out.
	Sarda	abr.mai.jun.jul.
Cascalho do Roxo	Peroá	ago.set.out.
	Griacó, Anchova	mar.abr.mai.jun.jul.
	Sauara, Cação, Corvina, Bagre	set.out.nov.dez.
Cascalho do Norte	Pescada	nov.dez.jan.fev.
	Sauara, Roncador	fev.
Pedro Romano	Griacó, Biquara	abr.mai.jun.
João Paulo	Griacó, Biquara	abr.mai.jun.
Cascalho da Barra	Bagre, Roncador	O ano todo.
Cascalho de Pimenta	Bagre, Sauara, Pixima	O ano todo.
Cascalho da Paca	Pescadinha, Bagre	out.nov.dez.jan.fev.mar.
Cascalho da Jacutinga	Pescadinha, Bagre	out.nov.dez.jan.fev.mar.
As Pedras de João Paulo	Pescada	jan.
	Sarda	fev.
Norte	Cação	dez.

13 B. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores entrevistados no Município de Mucuri

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
Boca do Cajueiro Riacho Grande	Robalo, Carapeba	abr.mai.jun.
	Robalo, Piau	abr.mai.jun.ago.set.out.
	Cangana	abr.mai.jun.
	Pratibu, Piabanha	ago.set.out.
Trapixo	Robalo, Ticupa	abr.mai.jun.
	Carapeba, Robalo	abr.mai.jun.
Salivas	Cangana, Robalo	abr.mai.jun.
Baltão	Robalo, Carapeba	abr.mai.jun.
Boca de Salina Cajueiro	Robalo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Piau	ago.set.out.nov.dez.
Chicão	Robalo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
	Robalo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Roxo	Robalo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Poste	Robalo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Baetinha	Robalo	mar.abr.mai.jun.jul.ago.set.
Pedra de Mané Branco Mucurizinho	Robalo, Piau, Crumatá	mar.abr.mai.jun.jul.
	Cação de água doce, Espadarte, Robalo	jun.jul. set.out.
Lagoa do Furado	Bagre Traíra	mar.abr.mai.jun.jul.

14. Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários e mais utilizados pelos pescadores no Município de Gongogi

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
A Bacia	Acari	mai.jun.jul.ago.
	Pitu	O ano todo.
	Piaú, Traíra	ago.set.out.nov.dez.jan.fev.mar.

Pesqueiros existentes nos rios, lagoas e estuários – Município de Gongogi – (cont.)

<i>Pesqueiros</i>	<i>Peixes mais comuns</i>	<i>Época de maior ocorrência</i>
O Bodinho	Ácari Pitu Piaú, Trafra	mai.jun.jul.ago. O ano todo. ago.set.out.nov.dez.jan.fev.mar.
Tambaque	Piaú, Trafra Acari Pitu Crumatá	ago.set.out.nov.dez.jan.fev.mar. mai.jun.jul.ago. O ano todo. set.out.nov.dez.jan.fev.mar.

ANEXO 4

IMPORTAÇÃO DE PESCADO



Listagem dos Municípios que importam pescado:

- 1 – Ilhéus
- 2 – Jequié
- 3 – Valença
- 4 – Itajuípe
- 5 – Itabuna
- 6 – Nazaré das Farinhas
- 7 – Camacã
- 8 – Ipiaú
- 9 – Gandú
- 10 – Ubaitaba
- 11 – Coaraci
- 12 – Ibirapitanga
- 13 – Jitaúna
- 14 – Jaguaquara
- 15 – Itiruçu
- 16 – Itamarí
- 17 – Itagí
- 18 – Manoel Vitorino
- 19 – Itagibá
- 20 – Aiquara
- 21 – Boa Nova
- 22 – Poçoões
- 23 – Dário Meira
- 24 – Mutuípe
- 25 – Mascote
- 26 – Pau Brasil
- 27 – Ibicará
- 28 – Itambé
- 29 – Potiraguá
- 30 – Uruçuca
- 31 – Una
- 32 – Ubaíra
- 33 – Ubatã
- 34 – Jiquiriçá
- 35 – Canavieiras
- 36 – Cravclândia
- 37 – Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália (Eunápolis)
- 38 – Canavieiras (Santa Luzia)
- 39 – Ibiratama
- 40 – Itapetinga
- 41 – Aurelino Leal

1. Importação de pescado pelo Município de Ilhéus

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Corvina	146.491	158.249	140.270
Anchova	67.797	214.915	148.690
Merluza	25.552	77.235	113.260
Pescada	13.340	15.940	5.620
Peixe em lata	12.965	—	432
Bagre	7.252	10.025	11.020
Miragaia	7.018	28.375	16.650
Diversos	6.198	—	—
Pampo	5.217	9.359	16.100
Traíra	3.360	—	—
Tainha	3.200	48.400	—
Jundiá	3.200	2.920	—
Savelha	2.857	12.935	5.600
Pargo	1.440	—	—
Castanha	700	420	1.500
Peixe salgado	570	—	—
Camarão	64	24	—
Voga	—	9.700	—
Brotea	—	2.000	—
Sardinha	—	2.000	68.000
Borriquete	—	1.100	—
Peixe Rei	—	360	—
Arraia	—	20	—
Total:	307.221	593.877	527.142

2. Importação de pescado pelo Município de Jequié

Espécie	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	66.195	87.980	51.172
Peixe seco	50.530	15.478	—
Baleia	45.050	43.100	51.090
Anchova	32.423	41.900	126.865
Bagre	18.750	60.640	34.800
Corvina	14.509	2.260	37.818
Pescada	7.800	9.420	18
Sardinha	6.936	4.745	6.935
Merluza	6.135	22.750	—
Pirarucu	5.050	—	11.100
Diversos	2.650	4.350	1.720
Peixe em lata	2.112	—	—
Pampo	1.868	1.362	33.390
Savelha	1.554	4.378	102
Castanha	630	472	300
Salgado	500	—	—
Camarão	225	—	120
Miragaia	—	9.575	6.550
Tainha	—	4.000	—
Papa Terra	—	660	330
Peixe Rei	—	120	60
Jundiá	—	—	525
Total:	262.917	313.190	362.895

3. Importação de pescado pelo Município de Valença

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	42.600	36.000	6.400
Pescada	22.000	6.000	22.000
Bagre	18.000	7.000	26.000
P. Branco	1.500	3.000	1.166
Baleia	1.200	300	300
Salgado	600	4.080	36.070
Tainha	—	10.000	—
Corvina	—	1.200	61.392
Paixe Seco	—	450	—
Anchova	—	—	105.000
Pampo	—	—	35.380
Castanha	—	—	15.000
Miragaia	—	—	5.500
Total:	85.900	68.030	314.208

4. Importação de pescado pelo Município de Itajuípe

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	35.600	52.460	112.200
Corvina	16.480	13.180	17.200
Merluza	9.000	4.930	16.900
Miragaia	2.500	6.880	1.920
Pescada	2.400	9.800	4.000
Diversos	2.218	—	—
Bagre	600	1.572	4.120
Castanha	560	180	180
Tainha	2.200	42.600	—
Peixe em lata	1.381	—	440
Savelha	200	760	17.790
Pampo	160	—	22.200
Voga	—	2.000	—
Arraia	—	300	120
Peixe Rei	—	—	600
Viúva	—	—	140
Total:	73.299	134.662	197.810

5. Importação de pescado pelo Município de Itabuna

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Pescada	24.960	22.990	1.900
Anchova	18.537	35.353	63.770
Peixe em lata	13.480	—	4.124
Merluza	7.257	5.933	25.020
Corvina	6.644	36.553	50.500
Bagre	6.247	5.233	2.400
Miragaia	3.658	7.133	1.100
Savelha	2.857	3.333	1.730
Tainha	1.500	11.480	—
Pampo	2.957	4.533	200
Diversos	1.492	—	1.110
Castanha	484	—	—
Peixe redondo	476	—	—
Camarão	324	210	420
Peixe salgado	130	—	—
Borriquete	—	2.000	—
Jundiá	—	1.420	—
Total:	91.003	136.171	152.274

6. Importação de pescado pelo Município de Nazaré

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Pescada	6.000	5.540	10.000
Corvina	—	17.400	16.000
Anchova	—	10.000	38.500
Tainha	—	5.000	—
Bagre	—	—	10.000
Pampo	—	—	10.000
Castanha	—	—	4.000
Total:	6.000	37.940	79.500

7. Importação de pescado pelo Município de Camacã

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	54.934	27.198	42.930
Corvina	26.645	9.473	300
Peixe em lata	16.541	—	216
Bagre	16.232	19.533	6.328
Miragaia	12.963	8.413	4.200
Merluza	11.017	3.717	—
Bacalhau	5.940	7.200	2.415
Savelha	3.331	3.333	—
Diversos	3.890	—	—
Pampo	2.977	4.433	2.300
Tainha	2.744	11.855	2.688
Sardinha	800	2.250	2.150
Peixe redondo	450	450	270
Pescada	2.085	2.770	11.340
Camarão	240	120	—
Castanha	—	680	—
Total:	160.789	101.425	75.137

8. Importação de pescado pelo Município de Ipiatã

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.115	6.788	3.941
Crumatá	4.100	4.100	4.650
Peixe seco	3.898	1.197	—
Baleia	3.482	3.332	3.930
Traíra	2.050	2.050	2.325
Surubim	2.050	2.050	2.325
Anchova	1.267	11.628	9.391
Corvina	989	88	1.995
Sardinha	555	389	539
Peixe em lata	528	—	—
Pirarucu	418	—	864
Merluza	407	742	—
Bagre	246	932	840
Diversos	214	342	136
Pescada	144	9.240	6
Castanha	54	—	34
Peixe salgado	44	—	—
Savelha	42	130	4
Pampo	24	414	328
Peixe branco	—	3.000	1.170
Miragaia	—	135	374
Jundiá	—	—	45
Papa Terra	—	—	30
Peixe Rei	—	—	12
Total:	25.627	46.557	32.939

9. Importação de pescado pelo Município de Gandu

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Peixe branco	1.500	3.000	1.166
Diversos	—	15.220	5.900
Bacalhau	—	12.500	21.330
Anchova	—	6.300	750
Sardinha	—	3.900	520
Pirarucu	—	1.350	—
Pescada	—	600	—
Corvina	—	300	—
Pampo	—	—	750
Total:	1.500	43.170	30.416

10. Importação de pescado pelo Município de Ubaitaba

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	5.957	3.333	15.100
Corvina	5.157	3.943	400
Bagre	3.992	4.333	—
Merluza	3.257	3.333	2.000
Miragaia	2.858	3.933	2.000
Pampo	2.857	3.333	3.000
Savelha	2.857	3.333	—
P. em lata	2.102	—	956
Tainha	—	3.920	—
Traíra	—	400	—
Jundiá	—	400	—
Total:	29.037	30.261	23.456

11. Importação de pescado pelo Município de Coaraci

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Corvina	14.997	8.463	4.750
Anchova	7.377	10.133	4.800
Miragaia	3.658	4.733	500
Pampo	3.557	3.333	—
Bagre	3.057	3.953	—
Merluza	2.857	3.453	3.700
Peixe em lata	1.633	—	—
Diversos	900	—	555
Tainha	400	5.200	—
Pescada	1.000	3.420	2.440
Savelha	3.157	3.333	—
Borriquete	—	120	—
Camarão	—	—	120
Total:	42.593	46.141	16.865

12. Importação de pescado pelo Município de Ibirapitanga

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Peixe em lata	345	—	324
Bagre	242	909	830
Pescada	138	230	1
Diversos	203	334	132
Castanha	48	—	23
Peixe salgado	38	—	—
Savelha	36	130	2
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Papa Terra	—	—	25
Jundiá	—	—	40
Peixe Rei	—	—	4
Total:	17.058	15.879	15.338

13. Importação de pescado pelo Município de Jitaúna

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Pata Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

14. Importação de pescado pelo Município de Jaguaquara

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

16. Importação de pescado pelo Município de Itamarí

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

15. Importação de pescado pelo Município de Itiruçu

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

17. Importação de pescado pelo Município de Itagi

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

18. Importação de pescado pelo Município de Manoel Vitorino

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

20. Importação de pescado pelo Município de Aiquara

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

19. Importação de pescado pelo Município de Itagibá

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

21. Importação de pescado pelo Município de Boa Nova

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

22. Importação de pescado pelo Município de Poções

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

23. Importação de pescado pelo Município de Dário Meira

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Bacalhau	5.090	6.766	3.936
Peixe Seco	3.886	1.190	—
Baleia	3.464	3.314	3.930
Anchova	1.249	1.609	3.132
Corvina	960	76	984
Sardinha	532	363	533
Pirarucu	411	—	853
Merluza	394	734	—
Bagre	242	909	830
Diversos	203	334	132
Pescada	138	230	—
Castanha	48	—	24
Peixe salgado	38	—	—
Pampo	22	104	316
Miragaia	—	120	273
Jundiá	—	—	40
Papa Terra	—	—	29
Peixe Rei	—	—	—
Total:	16.677	15.749	15.012

24. Importação de pescado pelo Município de Mutuípe

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Baleia	3.600	4.120	4.120
Sardinha	3.000	3.240	3.240
Corvina	2.400	2.760	2.760
Pirarucu	1.200	1.380	1.380
Anchova	800	800	800
Bagre	480	560	560
Pescada	240	280	280
Total:	11.720	13.140	13.140

25. Importação de pescado pelo Município de Mascote

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	7.288	3.245	6.855
Bagre	3.435	514	2.373
Corvina	2.050	525	60
Bacalhau	1.755	1.545	609
Merluza	660	144	—
Pescada	495	852	696
Tainha	331	1.201	876
Sardinha	300	800	710
Miragaia	262	780	415
Savelha	94	—	—
Peixe redondo	90	90	54
Castanha	—	255	—
Pampo	—	—	100
Total:	16.760	9.951	12.748

26. Importação de pescado pelo Município de Pau Brasil

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	7.288	3.245	6.855
Bagre	3.435	514	2.376
Corvina	2.050	525	60
Bacalhau	1.755	1.545	609
Merluza	660	144	—
Pescada	495	852	696
Tainha	331	1.201	876
Sardinha	300	800	710
Miragaia	262	780	415
Savelha	94	—	—
Peixe radondo	90	90	54
Castanha	—	255	—
Pampo	—	—	100
Total:	16.760	9.951	12.748

27. Importação de pescado pelo Município de Ibicará

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Corvina	16.770	3.950	5.400
Anchova	7.200	3.000	3.800
Miragaia	3.600	400	—
Peixe em lata	1.238	—	—
Diversos	540	—	—
Tainha	500	1.000	—
Merluza	480	—	3.000
Bagre	300	150	—
Peixe salgado	50	—	—
Pescada	—	360	—
Total:	30.678	8.860	12.200

28. Importação de pescado pelo Município de Itambé

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	5.055	4.565	5.920
Bagre	2.410	1.844	1.582
Corvina	1.432	1.970	60
Bacalhau	1.350	1.470	519
Merluza	480	96	—
Pescada	405	582	516
Tainha	241	10.951	635
Sardinha	200	550	510
Miragaia	175	920	290
Savelha	98	—	—
Peixe redondo	90	90	54
Castanha	—	170	—
Pampo	—	—	100
Total:	11.936	23.208	10.186

29. Importação de pescado pelo Município de Potiraguá

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	10.468	1.360	3.870
Corvina	2.938	310	—
Bagre	2.050	220	1.582
Bacalhau	810	150	180
Pescada	780	540	360
Tainha	582	500	485
Peixe em lata	476	—	—
Sardinha	200	500	400
Merluza	360	96	2.800
Miragaia	176	520	250
Castanha	—	170	—
Total:	18.840	4.366	9.927

30. Importação de pescado pelo Município de Uruçua

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	6.200	4.000	750
Peixe em lata	1.610	—	—
Camarão	240	—	20
Corvina	—	4.800	2.000
Pescada	—	1.080	300
Tainha	—	—	3.000
Cação	—	—	1.200
Merluza	—	—	1.000
Diversos	—	—	222
Total:	8.050	9.880	8.492

31. Importação de pescado pelo Município de Una

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	4.467	1.360	3.870
Corvina	2.837	310	200
Bagre	2.050	220	1.702
Bacalhau	810	150	180
Merluza	360	96	200
Sardinha	200	500	400
Tainha	181	500	485
Pescada	180	540	360
Miragaia	175	520	250
Castanha	—	170	—
Total:	11.260	4.366	7.647

32. Importação de pescado pelo Município de Ubaíra

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Baleia	2.400	2.760	2.760
Sardinha	2.000	2.300	2.300
Corvina	1.200	1.380	1.380
Anchova	400	460	460
Pescada	336	386	386
Total:	6.336	7.286	7.286

33. Importação de pescado pelo Município de Ubatã

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Pescada	9.000	1.540	—
Anchova	7.920	9.000	2.000
Peixe em lata	2.264	—	—
Pampo	2.000	200	—
Bagre	2.000	2.400	1.000
Peixe branco	1.500	2.000	1.166
Corvina	1.000	5.000	1.000
Merluza	1.000	—	—
Peixe salgado	100	—	—
Camarão	72	—	—
Tainha	—	2.000	—
Arraia	—	180	—
Miragaia	—	—	2.000
Total:	26.856	22.320	7.166

34. Importação de pescado pelo Município de Jiquiriçá

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Baleia	1.920	2.208	2.208
Sardinha	1.200	1.380	1.380
Corvina	1.000	1.150	1.150
Anchova	400	460	460
Bagre	240	276	276
Pescada	240	276	276
Total:	5.000	5.750	5.750

35. Importação de pescado pelo Município de Canavieiras

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	2.588	1.205	2.050
Bagre	1.560	184	—
Corvina	1.195	60	60
Peixe em lata	552	—	—
Bacalhau	540	1.320	339
Merluza	420	—	—
Diversos	360	—	—
Pescada	225	582	156
Savelha	94	—	—
Peixe redondo	90	90	54
Camarão	72	—	—
Tainha	60	451	150
Sardinha	—	50	110
Miragaia	—	—	40
Pampo	—	—	100
Total:	7.756	3.942	3.059

36. Importação de pescado pelo Município de Cravolândia

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Baleia	1.200	1.200	1.380
Corvina	480	480	552
Sardinha	400	400	460
Pirarucu	360	360	414
Total:	2.440	2.440	2.806

37. Importação de pescado pelos Municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália (Eunápolis)

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	400	200	—
Corvina	—	4.240	—
Merluza	—	1.600	2.000
Pescada	—	540	480
Bagre	—	400	—
Arraia	—	100	—
Miragaia	—	100	—
Total:	400	7.180	2.480

38. Importação de pescado pelo Município de Canavieiras (Santa Luzia)

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	2.988	1.205	1.050
Peixe em lata	1.150	—	—
Bagre	360	184	—
Bacalhau	540	1.320	339
Pescada	225	42	156
Corvina	195	60	60
Merluza	120	—	—
Savelha	94	—	—
Peixe redondo	90	90	54
Tainha	60	451	150
Sardinha	—	50	110
Pampo	—	—	100
Miragaia	—	—	40
Total:	5.822	3.402	2.059

39. Importação de pescado pelo Município de Ibirataia

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	4.320	—	—
Peixe branco	1.500	3.000	1.166
Peixe em lata	230	—	—
Total:	6.050	3.000	1.166

40. Importação de pescado pelo Município de Itapetinga

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	2.857	3.333	600
Corvina	2.857	3.333	—
Merluza	2.857	3.333	—
Bagre	2.857	3.333	—
Pampo	2.857	3.333	—
Savelha	2.857	3.333	—
Miragaia	2.857	3.333	—
Peixe em lata	1.288	—	—
Pescada	—	—	200
Camarão	—	300	—
Total:	21.287	23.631	800

41. Importação de pescado pelo Município de Aurelino Leal

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Anchova	1.400	1.000	—
Merluza	1.360	400	—
Bagre	1.000	1.840	—
Corvina	1.000	2.220	—
Peixe em lata	906	—	—
Pescada	—	1.000	—
Tainha	—	600	—
Total:	5.666	7.060	—

42. Importação de pescado por outros Municípios

Espécies	1969 (Kg)	1970 (Kg)	1971 (Kg)
Peixe branco	9.000	—	1.166
Anchova	1.200	4.600	4.000
Camarão	442	57	360
Peixe em lata	441	—	—
Merluza	400	—	2.200
Bagre	100	—	5.120
Peixe salgado	60	—	—
Pescada	—	8.370	17.660
Corvina	—	1.200	5.800
Tainha	—	400	—
Pampo	—	—	20.000
Castanha	—	—	12.000
Miragaia	—	—	400
Vermelho	—	—	160
Garoupa	—	—	50
Cavala	—	—	50
Total:	11.643	14.627	68.966

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

01. BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, Recife. *Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980*. Recife, 1971. V.3, t.3
02. BARCELOS, Boaventura Nogueira – *Informe geral sobre a pesca no Rio Grande do Sul*. 1966
03. BOLETIM DE ESTUDOS DE PESCA. Recife, V.3, n.6, nov/dez. 1963
04. BOLETIM DE ESTUDOS DE PESCA. Recife, V. 4, n. 4, jul/ago. 1964
05. BOLETIM DE ESTUDOS DE PESCA. Recife, V. 4, n. 5, set/out. 1964
06. BOLETIM DE ESTUDOS DE PESCA. Recife, V. 4, n. 6, nov/dez. 1964
07. BOLETIM DE ESTUDOS DE PESCA. Recife, V. 7, n. 2, mai/jun. 1967
08. BRASIL. Departamento Nacional de Obras
contra as Secas. *Relatório das atividades desenvolvidas pelo Serviço de Pesca e Piscicultura*. Fortaleza, 1972.
09. CEPESCA/SUDENE. *Estatística da pesca marítima do Estado do Ceará*. Fortaleza, 1972.
10. CRUZ, Levy. *As migrações para Recife – IV*. Recife, 1961
11. MENEZES, Ruy Simões de, et al. *Problemas da pesca no Nordeste em Pernambuco*. Recife, 1975.
12. SUDENE. *Condições sociais e econômicas do pescador artesanal e aspectos da evolução da atividade pesqueira em Santa Catarina*. Florianópolis, 1966. Acordo de Pesca Est. SC.
13. SUDENE. *Algumas sugestões para construções e manutenção de viveiros em águas estuarinas do Nordeste brasileiro*. Recife, 1970.



